

Inter-relações escola, família e comunidade: um estudo num Agrupamento de Escolas de Leiria

Relatório de Projeto

Priscila Morales Pereira

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Isabel Sofia Godinho da Silva Rebelo

Professora Doutora Susana Alexandre dos Reis

Leiria, Setembro de 2022

Mestrado em Ciências da Educação – Gestão Escolar

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo privilégio de concluir mais este ciclo.

A minha família, que acompanhou esta trajetória e deu o suporte necessário.

As minhas orientadoras, que a todo momento foram compreensíveis e incansáveis.

Muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho pretende identificar iniciativas de inter-relação escola, família e comunidade e apresentar os benefícios dessas inter-relações para o desenvolvimento integral do aluno. A participação e envolvimento parental e comunitário na escola é visto como essencial para a aprendizagem dos alunos, assim, este estudo procura identificar as várias iniciativas e parcerias desenvolvidas por um Agrupamento de escolas de Leiria que está no constante processo de aproximação escola, família e comunidade. Nesta perspectiva e com base nos dados recolhidos para este estudo, o desenvolvimento integral dos alunos do Agrupamento é muito beneficiado através das iniciativas de participação e envolvimento parental e comunitário e das parcerias estabelecidas entre o Agrupamento e entidades sociais, também os demais intervenientes são abrangidos por estes benefícios tendo a oportunidade de acesso à informação, capacitação e melhoria do contexto em que vivem.

Palavras chave

Aluno, Comunidade, Escola, Família, Inter-relações

ABSTRACT

The present work intends to identify initiatives of school, family and community interrelation and to present the benefits of these interrelationships for the integral development of the student. Parental and community participation and involvement at school is seen as essential for student learning, so this study seeks to identify the various initiatives and partnerships developed by a group of schools in Leiria that is in the constant process of bringing school, family and community together. . In this perspective and based on the data collected for this study, the integral development of the students of the Group is greatly benefited through the initiatives of parental and community participation and involvement and the partnerships established between the Group and social entities. These benefits by having the opportunity to access information, train and improve the context in which they live.

Keywords

Student, Community, School, Family, Interrelationships

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral	v
Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	3
1.1. Perspectivas e conceitos sobre a escola, família e a comunidade	3
1.1.1. A escola	3
1.1.2. A família.....	6
1.1.3. A escola e família: inter-relações em construção.....	8
1.1.4. A comunidade.....	11
1.1.5. Escola e comunidade: uma parceria em redes.....	13
1.2. Breve abordagem legislativa sobre as inter-relações da escola, família e comunidade em Portugal.....	16
1.3. Família e comunidade na escola: os benefícios para o desenvolvimento integral do aluno e demais intervenientes.....	22
1.3.1. Tipos de participação da família e comunidade no contexto escolar.....	24
Capítulo II - Metodologia.....	30
2.1. Tipo de estudo.....	30
2.2. Breve descrição do contexto de estudo.....	30

2.3. Técnicas de recolha de dados.....	32
2.3.1. Análise documental.....	32
2.3.2. Entrevistas.....	33
2.3.2.1 Revisão da literatura sobre o instrumento aplicado (guião de entrevista)	33
2.3.2.2. Definição do grupo e preparação da entrevista.....	34
2.3.2.3. O guião e a realização da entrevista.....	35
2.4. Tratamento de dados.....	35
Capítulo III - Apresentação, análise e discussão de resultados.....	37
3.1. Razões que justificam a implementação de projetos.....	37
3.2.Principais tipologias de envolvimento parental e da comunidade no Agrupamento	38
3.3. Projeto de ação social - uma parceria importante para o Agrupamento.....	41
3.3.1. Resultados do trabalho desenvolvido pelo projeto.....	45
3.3.2. Constrangimentos identificados pelo projeto.....	46
3.4. As inter-relações escola, família e comunidade durante a pandemia.....	48
3.5. Análise e resultados das iniciativas de inter-relacionamento escola, família e comunidade na promoção do desenvolvimento integral dos alunos - a perspectiva do Diretor do Agrupamento.....	50
4. Conclusões.....	53
4.1. Considerações finais.....	53
4.2. Limitações de estudo.....	54
4.3. Perspetivas futuras.....	55
Bibliografia.....	56
Apêndices	57

Apêndice 1 – Análise documental	2
Apêndice 2 – Guiões das entrevistas	11
Apêndice 3 - Transcrição das entrevistas.....	21

INTRODUÇÃO

Quando olhamos para a escola, pode-se observar que o objetivo é fornecer uma educação de qualidade que possa contribuir para o desenvolvimento do aluno, não só no âmbito acadêmico mas também, em seu crescimento enquanto cidadão. Para isso, a escola deve ser estruturada nos parâmetros da democracia, participação, comunicação e parceria entre professores, funcionários, alunos, famílias e comunidade. Neste contexto, não é de hoje que muitos estudos sobre as inter-relações escola, família e comunidade apresentam indicadores positivos na implementação de projetos e iniciativas que procuram promover a participação e o envolvimento da família e da comunidade na escola e com isto, contribuir no sucesso escolar do aluno e da própria escola, beneficiar as famílias e a comunidade.

Henderson e Mapp (2002) pontuam que o envolvimento dos pais, encarregados de educação e comunidade na escola, produzem grande impacto no desempenho do estudante tanto nos resultados de ordem cognitiva quanto no comportamento, e na melhoria, em geral, de habilidades sociais. Este envolvimento é também um tema relevante no âmbito das políticas educativas, referido por exemplo, na Recomendação n.º 2/2015, de 25 de março, do Conselho Nacional da Educação (CNE, 2015) que destaca o envolvimento, participação e compromisso das famílias como parâmetro fundamental para a melhoria do desempenho do educando e o combate ao insucesso escolar, recomendando-se então, que a escola deve “Adotar práticas de envolvimento e corresponsabilização parental no processo educativo; Valorizar o papel dos representantes parentais nos órgãos de gestão/estruturas das escolas e das associações parentais” (CNE, 2015).

Como é notado, o envolvimento e participação da família e também da comunidade no contexto educativo proporciona melhorias e vantagens para a aprendizagem e para o desenvolvimento do aluno. É neste sentido que surge a problemática deste estudo.

Estudos sobre a importância das relações e/ou inter-relações da escola, família e comunidade e várias indicações pedagógicas, sociológicas e governamentais são considerados documentos norteadores sobre este tema, apresentando reflexões importantes sobre a efetivação dessas inter-relações no terreno e determinando-se por

variáveis do contexto escolar, das famílias e dos recursos da comunidade, bem como da capacidade da mobilização dos recursos internos e externos das escolas e pelas suas lideranças. Dessa maneira, muitas escolas e Agrupamentos estão em busca das melhores ações que vem de encontro as necessidades da comunidade educativa, experimentam muitos projetos que lhes proporcione base para discernir o que é assertivo e o que produz resultados.

E assim, surge a pergunta de partida deste projeto de investigação: De que forma as inter-relações escola, família e comunidade beneficia o desenvolvimento integral dos alunos de um Agrupamento de escolas de Leiria?

Com o intuito de responder a pergunta desta investigação, foi estabelecido os seguintes objetivos:

- Identificar as principais iniciativas de participação e envolvimento parental desenvolvidas pelo Agrupamento;
- Compreender a parceria estabelecida entre o Agrupamento e um projeto de ação social;
- Analisar a avaliação feita pelo Diretor do Agrupamento e pela Coordenadora do projeto de ação social sobre os resultados das inter-relações escola, família e comunidade no desenvolvimento integral do aluno.

Com o propósito de cumprir os objetivos definidos para este estudo, escolhemos para este trabalho o método descritivo simples. O trabalho está estruturado em três capítulos:

No Capítulo I apresentamos conceitos sobre escola, família e comunidade, a evolução e as mais-valias das inter-relações da escola, família e comunidade e os tipos de participação e envolvimento parental e comunitário.

O Capítulo II apresenta o tipo de estudo, técnicas de análise de dados, a preparação e realização das entrevistas, a descrição do contexto educativo do Agrupamento e do contexto do projeto de ação social e o tratamento de dados.

No Capítulo III apresentamos a análise e discussão dos resultados obtidos através da análise documental e das entrevistas. Ainda nesta secção, sintetizamos os principais pontos deste estudo para responder a pergunta de investigação.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este capítulo encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte apresentam-se conceitos específicos sobre escola, família e comunidade. Na segunda parte apresenta-se a evolução das inter-relações entre escola, família e comunidade baseada na abordagem legislativa do contexto educacional Português. Concluímos este capítulo apresentando, na terceira parte, as mais-valias que estas inter-relações proporcionam aos intervenientes vinculados ao Agrupamento, como: alunos, professores, pais e encarregados da educação e comunidade local; e também, os tipos de participação e envolvimento destes intervenientes, que no momento atual, nos parecem de maior relevância.

1.1. PERSPECTIVAS E CONCEITOS SOBRE A ESCOLA, FAMÍLIA E A COMUNIDADE

Vive-se hoje em uma sociedade que é resultado de inúmeras transformações culturais, étnicas, económicas, organizacionais e sociais. Somos a geração que tem fácil acesso à informação, à ciência, ao conhecimento científico, tecnológico e encontramos inúmeras formas para aprender e desenvolver competências. Nesta perspectiva consideram-se três contextos que, interligados entre si, desempenham um papel importante para o desenvolvimento de cada pessoa: a escola, a família e a comunidade. É impossível separar estas três partes quando as crianças e jovens são alunos, filhos e cidadãos ao mesmo tempo.

1.1.1. A ESCOLA

A educação acontece ao longo da vida e é resultado das interações que mantemos com o meio natural e também social. A escola tem sido uma forte base para o

desenvolvimento coletivo, mas tem também surgido como resposta a emergências sociais. É o lugar onde ocorre a mediação do conhecimento científico, cultural e social, tendo como objetivo articular e sistematizar a teoria e o senso comum, proporcionar uma base sólida de saberes e o desenvolvimento de capacidades e atitudes, permitindo a quem a frequenta alcançar outros níveis de conhecimento e, de modo geral, de desenvolvimento pessoal e social.

A escola é reflexo da sociedade e a sua transformação é resultado da transformação social. Com base no contexto histórico, a escola passou por processos de rupturas que permitiram novas configurações ao sistema escolar. Canário (2005) considera relevantes três domínios distintos que a caracterizam, ao indicar que “a escola é uma forma, é uma organização e é uma instituição” (p. 62).

Por muito tempo, a forma escolar foi determinada por processos tradicionais, hierárquicos e autoritários de ensino, de cariz transmissivo, baseada na “revelação”, em que o professor que sabe ensina aos alunos que não sabem, na “cumulatividade”, aprendendo-se através da acumulação de informações e na “exterioridade” relativamente aos sujeitos, não dando continuidade à experiência individual e social, aos saberes que estão para além do domínio da ação educativa conferido à escola. Com a modernização dos sistemas educativos, identificou-se a necessidade de modificar o conceito de ensinar como transferência de conhecimento. Instituiu-se, pelo menos em termos dos princípios teóricos e nos documentos curriculares oficiais, uma outra forma escolar, ou seja, uma outra forma de ensinar e aprender, uma forma escolar baseada em relações sociais entre os sujeitos. Passou-se a “considerar a experiência de quem aprende como o principal recurso para sua formação. Significa, em termos da produção do saber, privilegiar as perguntas por oposição às soluções, ou seja, centrar o conhecimento em processo de pesquisa” (Canário, 2006, p. 18), dessa maneira, utilizando a relação social como estratégia de aprendizagem, assim como o processo natural de descoberta, a tentativa de acerto e erro do educando e a curiosidade do mesmo.

A escola como organização apresenta-se num universo de diferentes conceitos, não sendo fácil dessa maneira, encontrar uma definição que obtenha consenso entre as perspectivas existentes. Considera-se então, que a ideia de organização escolar constitui-se na dinâmica de planejar e coordenar todos os atores envolvidos no processo

educativo e conduzi-los aos propósitos e finalidades estabelecidos. Sob o olhar de Lima (1998), a escola como organização:

Partilha como a maioria das outras organizações a presença de um certo número de elementos – objetivos, poder, estruturas, tecnologias, etc; de ser uma unidade socialmente construída para a obtenção de certas finalidades, e de acentuar os processos de controlo, a especialização e a divisão social e técnica do trabalho, entre outros aspectos. (p. 64).

Nesta mesma perspectiva, Canário (2005) explica que a organização escolar é caracterizada pela organização específica do tempo, dos espaços, das disciplinas, dos agrupamentos de alunos, planeamento dos projetos, iniciativas de aprendizagem e das medidas que vão ao encontro das necessidades da educação.

Dessa maneira, identificam-se na escola aspectos muito comuns que são partilhados com a maioria das organizações, ou seja, a escola possui uma rotina de horários fixos, hierarquia, objetivos definidos, controle de resultados, aspectos importantes para a organização escolar. No entanto, na maior parte das situações, a escola é vista em sua dimensão institucional:

A verdade é que não é à escola - organização específica e identificável enquanto tal, que nos referimos a maior parte das vezes, mas à escola – instituição – à idade de estar na escola, às funções sociais da escola, ao ensino e às aprendizagens que nela têm lugar, enfim às características gerais partilhadas por todas as escolas, típicas dos processos educativos escolares. (Lima, 1998 p. 48).

A escola enquanto instituição, constitui-se de valores estáveis e essenciais ao desenvolvimento cognitivo e social das pessoas, desempenhando “um papel fundamental de unificação cultural, linguística e política” (Canário, 2005, p. 63).

Diante dos domínios apresentados, pode-se considerar a escola como um projeto inacabado que se encontra num processo emergente, pois a sociedade da informação exige novas formas de organização e socialização. Com isso, o atual momento é importante para que a escola reflita sobre as questões estruturais, organizacionais e pedagógicas que precisam ser modificadas e dessa maneira, se possa ajustar e esforçar

para garantir o sucesso educativo através de modelos e estratégias que validem a unificação da relação social e pedagógica nos processos de ensino e de aprendizagem.

A escola é chamada a ser reinventada como espaço de construção/socialização de saberes, atitudes, sentimentos e práticas, articulados a outros espaços educativos orientados a favorecer processos de autonomia e emancipação no âmbito pessoal, comunitário e colectivo, assim como à emergência de outros modelos de sociedade e escolas comprometidos com as múltiplas vozes e propostas que emergem da sociedade civil em toda sua riqueza e pluralidade. (Candau 2013, p. 10)

Em síntese, a escola é fator e produto da sociedade, é uma instituição formativa de carácter pessoal e social baseada em relações internas e externas, tornando-a essencial para a formação científica e social das pessoas e para o funcionamento e desenvolvimento da sociedade. Está em constante transformação e adaptação para o cumprimento da sua missão de promoção do desenvolvimento da aprendizagem científica, nas diferentes áreas do saber, de valores e de competências para a resolução de problemas e na busca da capacidade de reduzir assimetrias sociais, fomentar a inclusão e o desenvolvimento integral dos indivíduos.

1.1.2. A FAMÍLIA

Todos nós conseguimos construir um conceito sobre o que é a família, quais são as suas características, competências e os principais problemas com que as famílias se debatem. A Família é a instituição social base e, tem vindo, de forma dinâmica, a acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade, alterando-se a si própria. É através das relações entre seus membros que o indivíduo desenvolve, em primeira instância, competências e valores essenciais para integrar-se e conviver em sociedade. A família é:

O primeiro e o mais marcante espaço de realização, desenvolvimento e consolidação da personalidade humana, onde o indivíduo se afirma como pessoa, o habitat natural de convivência solidária e desinteressada entre diferentes gerações, o veículo mais estável de transmissão e aprofundamento de princípios éticos, sociais, espirituais, cívicos e educacionais, o elo de ligação

entre a consistência da tradição e as exigências da modernidade. (Félix 1994, citado por Pereira, 2008, p.45)

A evolução da família, desde a sua gênese até aos dias de hoje, é salientada por muitos autores que identificam características marcantes de mudança de comportamento e paradigmas, que em muitos momentos contribuem para que a família, enquanto base social se torne vulnerável. Por exemplo:

Maior urbanização e isolamento da família nuclear; Emancipação da mulher e o seu acesso ao mundo do trabalho, que veio provocar mudanças nos papéis tradicionais e no funcionamento da família; Adiamento do casamento e do primeiro filho; Maior esperança de vida e maior número de idosos; Maior número de divórcios; Possibilidade de escolha – com quem casar, onde viver, quantas crianças ter, etc. (Canavarro, 2001, p. 63)

Diante desta perspectiva, a instituição familiar da atualidade defronta-se com situações pouco vivenciadas em gerações anteriores, como: tempo limitado para estar em família; a necessidade dos pais e/ou encarregados da educação deixarem a criança ao cuidado de outras instituições para que possam trabalhar; a gestão das relações socioemocionais e gestão das rotinas, no caso de pais separados. Estes e outros fatores influenciam diretamente o desafio complexo e exigente da educação das crianças pelas famílias.

Para Azevedo (2015), a “ação amorosa e educativa da família é original e primária, antecede qualquer outra ação idêntica de pessoas e instituições, é insubstituível e inalienável, não se podendo pois delegar em ninguém” (p. 05). É necessário que todos os agentes familiares responsáveis pela criança desde pais, encarregados da educação, avós, irmãos, os adultos que a rodeiam, estejam empenhados em sua boa formação e desenvolvimento, criando redes familiares que são fundamentais para o sucesso da criança a curto, médio e longo prazo.

Diante dos muitos desafios enfrentados pela família moderna, a escola surge como um ‘braço de apoio’, tornando-se uma das instituições fundamentais para a educação integral da criança. A formação académica e as competências sociais desenvolvidas no ambiente educativo, têm como objetivo reforçar ou melhorar a educação desenvolvida pela família. Nesta perspectiva, a educação deve ser partilhada entre família e escola,

tanto o processo de ensino aprendizagem como os valores sociais, estão profundamente interligados entre estas duas instituições.

1.1.3. A ESCOLA E FAMÍLIA: INTER-RELAÇÕES EM CONSTRUÇÃO

As inter-relações entre escola e família têm sido alvo de atenções por parte de investigadores das áreas educacional, sociológica e também política. Para Rocha (2005) “há uma relação família-escola-família, que, pela sua inevitabilidade, sempre existiu” (p. 139), iniciando-se a partir da realização da matrícula escolar, onde a criança e sua família passam a fazer parte da comunidade educativa como protagonistas diretos.

Neste processo de inter-relacionamento entre escola e família, surgiu a necessidade de uma relação mais profunda, não mais baseada no individualismo e divisão de responsabilidades, mas uma relação que passa a ser partilhada por todos e se estabelece em parceria com o objetivo de que o aluno/filho tenha uma educação de qualidade na escola e em casa. Ramiro Marques (2001) apresenta os pais como os primeiros responsáveis e educadores da criança, os professores são parceiros, participam e partilham dessa responsabilidade unindo esforços e objetivos junto a família.

Portanto, a relação escola, família, escola “tem tanto de inevitável como de construído” (Alarcão, 2006, p.154), ou seja, as duas instituições estão interligadas e dependentes uma da outra e diversas formas de inter-relacionamento entre escola e família têm conquistado espaço nos Agrupamentos de escolas, nas associações educativas e através de projetos sociais, tendendo, contudo a emergir alguns conflitos. Para Rocha (2005) “este novo quadro de relação, que remete para a participação das famílias na esfera pública, apanhou as famílias e as escolas culturalmente desprevenidas, não sabendo como viver com ela” (p. 140).

Ao olharmos para o contexto educativo, nomeadamente para o papel de cada ator e o convívio entre estes, identificam-se algumas características que se apresentam como barreiras à ao aprofundamento de algumas formas que podem configurar as relações entre escola e família. Para exemplificar esta questão, Sousa e Sarmento (2010) referem o “receio que os professores revelam em aceitar verdadeiramente os pais como seus parceiros neste processo de formação das crianças” (p.150). É preciso considerar que com o estreitamento das relações entre escola e família, a escola e a sala de aula, que

outrora era exclusivamente do professor e intocável, poderão também passar a ser espaços em que os pais podem observar, sugerir, participar e compartilhar conhecimento. Também, pelo facto de não haver um modelo único de família, e da escola trabalhar com a pluralidade cultural, as famílias apresentam-se em configurações variadas, e com pais e encarregados de educação provenientes de diferentes culturas e ambientes culturais, com formações académicas distintas, características e hábitos variados e conseqüentemente, diferentes expectativas e posicionamentos sobre a vida escolar dos educandos.

Por parte da família, em muitos casos, encontramos uma atitude de distanciamento quanto ao seu papel na vida escolar do educando, primeiro porque à medida em que se avança na escolaridade, espera-se que o aluno adquira autonomia e independência e segundo, por ainda persistir a ideia de que à escola e aos professores cabe a “total responsabilidade de educar os seus filhos, delegando neles todas as competências para o efeito e demitindo-se da sua responsabilidade de primeiros e permanentes educadores” (Sousa e Sarmento, 2010, p. 150), estabelecendo-se, por vezes, uma relação fragilizada entre escola e família, conduzindo a uma postura pouco flexível de ambas as partes e por consequência, não potencia o desenvolvimento integral do aluno.

Outros aspectos que podem ser fonte de tensão entre escola e família, são a organização de funcionamento da escola no que respeita, por exemplo, aos horários de atendimento às famílias, que nem sempre se enquadram com a rotina laboral dos pais; à falta de um espaço gerido pelas famílias onde se possam encontrar para partilhar ideias, expectativas e opiniões com escola; a linguagem técnica e codificada empregada pelos professores e diretores de turma no contato com as famílias.

No que se refere à dimensão da comunicação, estudos desenvolvidos por Arnold (1994, citado por Zenhas, 2006), observam que o contato frequente entre a escola e a família desenvolve atitudes positivas das famílias para com a escola e apresenta a oportunidade de desenvolver uma comunicação também positiva. “A intensidade do contacto é também fundamental, devendo passar por reuniões de EEs e por comunicação escrita, mas incidindo, principalmente, em atendimentos individuais.” (Zenhas, 2006, p. 54). Com base neste autor, observa-se que a comunicação vai além dos recados escritos e enviados às famílias, dos encontros a cada fim de período ou das curtas interações na porta da escola, sendo necessário desenvolver uma comunicação ativa e participativa por ambas as partes. Zenhas (2006) também ressalta que, “a criança é em si própria uma

mensagem, mesmo que não pretenda ou de tal não tenha consciência” (p. 61). O aluno leva consigo ideias, atitudes e interesses adquiridos no ambiente escolar e através disso, entrega à sua família a mensagem de como é a escola. Igualmente, os professores recebem em sala de aula a mensagem de como é o meio familiar do aluno, a educação parental e as suas condições de vida.

Considera-se relevante mencionar as características identificadas por Henderson e Mapp (2002) sobre as escolas que envolvem famílias de origens muito diversas. Estas escolas compartilham três princípios-chave:

Focar na construção de relações de colaboração e confiança entre professores, famílias e membros da comunidade;

Reconhecer, respeitar e atender às necessidades das famílias, bem como às diferenças culturais e de classe;

Adotar uma filosofia de parceria onde o poder e a responsabilidade são compartilhados. (p 7).

As escolas devem procurar oferecer opções variadas que se adaptem às características e necessidades do contexto educativo que atende. Os educadores/professores também devem trabalhar na promoção da aproximação e participação das famílias na vida escolar do educando, isto através da comunicação transparente e também do envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem, tanto em casa quanto na escola. Por parte das famílias, estas devem aproveitar as oportunidades de interatividade e participar de forma presente na escola e em casa, assumindo a sua responsabilidade e o compromisso com o desenvolvimento integral dos filhos/educandos, porque um relacionamento próximo e de colaboração estabelecido entre a escola e a família determinam tanto os resultados acadêmicos das crianças e jovens, enquanto alunos, como os sociais, enquanto cidadãos.

Em síntese, não existe uma única forma correta para construir inter-relações significativas e produtivas entre escola e família; este contexto ainda é uma descoberta e está em construção, tanto a nível teórico, quanto a nível prático. O grande desafio é que, cada interveniente consiga, na interação com o outro, conceber e desenvolver um trabalho de colaboração e ajuda mútua.

1.1.4. A COMUNIDADE

Ao falar de comunidade deparamo-nos com os vários usos da palavra, seja no âmbito histórico, sociológico, político ou educacional e as definições de cada vertente são muito semelhantes. O Dicionário de Língua Portuguesa, da Porto Editora, apresenta o termo como: “Conjunto de organismos que habitam um meio ou ambiente comum e se inter-relacionam” (p. 396). Comunidades são, deste modo, conjuntos de pessoas unidas por laços estabelecidos numa relação de comunhão e partilha de ideais, valores e cultura.

Como já referido anteriormente, a aprendizagem académica do aluno centralizada na sala de aula tem vindo a modificar-se. Têm vindo a incorporar-se nas escolas novas perspectivas teóricas e práticas nos processos de ensino e de aprendizagem, na sala de aula e fora dela, visando o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais do aluno, da família e da comunidade. Ao observar o contexto escolar, pode-se dizer que a abertura da escola à comunidade proporciona oportunidades para solucionar problemas escolares, familiares e sociais. Para Dias (2003),

A noção de escola/edifício, entendida como um braço do Estado e que se limita a reproduzir as políticas centralmente definidas, tende a evoluir progressivamente para a noção de escola/comunidade educativa, noção que evoca a construção de um espaço social ancorado num sistema de interações e na partilha de valores e objectivos comuns (p. 42).

Vários estudos apresentam a importância da relação entre escola, comunidade e o impacto e os benefícios que esta parceria proporciona a todos os envolvidos. Para Nóvoa (1991), numa perspectiva político-cultural, a comunidade educativa é reflexo do clima escolar, da cultura organizacional e dos atores sociais da organização, é resultado da intercomunicação, da partilha e construção de soluções para os problemas e necessidades dos alunos e da comunidade educativa.

Tomando isto por base, pode-se considerar que o bem-estar, o desenvolvimento pessoal e cognitivo dos alunos, o comprometimento dos professores e a participação das famílias e das pessoas que vivem ao redor da escola, é diretamente influenciados pelo tipo de relação que a escola, enquanto instituição, possui.

Através do estudo e reflexão sobre a relação entre escola e parceiros num contexto rural, realizado por Lopes (2003), o desenvolvimento de práticas socioeducativas, organizadas de forma colaborativa entre diferentes parcerias da comunidade, contribui significativamente para o desenvolvimento da cidadania, assim como para a sensibilização para o conhecimento e a proteção do património artístico e cultural local. Noutra dimensão, tais parcerias poderão também contribuir para a melhoria das condições físicas e dos recursos educativos existentes na própria escola e a possibilidade do aluno adquirir competências variadas de compreensão do mundo, de si próprio e do outro.

A relação escola e comunidade não se delimita dentro do território escolar. As interações sociais desenvolvidas internamente transcendem as fronteiras locais, de maneira a que as conexões entre escola e as pessoas da comunidade (organizações, empresas) beneficiam direta ou indiretamente o contexto escolar e o desenvolvimento integral dos alunos.

Para exemplificar, a OCDE (2007), ao falar da educação portuguesa, cita o envolvimento de empresas da região através da oferta de cursos e oportunidade de estágios para os alunos do ensino secundário profissional, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento, aprendizagem e formação e experiência laboral dos estudantes. Também identifica as parcerias entre a escola e os pais, encarregados da educação, autarquias e empresas locais, com o objetivo de angariar recursos e apoio para os projetos da escola.

Como referido por Henderson e Mapp (2002) “a responsabilidade pelo desenvolvimento educacional das crianças é um empreendimento colaborativo entre pais, funcionários da escola e membros da comunidade” (p. 51). Nesta perspetiva, é inegável o facto da escola influenciar positivamente, tanto os alunos como a comunidade, de maneira a que ambos possam ser transformados por meio da interação desenvolvida no ambiente educativo e através da cultura colaborativa.

Portanto, a comunidade educativa deverá constituir-se de uma modalidade de colaboração estruturada entre a escola, os atores internos e externos, autarquias, empresas e instituições sociais que partilham de um conjunto de metas, ideias e valores. Os laços estabelecidos concretizam-se em comunidade a nível da escola, os objetivos

são definidos, compreendidos e partilhados por todos, desenvolvendo-se uma rede de parcerias estruturadas que possa contribuir para a educação do aluno, as atividades escolares, as famílias e toda comunidade local, de maneira a que todos tenham a oportunidade de crescer a nível académico, profissional, pessoal e social.

1.1.5. ESCOLA E COMUNIDADE: UMA PARCERIA EM REDES

Atualmente o maior desafio enfrentado pela escola e os profissionais que dela fazem parte é o de conseguir aliados comprometidos a desenvolver um trabalho baseado na colaboração. A cada novo ano letivo vemos que as organizações educativas estão a partilhar a responsabilidade do desenvolvimento integral do aluno com as parcerias disponíveis.

Sobre o conceito de parceria, o dicionário Porto Editora define-o como “sociedade de indivíduos que tem por fim interesses comuns” (p. 1223) encontra-se ainda ligado a termos como colaboração, cooperação, associação, solidariedade e trabalho em grupo.

Relativamente às organizações educativas, o reconhecimento da necessidade de interação entre várias entidades locais, tem sido objeto de estudo quando o tema relação escola e comunidade é abordado. Este interesse também surge a partir da insatisfação e dos resultados obtidos em um sistema hierárquico e centralizado (Lima, 2007).

Mesmo com as muitas reformas na administração pública, o Estado continua a ser o principal regulador do sistema educativo. Entretanto, o efeito de descentralização provocou a introdução de um conjunto de organizações e entidades sociais que acabaram por fazer parte do sistema educativo, oferecendo um contexto privilegiado de reforço escolar, aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Por outro lado, Marques (2007) evidencia que as parcerias continuam a ocupar um papel secundário na vida da escola. Ainda que o papel social e educativo das parcerias seja reconhecido formalmente, as limitações legislativas e por muitas vezes, traduz o seu papel num complemento à escola.

Neste contexto é importante encontrar uma forma de assegurar a articulação entre os atores envolvidos na instituição (educandos, professores, pessoal não docente) para que

os interesses e objetivos sejam unânimes. Para que isto ocorra, referimos a organização em rede ou seja, uma organização estabelecida no trabalho colaborativo, na parceria não só entre os atores que constituem esta organização mas também, na parceria com outras organizações.

No campo de análise das ciências sociais encontramos a definição para a terminologia rede, simplesmente como, “um conjunto de atores e as relações que se estabelecem entre eles”. (Lima, 2007, p. 172).

Segundo Lima (2007), o termo rede está hoje “totalmente trivializado” e é aplicado de forma tão livre que corre o risco de tornar-se uma simples representação evocativa. Portanto, considera-se relevante a “abordagem descritiva assente num esquema classificativo que precise variantes significativas assumidas pelas redes e que permita destacar dimensões e traços essenciais destas entidades.” (p. 173).

Nesta perspectiva, este autor propõem a classificação das redes baseada em três aspetos: a sua génese, a sua composição e a sua estrutura.

Sobre a génese, as redes podem ser classificadas em dois tipos: redes fabricadas e redes auto-organizadas. As redes fabricadas dizem respeito a “uma solução organizacional planeada para funcionar enquanto mecanismo de coordenação, em resultado de uma ação diretiva consciente (normalmente, por parte de uma única entidade central — geralmente, o Estado) no sentido de se criar e sustentar uma rede.” (Lima, 2007, p. 173). Neste caso, encontram-se as parcerias público-privadas ou os Agrupamentos de escolas como exemplos de redes constituídas e asseguradas pela política estatal. Referentemente às redes auto-organizadas, ao contrário das redes fabricadas, estas “englobam interações não-diretivas emergentes, desencadeadas a partir da sociedade civil, que se configuram, reconfiguram e evoluem, constantemente, sendo a ordem nelas encontrada algo que é criado *a posteriori*, em resultados das interações desenvolvidas entre os atores.” (Lima, 2007, p. 173). Neste tipo de redes integram-se exemplos cívicos como, movimentos e fóruns de discussão que se constituem voluntariamente na internet, movimentos pedagógicos organizados espontaneamente por grupos de educadores, as associações de escolas que se formam por si só sem a intervenção estatal e outros, que são resultado da relação e parceria dos atores envolvidos.

Quanto à composição, as redes diferenciam-se, de acordo com (Lima, 2007), em: Redes egocentradas; Redes de atores individuais; Redes de atores coletivos; Redes mistas; Meta redes; Redes uni-institucionais; e Redes pluri-institucionais.

As primeiras “compreendem o conjunto de atores com os quais um determinado ator focal mantém interação”(Lima, 2007, p. 174), por exemplo, o conjunto de instituições com as quais a escola mantém uma relação e interação regular. As redes de atores individuais constituem-se pelo conjunto de indivíduos independentes e a relação estabelecida entre estes, por exemplo, movimentos pedagógicos que unem educadores desconhecidos entre si e partilham os mesmos princípios e conceitos. As redes de atores coletivos são muito semelhantes às anteriores; a diferença encontra-se no facto de cada ator da rede reconhecer-se entre o grupo e trabalhar de forma colaborativa em relação aos interesses e objetivos da equipa por exemplo, uma empresa, uma escola. As redes mistas caracterizam-se por reunir um conjunto de atores de outras redes (individuais e coletivas). As meta redes caracterizam-se como redes de redes, dito de outro modo, de cada ator na rede deriva também uma rede. Nas redes uni-institucionais, todos os intervenientes pertencem a uma mesma instituição, por exemplo, só escolas ou só empresas. Já nas redes redes pluri-institucionais, os membros provêm de pelo menos duas instituições distintas, por exemplo, escola e juntas de freguesia (Lima, 2007, p. 174).

Por fim, quanto à sua estrutura, as redes podem ser classificadas considerando três propriedades principais: densidade, centralização e fragmentação. A densidade refere-se ao nível de concretização das relações e interações entre os atores de uma rede. A centralização refere-se à relação estabelecida numa rede, como é organizada em torno do conjunto de atores centrais, no caso da escola, os alunos. Em complemento a isto, a fragmentação indica até que ponto a rede se desenvolve de maneira harmoniosa ou apresenta conflitos entre os atores. .

Assim, de acordo com Lima (2007), o lugar que as redes ocupam na realidade escolar e as funções que desempenham são complexas. Desta forma, o ato de classificar as redes permite-nos compreendê-las desde sua génese, examinando sua composição e propriedades estruturais.

Existem, obviamente, muitos outros aspectos relativos ao estudo das redes mas, dentro da perspectiva aqui apresentada, pode-se dizer que as redes estabelecem-se numa lógica de regulação social através da mediação das relações entre escola e comunidade educativa e do acompanhamento dos compromissos coletivamente assumidos.

1.2. BREVE ABORDAGEM LEGISLATIVA SOBRE AS INTER-RELAÇÕES DA ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE EM PORTUGAL

“Quanto à abertura da escola às famílias e à comunidade, sabe-se, de há muito, como é diversa a situação no país e pouco dependente, aliás, do maior ou menor número de representantes comunitários nos órgãos escolares. Em qualquer dos casos, a solução para ultrapassar aquele problema residirá numa mudança radical do sistema de fechamento da escola ao entorno comunitário”.

(Lima, 2008, p. 1)

Desde os finais do século XVIII, observa-se que o sistema educativo se transformou num processo burocrático de distribuição de serviços. Marques (1998), afirma que a partir deste momento e durante um longo período, as famílias passaram a serem vistas como clientes, limitados a entregar os seus filhos na escola para serem educados.

Até à revolução de Abril de 1974, a participação ativa dos pais e encarregados de educação no ambiente educativo era quase inexistente. Encontrava-se alguma movimentação nesse sentido nas escolas de ensino privado. No período em que o país esteve sob o Regime da Ditadura, o desenvolvimento educacional foi bastante limitado e, só no fim da década de sessenta, a escolaridade obrigatória passou para seis anos.

Após ao 25 de Abril o país passou por mudanças em todas as áreas, inclusivamente na educação. Com a Constituição da República aprovada no ano de 1976, inicia-se o processo para que a escola, as famílias e o Estado partilhem a responsabilidade da educação escolar das crianças. No Artigo 36.º, ponto 5, a Constituição da República declara que “Os pais têm o direito e o dever de educação dos filhos”. Quanto ao Estado, este reconhece a constituição da família e, no Artigo 67.º, alínea c, assegura “Cooperar

com os pais na educação dos filhos”. (Constituição da República Portuguesa, 10 de abril de 1976, Art. 36.º, ponto 5, e Art. 67.º, alínea c).

Relativamente às escolas, alguns meses mais tarde, o Governo aprovou o Decreto-Lei n.º 769-A/76, de 23 de outubro, em que torna formalmente legal a institucionalização da gestão democrática das escolas, tendo como órgãos responsáveis pela administração os: “a) Conselho directivo; b) Conselho pedagógico; c) Conselho administrativo”. (Decreto-Lei n.º 769-A/76, de 23 de outubro, Artigo 1.º). No seguimento da gestão democrática, este Decreto-Lei também prevê a participação dos pais/encarregados de educação nos conselhos de turma, mesmo que esta participação seja mais informativa, os pais e encarregados de educação começam a ocupar espaço no ambiente educativo:

Quando os conselhos de ano ou de turma se reunirem para tratar de questões de natureza disciplinar, serão presididos pelo presidente do conselho pedagógico, deles fazendo parte dois representantes dos alunos do respectivo ano ou turma e, ainda, um representante dos encarregados de educação, este sem voto deliberativo. (Decreto-Lei n.º 769-A/76, de 23 de outubro, Artigo 28.º).

Mais tarde, com a publicação da Lei n.º 7/77, de 1 de fevereiro de 1977, iniciou-se a criação de associações de pais nas escolas secundárias, dessa maneira, desenvolvendo uma relação de proximidade e trabalho colaborativo entre famílias, escola e Estado.

As associações de pais e encarregados de educação referidas no número precedente, quando legal e democraticamente constituídas, é reconhecido o direito de dar parecer sobre as linhas gerais da política de educação nacional e da juventude e sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino, obrigatoriamente quanto às iniciativas legislativas relativas àqueles graus de ensino que revistam a forma de proposta de lei, e facultativamente nos restantes casos. (Lei n.º 7/77, de 1 de fevereiro de 1977, Artigo 1.º, ponto 2.)

De maneira a fomentar a participação das associações de pais e encarregados de educação na gestão democrática da escola, em 1979 o Despacho Normativo n.º 122/79, de 1 de junho, estabelece a realização de reuniões regulares entre a associação de pais e o Conselho Diretivo da escola.

As associações de pais referidas no presente despacho manterão contactos com o conselho directivo do respectivo estabelecimento de ensino e efectuarão com aquele reuniões periódicas, em que serão tratados assuntos específicos relacionados com a vida da escola, pelo menos uma vez por trimestre lectivo e sempre que qualquer das partes entender necessário. (Despacho Normativo n.º 122/79, Artigo 1.º, ponto 2).

Em 1989, as associações de pais passam a ser regulamentadas e criadas nas instituições de Educação Pré-Escolar e escolas do 1.º Ciclo através do Decreto-lei n.º 315/84, de 28 de setembro, onde se lê: “É extensivo às associações de pais e encarregados de educação dos alunos de qualquer grau ou modalidade de ensino o disposto na Lei n.º 7/77, de 1 de fevereiro.” (Decreto-Lei n.º 315/84, de 28 de setembro).

A participação dos pais na escola tornou-se o objetivo mais importante não só do Estado mas também, dos Agrupamentos de escolas e dos pais e encarregados de educação. Referente a isto, no dia 14 de outubro de 1986, entra em vigor a Lei de Bases do Sistema Educativo onde estabelece que a administração e gestão da escola deve desenvolver-se por princípios democráticos e participativos por parte de todos os intervenientes. A partir deste momento, percebe-se que a atuação dos pais e encarregados de educação se intensificou na escola e dessa maneira, escola e meio passam a integrar-se.

Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos, através da adopção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias. (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro de 1986, Artigo 3.º, alínea 1).

Em 1989, o regime de autonomia das escolas é estabelecido através do Decreto-Lei n.º 43/89 de 3 de fevereiro. A partir deste momento, algumas escolas passam a ter autonomia e poder de tomada de decisão, também desta maneira abrem-se, não apenas às famílias mas também à comunidade em que estão inseridas.

No contexto de uma mais ampla desconcentração de funções e de poderes assume particular relevância a escola, designadamente a dos 2.º e 3.º ciclos do

ensino básico e do ensino secundário, como entidade decisiva na rede de estruturas do sistema educativo.

Pretende-se redimensionar o perfil e a actuação dessas escolas nos planos cultural, pedagógico, administrativo e financeiro, alargando, simultaneamente, a sua capacidade de diálogo com a comunidade em que se inserem.

... A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projecto educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação a características e recursos da escola e às solicitações e apoios da comunidade em que se insere. (Preâmbulo, p. 456).

A década de 90 foi marcada por vários pequenos acontecimentos que intensificaram a abertura das escolas à participação das famílias e comunidade no ambiente educativo e despertando novas atitudes de responsabilidade em todos os intervenientes. Portanto, iniciamos este novo tempo com o Despacho Conjunto 60/SERE/SEAM/90 de 14 de setembro de 1990, que determina a possibilidade de os encarregados de educação escolherem o estabelecimento de ensino a frequentar pelos seus educandos.

Mais tarde em 1991, o Decreto-Lei n.º 172/91, de 10 de maio de 1991, através dos princípios de participação e democraticidade assegura à escola

...condições que possibilitam a sua integração no meio em que se insere. Exige o apoio e a participação alargada da comunidade na vida da escola. Estabelece claramente os vários níveis de responsabilização, quer perante o conselho de área escolar ou de escola, quer perante a administração educativa. (Preâmbulo, p .2521).

Desta forma, o envolvimento dos pais e encarregados de educação passou a ser efetivo, podendo efetivar-se através de representantes no Conselho de Turma, no Conselho Pedagógico e no Conselho da Escola.

Em 1992, é proposto um novo Sistema de Avaliações dos alunos do Ensino Básico. Através do Despacho Normativo n.º 98-A/92 pode-se perceber que a responsabilidade sobre o processo avaliativo, desde sua preparação até aos resultados obtidos, estende-se agora aos alunos, pais e encarregados de educação.

9 - A escola, através dos seus órgãos próprios, é responsável pelo percurso escolar dos alunos, devendo garantir a consecução dos objectivos da escolaridade obrigatória e o sucesso educativo dos alunos.

10 - A avaliação dos alunos do ensino básico pressupõe o trabalho em equipa de todos os professores envolvidos, em particular no conselho de turma, bem como a participação dos alunos e dos encarregados de educação, em condições a estabelecer no regulamento interno da escola ou área escolar. ...

17 - Os elementos contidos no processo individual são de carácter confidencial, devendo este acompanhar o aluno na sua progressão ao longo da escolaridade básica, sendo devolvido, no seu termo, aos pais ou encarregados de educação”. (Despacho Normativo 98-A/92, 20 de junho de 1992, Capítulo I, Pontos, 9, 10 e 17).

Os decretos vão sucedendo-se ao longo da década e no ano de 1998 entram em vigor medidas significativas para o sistema educativo como, a autonomia das escolas que é alargada a todos os estabelecimentos públicos de ensino através do Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de maio, reconhecendo o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação. É importante referir novamente que até este momento, o regime de autonomia envolvia as escolas de 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário, excluindo o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo.

Este decreto estipula a elaboração de um regulamento interno em cada escola ou Agrupamento de escolas. Através deste regulamento, define-se o regime de funcionamento de cada estabelecimento de ensino, de cada órgão de gestão, de administração e pedagógico e dos serviços de apoio educativo, e os direitos e deveres de cada integrante da comunidade escolar. Cria, ainda a possibilidade da formação de conselhos locais de educação constituídos por autarquias e parceiros sociais da área da educação, ou não, e estabelecendo assim, como um ponto inovador, os contratos de autonomia.

O contrato de autonomia é um processo de negociação entre parceiros como a escola ou Agrupamento de escolas, a Direcção Regional de Educação e a Câmara Municipal, formando uma rede de apoio e parceria em torno da educação local.

A escola, enquanto centro das políticas educativas, tem, assim, de construir a sua autonomia a partir da comunidade em que se insere, dos seus problemas e

potencialidades, contando com uma nova atitude da administração central, regional e local, que possibilite uma melhor resposta aos desafios da mudança. (Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de maio de 1998, Preâmbulo, p. 02).

Para Diogo (1998, p. 29) os Decretos-Lei n.ºs 172/91 e 115-A/98 transformaram o modelo de administração e gestão do sistema de ensino. Desta forma, "num quadro de autonomia e diversidade, apontam para o apoio e a participação alargada da comunidade na vida da escola", tendo a oportunidade de interação direta nos órgãos onde estão representados e fortalecendo as inter-relações entre escola, família e comunidade.

Outra legislação que também merece nossa atenção é a Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro de 2002, que faz referência exclusiva aos deveres dos pais e encarregados da educação, dos quais destacamos aqui:

a) Acompanhar activamente a vida escolar do seu educando; b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino escolar; ... d) Contribuir para a criação e execução do projecto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola; e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos; ... i) Integrar activamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se, sendo informado e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos. (Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro de 2002, Artigo 6.º, Ponto 2, alíneas a, b, d, e, i).

Ao longo dos anos de desenvolvimento dos princípios da democracia, participação da família e comunidade nas escolas, muitas leis e decretos-lei foram corrigidos, para que estes princípios se tornassem uma mais-valia no sistema educativo. Neste contexto, considera-se importante para esta problemática, o Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril de 2008, que surge para retificar o regime jurídico da administração, gestão e autonomia das escolas e reforçar a participação das famílias e comunidades nos estabelecimentos de ensino.

É indispensável promover a abertura das escolas ao exterior e a sua integração nas comunidades locais. Para tanto, torna-se necessário assegurar não apenas os direitos de participação dos agentes do processo educativo, designadamente do pessoal docente, mas também a efectiva capacidade de intervenção de todos os que mantêm um interesse legítimo na actividade e na vida de cada escola.

Uma tal intervenção constitui também um primeiro nível, mais directo e imediato, de prestação de contas da escola relativamente àqueles que serve.

Este objectivo é concretizado, no presente decreto-lei, através da instituição de um órgão de direcção estratégica em que têm representação o pessoal docente e não docente, os pais e encarregados de educação (e também os alunos, no caso dos adultos e do ensino secundário), as autarquias e a comunidade local, nomeadamente representantes de instituições, organizações e actividades económicas, sociais, culturais e científicas. (Preâmbulo, p. 2342).

Em síntese, as políticas educativas em Portugal têm vindo a alargar e a consolidar a presença das famílias e comunidades dentro da escola. Contudo, ainda hoje, são sentidas algumas dificuldades no desenvolvimento das inter-relações entre escola, família e comunidade e por isso, é importante que cada estabelecimento de ensino continue a investir em práticas de envolvimento, cooperação, diálogo e relacionamento social. Pode-se dizer que não basta legislar para que a participação dos pais e encarregados de educação e comunidade seja uma realidade consolidada no contexto educativo, esta participação depende sobretudo, da capacidade e disponibilidade de todos os intervenientes trabalharem de forma colaborativa.

1.3. FAMÍLIA E COMUNIDADE NA ESCOLA: OS BENEFÍCIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO E DEMAIS INTERVENIENTES

“a concretização de uma relação de parceria entre a escola, as famílias e a comunidade, consubstancia uma realidade da qual são evidentes os benefícios para todos os intervenientes”.

(Sousa & Sarmiento, 2009-2010, p. 149)

Como referido anteriormente, a ação educativa é tarefa de toda a sociedade e de todos os contextos de aprendizagem que a criança vivencia. A literatura apresenta diversas referências sobre os benefícios que as inter-relações entre escola, família e comunidade proporcionam ao desenvolvimento do aluno, destacando que a forma como cada parte encara esta missão está positivamente relacionada com o sucesso escolar da criança. Se existir um verdadeiro espírito de parceria, integração e colaboração em torno da vida

escolar do educando, ele terá motivação acrescida e desempenho eficiente. Também, a escola, as famílias e a comunidade sentirão em si um impacto muito positivo não só no contexto educativo mas também no contexto familiar, laboral e social de modo geral.

Como já foi defendido acima, é considerada de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, a presença das famílias na escola e na vida do educando. Para evidenciar os benefícios e também os resultados desta participação, uma investigação realizada por Davies (1989) em escolas portuguesas, destacou que o desenvolvimento da criança, bem como o seu sucesso académico e social, está diretamente relacionado com o envolvimento e participação dos pais nas atividades escolares. A investigação tem vindo também a evidenciar que, em particular, as crianças de famílias de condição socioeconómica vulnerável beneficiam com o envolvimento parental no contexto educativo, seja através dos trabalhos de casa como, também, das iniciativas e programas desenvolvidos pela escola para envolver as famílias. Para Diogo (1998, citado por Zenhas, 2006, p. 23) “a colaboração entre a escola e as famílias promove, nas crianças, sucesso escolar, auto-estima, atitudes positivas face à aprendizagem, independência e realização pessoal”.

Para Pedro Silva (2009, p. 116) “quanto mais estreita a relação entre escolas e famílias, maior o sucesso educativo das crianças e jovens.”. A criança (aluno, filho e cidadão) sente-se encorajada a estar na escola e a aprender, o que potencia o seu sucesso. Para Sousa e Sarmento (2010, p. 147), existe uma “correlação forte e positiva entre os resultados escolares, a assiduidade e o comportamento dos alunos e a existência e qualidade do envolvimento das famílias”. Estes autores, através dos seus trabalhos, têm vindo a comprovar que o papel do envolvimento e participação por parte dos pais e encarregados de educação é crucial para o desenvolvimento académico, comportamental e social do aluno

Para além do que foi referido, vemos que as vantagens do envolvimento e participação da família e da comunidade na escola são abrangentes, identificando-se assim aspectos referentes ao trabalho dos professores que regista melhorias através do aumento da confiança e satisfação em ensinar elevando ao máximo o seu esforço e o contributo para o eficaz desenvolvimento do aluno. Quanto às famílias, estas sentem-se valorizadas socialmente, o que é relevante nos meios desfavorecidos. As associações de pais vêm

seu papel fortalecido e a comunidade em geral pode ver a relação com a escola como uma contribuição para sua identidade local (Silva 2009, p. 116-117).

Ainda neste contexto, Pedro Silva (2009) refere que as relações mútuas entre escola, família e comunidade requerem uma atitude de comunicação e participação dos vários intervenientes que resulta numa cultura de cidadania e democracia, seja de forma representativa ou participativa.

Em suma, as inter-relações entre escola, família e comunidade são importantes para todos os alunos, para a escola, para as famílias e para a comunidade. A evidência é consistente e positiva, as famílias têm uma grande influência sobre o desempenho de seus filhos na escola e ao longo da vida, a comunidade pode contribuir diariamente para o seu desenvolvimento através de vivências e oportunidades que a escola deverá capitalizar.

Quando escola, família e comunidade trabalham juntas, as crianças e jovens tendem a sair-se melhor na escola, a criar hábitos saudáveis que influenciam o contexto em que vivem e a apresentar atitudes positivas em prol de si próprios e dos outros. As famílias sentem-se incentivadas a envolver-se de forma participativa na educação das suas crianças e jovens e, também, em busca de informação que irá ajudar no cotidiano de suas vidas, e a comunidade passa a partilhar de um sentimento de pertença, a participar coletivamente no contexto escolar e a contribuir para uma cultura de cidadania.

1.3.1. TIPOS DE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E COMUNIDADE NO CONTEXTO ESCOLA

Brandão (1998) apresenta o envolvimento parental como um conjunto de interações entre escola e família, desde a participação em reuniões escolares até a colaboração com os professores na organização e realização de atividades e tarefas diversificadas. Silva (2003, p. 83) apresenta a participação da família e comunidade na “integração de órgãos da escola, de associações de pais ou órgãos a outros níveis do sistema educativo”.

Após verificar a relevância e os benefícios das relações mútuas entre escola, família e comunidade, diversos autores e investigadores desenvolveram tipologias que tornam

possível analisá-las. Dos vários estudos sobre este tema, considera-se relevante apresentar dois modelos que melhor captam os diferentes componentes dos conceitos de participação e envolvimento da família e da comunidade na escola.

O primeiro modelo é nomeado por Epstein (1992) que a partir de muitos estudos e de muitos anos de trabalho com educadores e famílias em escolas, identificou 6 categorias de envolvimento parental no contexto das inter-relações escola, família e comunidade. Cada categoria incluiu muitas práticas diferentes de parceria e ajuda os gestores e educadores a desenvolver programas abrangentes de participação e envolvimento. São elas:

TIPOLOGIA DE ENVOLVIMENTO PARENTAL

(adaptado de Joyce Epstein, 1992)

Tipo 1: Ajuda da Escola à Família – a escola acompanha as famílias no seu papel educativo ajudando-as a criar as condições físicas, emocionais e educativas para as crianças aprenderem.

Tipo 2: Comunicação Escola - Família – a escola estabelece comunicação com as famílias acerca da escola, das aprendizagens e progressos dos alunos.

Tipo 3: Ajuda da Família à Escola – a escola envolve a família em actividades de voluntariado na escola.

Tipo 4: Envolvimento da Família em Actividades de Aprendizagem em Casa – a escola orienta a família para a realização de actividades de aprendizagem em casa.

Tipo 5: Participação na Tomada de Decisões – a escola inclui a participação das famílias ou dos seus representantes nos órgãos de tomada de decisão na escola nos assuntos relacionados com a aprendizagem dos alunos.

Tipo 6: Intercâmbio com a Comunidade – existe uma partilha de responsabilidade e recursos entre a escola e as instituições comunitárias que trabalham com crianças e

Quadro 1 – Tipologia de Envolvimento Parental
(Retirado de Carvalho; Reis; Fernandes; Campos e Cruz, 2000, p. 8)

Ainda que os alunos sejam o foco principal das parcerias, cada tipo de envolvimento pode promover diferentes resultados para os pais e encarregados da educação, professores e toda comunidade educativa. Embora todas as escolas possam usar a estrutura dos 6 tipos de envolvimento como um guia para a definição de ações e atividades específicas, cabe a cada escola observar as necessidades de seus alunos, famílias e comunidade, e dessa maneira, adaptar as práticas.

Para Epstein (1992), alguns resultados esperados para os alunos compreendem atitudes de maior respeito para com os pais e para com os hábitos, crenças e valores ensinados pela família; Atitude positiva e consciência do próprio progresso escolar e das ações necessárias para manter ou melhorar seu desempenho; Conscientização da participação das famílias nas decisões escolares e opções de carreiras e trabalhos futuros.

Os resultados esperados para os pais e encarregados da educação incluem não apenas liderança na tomada de decisões, mas também confiança relativa à parentalidade e ao seu papel; Interações relacionadas com o currículo escolar, tarefas e trabalhos com as crianças e/ou jovens e convívio com outros pais da escola.

Para os professores, os resultados esperados incluem a melhoria da comunicação entre a escola e a família; Uma melhor compreensão das famílias e seus contextos; Novas abordagens de incentivo à realização de tarefas e deveres de casa e outras conexões com as famílias e a comunidade.

Outro referencial sobre os tipos de participação e envolvimento das famílias e pessoas da comunidade, encontra-se no segundo modelo, apresentado pelo projeto Includ-ed. Considera-se relevante mencionar que o quadro de categorias aqui referenciado (Quadro 2), fundamenta a análise documental deste estudo.

No âmbito do projeto Includ-ed (2009) fez-se a análise dos estudos e investigações disponíveis e concluiu-se que a participação e colaboração da família e comunidade na escola melhoram o desenvolvimento e rendimento acadêmico dos alunos. Estas parcerias contribuem para a transformação do relacionamento entre pais e encarregados de educação, alunos, professores e outros agentes do contexto educativo, ajudando a estabelecer relações de equidade entre estes sujeitos. Também neste caso foi possível recolher evidências de que os resultados destas parcerias apresentam benefícios para

todos os alunos, mas sobretudo para os alunos de contextos socioculturais e económicos frágeis.

Reconhece-se que o impacto desta parceria depende do grau de participação dos intervenientes e das formas que ela assume. Para explicar esta perspectiva, o Includ-ed identificou 5 tipos de participação familiar e comunitária na escola: Informativo; Consultivo; Decisivo; Avaliativo e Educativo. De entre as ações estipuladas no contexto destas categorias, as que se enquadram nas últimas três têm sido avaliadas como tendo um maior impacto no sucesso educativo dos alunos e demais intervenientes.

TIPOS DE PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E COMUNITÁRIA NA ESCOLA	
Participação Informativa	As famílias recebem informação sobre as actividades escolares, o funcionamento da escola e as decisões que foram tomadas. As famílias não participam na tomada de decisões na escola. As reuniões de pais consistem em informar as famílias sobre as referidas decisões.
Participação Consultiva	Os pais têm um poder de decisão muito limitado. A participação baseia-se na consulta das famílias. A participação é veiculada através dos órgãos de gestão da escola.
Participação Decisiva	Os membros da comunidade e das famílias participam nos processos de tomada de decisões, tendo uma participação representativa nos órgãos de tomada de decisão. As famílias e outros membros da comunidade supervisionam a contabilidade escolar relativamente aos seus resultados educativos.
Participação Avaliativa	As famílias e outros membros da comunidade participam no processo de aprendizagem dos alunos, ajudando a avaliar o seu progresso educativo. As famílias e outros membros da comunidade participam na avaliação geral da escola.
Participação	As famílias e outros membros da comunidade participam nas

Educativa	<p>actividades de aprendizagem dos alunos, quer no horário escolar, quer no extra-escolar.</p> <p>As famílias e outros membros da comunidade participam nos programas educativos, que dão resposta às suas necessidades.</p>
-----------	--

Quadro 2 – Tipos de Participação Familiar e Comunitária na Escola
(Retirado de DGE, Módulo -8 Participação educativa da comunidade, p.3)

As conclusões apresentadas nos documentos do projeto Includ-ed (2009) sobre a participação e envolvimento da família e da comunidade na escola, revelam resultados positivos no sucesso escolar dos alunos.

Para os alunos, os resultados esperados são de uma melhoria na aprendizagem, realização pessoal e mudanças comportamentais. Para os pais e encarregados de educação, estes passam a ter autonomia em participar na organização escolar e em programas de educação, facilitando o envolvimento parental na criação de ações que melhor respondem às necessidades dos alunos. Para a comunidade, a sua participação no contexto educativo tem grande impacto para gerar equidade, contribuindo para a superação de desigualdades, preconceitos e estereótipos que afetam grupos vulneráveis.

Epstein apresenta uma tipologia que não limita a escola à sala de aula, mas que abrange outras dimensões fundamentais para o desenvolvimento do aluno, como por exemplo, a participação consciente da parentalidade no progresso escolar e o contributo da comunidade para o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão, ou seja, a escola auxilia as famílias na ação de participar na vida académica do aluno, proporciona condições físicas, auxílio emocional e educativo. O modelo subjacente ao Includ-ed estabelece um percurso gradual de envolvimento da família e da comunidade na escola, e parte da premissa que os atores estão num contínuo desenvolvimento desde o estado de não participação até à participação ativa.

Pode-se considerar que não existe um modelo certo ou errado, e que os modelos apresentados não são mutuamente exclusivos, mas se complementam entre si. O que irá garantir o sucesso das inter-relações escola, família e comunidade é a flexibilidade com que as medidas são aplicadas, ou seja, é preciso ter em conta as características próprias de cada contexto educativo, as necessidades dos alunos, pais e encarregados da educação e demais pessoas da comunidade e construir, em concordância, e entre todos

os envolvidos, as formas de relacionamento mais vantajosas para os objetivos e missão da escola no seio de cada comunidade específica. Isto, porque a aprendizagem é dependente das interações que se estabelecem, tanto dentro da escola, como no exterior. É importante que as famílias e a comunidade sejam incluídas neste processo para se potenciarem aprendizagens de nível elevado e se proporcionarem experiências significativas aos alunos.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1. TIPO DE ESTUDO

Estruturamos o trabalho através do método descritivo simples, dentro do paradigma qualitativo. O presente capítulo destina-se assim a explicitar o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida de forma a apresentar os resultados com foco na perspectiva dos participantes.

2.2. BREVE DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTUDO

Um Agrupamento de escolas de Leiria

O Agrupamento de Escolas em foco neste estudo está localizado no concelho de Leiria, foi criado no ano letivo de 1999/2000 e abrange o total de três freguesias da região. Constitui-se por 9 jardins de infância, uma escola básica com educação pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico (CBE), 12 escolas básicas com 1.º CEB e uma escola básica de 2.º e 3.º CEB, que é a escola-sede.

O Agrupamento está integrado no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) e no ano letivo 2018-2019, a população escolar era constituída por 1945 crianças e alunos: “440 na educação pré-escolar (20 grupos), 876 no 1.º ciclo (49 turmas), 354 no 2.º ciclo (16 turmas), 257 no 3.º ciclo (12 turmas) e 16 na turma mista do Curso de Educação e Formação (CEF) de Operador(a) de Cerâmica e de Instalador(a), Reparador(a) de Computadores (uma turma)”, como apresenta o Projeto Educativo 2018-2022 do Agrupamento.

O documento Projeto Educativo 2018-2022 do Agrupamento refere que a equipa é constituída por 168 docentes, sendo que, 90,8% pertencem aos quadros. A equipa não docente é constituída por 43 assistentes operacionais e 6 assistentes técnicos. O Agrupamento conta ainda com dois psicólogos, uma animadora cultural, uma terapeuta da fala, uma terapeuta ocupacional e uma assistente social.

O Agrupamento tem como propósito a melhoria dos resultados escolares através do trabalho contínuo e sistemático de alunos, professores e comunidade educativa. Tem como objetivo o envolvimento de todos os agentes no processo educativo, com destaque aos pais e encarregados de educação. Também se propõem a implementar projetos e iniciativas de carácter inovador para promover as aprendizagens dos alunos, através do trabalho colaborativo com parcerias e a abertura da escola à comunidade.

Um Projeto de ação social

Atualmente, é cada vez mais visível o aumento de contextos socioeconómicos vulneráveis. Fatores como a desinformação, inacessibilidade, o crescimento da marginalidade, as várias etnias, culturas, línguas e crenças, explicam um pouco sobre a desigualdade social.

O Estado, enquanto orientador da comunidade, tem a responsabilidade e o dever de garantir condições dignas de igualdade social. Nesta perspectiva, a oferta de serviços sociais à população de maior vulnerabilidade tem como principal objetivo dar resposta a assimetrias sociais vivenciadas por muitos.

O projeto em análise é um projeto promovido e gerido por uma associação que visa o desenvolvimento comunitário e é financiado pelo Programa Nacional Escolhas. Através do trabalho colaborativo, positivo e inovador, este projeto tem como principal ação a promoção da inclusão social e a participação da comunidade de um bairro do Município de Leiria, proveniente de contextos culturais diversos, designadamente de crianças e jovens que frequentam o Agrupamento atrás caracterizado e das suas famílias.

Este projeto de ação social tem como objetivos a promoção do sucesso escolar, do desenvolvimento de competências e habilidades nas áreas das tecnologias da informação e comunicação, do diálogo intercultural e da participação cívica e comunitária.

O projeto de ação social desenvolve muitas atividades de carácter pedagógico, artístico, desportivo e formativo. Conta com uma equipa de profissionais qualificados para o atendimento psicológico, social e familiar, e voluntários de diversas áreas que se disponibilizam a desenvolver as atividades. O atendimento das crianças e jovens é realizado no turno contrário ao horário escolar, de maneira a que as crianças consigam

conciliar a frequência na escola e no projeto, de segunda a sexta-feira nos doze meses do ano.

2.3. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

2.3.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

Na primeira fase da investigação, recorreremos à leitura e análise dos documentos do Agrupamento, como: Projeto Educativo; Plano Plurianual de Melhoria; Plano Anual de Atividades; Regulamento Interno; Contrato de Autonomia; Relatório Anual de Progresso e Relatório da Direção-Geral de Educação. Para organizar e compreender o conteúdo recolhido nestes documentos foi desenhado um guião de análise documental que permitiu aferir os projetos e iniciativas de inter-relações da escola, família e comunidade desenvolvidos nas escolas do Agrupamento e o envolvimento e participação dos intervenientes.

Para o desenho do guião de análise documental (apresentado no Apêndice 1), recorreremos às 5 categorias de participação da família e comunidade na escola apresentadas pelo projeto Inlud-ed e considerou-se a necessidade de agregar duas subcategorias de participação, decorrentes dos dados recolhidos, que dão respostas as questões críticas e emergentes à gestão e organização educacional, às famílias e à comunidade.

Cada categoria pretende representar aspetos específicos da participação das famílias e da comunidade seja nos projetos escolares, atividades pedagógicas, convívios, bem como na organização e administração da escola. As categorias incluídas no guião de análise documental são:

1. Participação informativa.
2. Participação consultiva.
3. Participação decisiva.
4. Participação avaliativa.
5. Participação educativa.

6. Participação informativa no desenvolvimento das famílias e comunidade educativa.
7. Participação colaborativa na gestão da oferta educativa.

2.3.2. ENTREVISTAS

2.3.2.1. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O INSTRUMENTO APLICADO (GUIÃO DE ENTREVISTA)

A investigação qualitativa tem marcado presença no campo das Ciências Sociais, a literatura sobre a sua aplicabilidade constitui-se de inúmeros estudos e nota-se que os conceitos estabelecidos pelos diferentes autores se interligam, permitindo a sua compreensão. Flick (2005) lembra que durante muito tempo as abordagens padronizadas e quantificadas eram predominantes nos estudos investigativos. Após os anos 40 é que se afirmam abordagens mais flexíveis, abertas, qualitativas e descritivas.

Neste contexto, deparamo-nos com as diferentes formas e métodos de entrevista que variam pela aplicação dos processos de comunicação e interação. Para Quivy e Campenhoudt (2005), os métodos de entrevista permitem um contato direto entre o investigador e a pessoa entrevistada. Neste campo, os autores destacam a relação entre as leituras e a entrevista exploratória que “devem ajudar a constituir a problemática da investigação” (p. 253). Sendo que, as leituras ajudam a recolher informações pertinentes relativos ao problema, e as entrevistas contribuem para descobrir aspectos importantes sobre o problema, alargando o conteúdo e retificando o que tenha ficado implícito nas leituras. “As entrevistas exploratórias têm, portanto, como função principal revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (Quivy e Campenhoudt, 2005, p. 253), tipologia que se adotou no presente estudo.

Para os autores, nas entrevistas exploratórias devem-se adotar algumas atitudes importantes, que quando bem executadas, permitem ao investigador obter o máximo de informações pertinentes para seu estudo. São as seguintes:

- Fazer o mínimo de perguntas possíveis;

- Intervir da forma mais aberta possível;
- Abster-se de se implicar a si mesmo no conteúdo;
- Procurar que a entrevista se desenrole num contexto e num ambiente adequados;
- Gravar as entrevistas.

(p. 261)

Em síntese, as entrevistas exploratórias são acompanhadas de métodos exploratórios complementares (observações, análise de documentos). Para que não se corra o risco de obter informações divergentes relativamente aos objetivos definidos e a problemática, é importante ter atenção aos princípios metodológicos: observar atentamente todo o contexto; escutar com atenção e não focar em uma única mensagem; ter conhecimento e informação suficiente para perceber o que é referido pela pessoa entrevistada; e procurar discernir os aspetos importantes e essenciais do estudo.

2.3.2.2. DEFINIÇÃO DO GRUPO E PREPARAÇÃO DA ENTREVISTA

Tendo como referência a teoria da entrevista, procurámos constituir uma dupla de entrevistados que representasse todos os níveis/ciclos de ensino e parcerias entre escola-família-comunidade, dessa maneira, obtendo a amostra mais conveniente para os objetivos deste estudo. Assim, nosso painel de entrevistados é composto pelo Sr. Diretor de um Agrupamento de escolas de Leiria e a Sra. Coordenadora de um projeto de ação social.

Consideramos que o convite à participação deveria ser feito por correio eletrónico, visto os tempos conturbados de pandemia. Assim, neste primeiro contato com os entrevistados, procuramos:

- Salientar nossa posição como entrevistador que apenas procura compreender a realidade a partir das experiências e pontos de vista dos entrevistados;
- Explicar os objetivos da investigação e a relevância do tema deste estudo;
- Garantir a confidencialidade das respostas obtidas e a identificação dos entrevistados;
- Dar aos entrevistados a livre escolha do dia, hora e local para a realização da

entrevista.

Definidos os entrevistados, foram agendadas as entrevistas para os dias e hora considerado mais convenientes pelos participantes, bem como o local. Os entrevistados concordaram com que o diálogo fosse gravado em registo áudio, tendo-se acordado o comprometimento do entrevistador em informar sobre as conclusões desta investigação.

2.3.2.3. O GUIÃO E A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

O guião de entrevista foi desenvolvido a partir das categorias dos tipos de participação familiar e comunitária na escola, fundamentadas pelo projeto Includ-ed e as subcategorias que foram criadas no contexto da análise documental, já referidas.

Tendo esta perspectiva como base, o questionamento é composto por perguntas abertas semiestruturadas, sempre no sentido de uma recolha de opinião e descrição das experiências vivenciadas no contexto educativo em que atuam.

Dado o carácter semiestruturado da entrevista, não foi considerada a obrigatoriedade em realizar todas as perguntas planeadas no guião, isto para que os entrevistados se sentissem à vontade em suas declarações, opinando, explicando e descrevendo com detalhes e sem qualquer tipo de constrangimento.

As questões da entrevista foram sujeitas a análise por dois professores para a verificação da adequação da redação aos entrevistados e podem ser encontradas no Apêndice 2 deste trabalho.

2.4. TRATAMENTO DE DADOS

Após a leitura de cada documento e a identificação dos projetos e iniciativas de relação escola, família, comunidade e a realização das entrevistas, reunimos os dados obtidos na análise documental e as declarações registadas por meio de áudio e passamos a organizá-los assim: Primeiramente, para a gravação áudio das entrevistas recorreremos a uma aplicação de “Gravador de Voz” de pequenas dimensões e de fácil operacionalidade, procedemos a transcrição e posteriormente à revisão, através da escuta, leitura e releitura de cada uma das entrevistas. Em sequência, recorreremos ao

guião de análise documental (Apêndice 1) e as entrevistas transcritas (Apêndice 3) onde podemos visualizar com precisão, numa lógica de triangulação de todos os dados recolhidos.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

De modo a compreender como acontece a participação da família e da comunidade nos contextos educativos estudados, analisou-se o conteúdo dos documentos do Agrupamento e do projeto de ação social e construiu-se o quadro de análise documental (Apêndice 1), onde consta o registo de atividades e das iniciativas e projetos de participação e envolvimento da família e comunidade em cada contexto. Também se analisaram as respostas obtidas através das entrevistas exploratórias realizadas com o Diretor do Agrupamento e a Coordenadora do projeto de ação social. A análise aqui apresentada tem como base categorias dos guiões das entrevistas exploratórias, está organizada por títulos e recorre às transcrições do discurso dos entrevistados, a informações da análise documental e a referências bibliográficas dos autores que fundamentaram o enquadramento teórico deste estudo.

3.1. RAZÕES QUE JUSTIFICAM A IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS

O Agrupamento apresenta características muito próprias e por estar em um território educativo de intervenção prioritária é necessário ultrapassar e minimizar problemas que tendem a surgir, como: o abandono escolar, o absentismo, o insucesso escolar e a indisciplina. O documento Plano Plurianual de Melhoria (2018-2022) apresenta estes problemas ao fazer o diagnóstico do Agrupamento; em sequência, no tópico “áreas de melhoria” apresenta muitos domínios em que necessitam da continuação de um trabalho de sensibilização a mudança. Destacamos aqui os seguintes domínios considerados relevantes para este estudo: “Comunicação; Resultados escolares; Envolvimento e motivação para a aprendizagem, por parte dos alunos, com efetivo acompanhamento (em proximidade) dos EE; Colaboração das parcerias da comunidade nas dinâmicas da escola.” (p. 10 - 11). Para o Diretor:

Estamos inseridos num meio sociocultural e econômico muito frágil e então, a escola acaba por ser a ponte para aceder à família e a escola tem que manter sempre esta ponte aberta com a família. E daí, muitos dos projetos que temos são projetos que envolvem diretamente as famílias porque temos dificuldade em trazer as famílias para escola, e se o Agrupamento tem projetos que envolvem as famílias nós chegamos muito melhor, de uma forma muito mais eficaz até aos pais. (Diretor AE)

Para além dos domínios apresentados, encontra-se no documento Plano Plurianual de Melhoria (2018-2022), o objetivo do Agrupamento trabalhar na melhoria do sucesso escolar e na melhoria da qualidade do sucesso escolar. Para isso, os projetos e iniciativas desenvolvidos pelo Agrupamento e as parcerias com a comunidade, por exemplo um projeto de ação social, são ferramentas muito importantes que contribuem não só na aprendizagem académica do aluno, mas também a nível social. Existem diversos serviços e projetos, nomeadamente: CACE Faz, projetos da Saúde Escolar, do Desporto Escolar, Erasmus+, TopTurmas, Includ-ed, entre outros.

3.2. PRINCIPAIS TIPOLOGIAS DE ENVOLVIMENTO PARENTAL E DA COMUNIDADE NO AGRUPAMENTO

Para Brandão (1998) o envolvimento parental é um conjunto de interações entre escola e família, desde o auxílio nos trabalhos de casa, participação em eventos especiais feitos na escola, até a participação em reuniões administrativas da organização. Nesta mesma perspectiva, podemos incluir o envolvimento da comunidade que através de parcerias estratégicas no terreno, pode participar e contribuir nos projetos e iniciativas desenvolvidos no Agrupamento.

Tendo como base as categorias de tipos de participação familiar e comunitária na escola apresentados pelo Includ-ed (2009) e mais duas sub-categorias criadas para este estudo, podemos identificar, através da análise documental (Apêndice 1), as principais iniciativas e projetos desenvolvidos pelo Agrupamento e que tem maior participação e envolvimento por parte da família e da comunidade.

Passam-se a apresentar sumariamente, e por categoria, formas de participação e envolvimento por parte da família e da comunidade previstas no Agrupamento.

- Participação informativa: Direcionado para os pais e encarregados de educação, o Agrupamento procura manter o contato e a comunicação constante com a família através de reuniões, telefonemas, e-mail e principalmente, o contato pessoal.

- Sub-categoria – Participação informativa no desenvolvimento das famílias e comunidade educativa: As iniciativas desenvolvidas nesta categoria abrangem os alunos, as famílias e toda comunidade. O Agrupamento disponibiliza material informativo alusivo à orientação educacional, sucesso escolar, transições escolares e saúde mental. Também, devido aos tempos pandémicos, auxilia com informações de proteção contra a doença. O Agrupamento disponibiliza também, um espaço de acolhimento e aconselhamento aos alunos e aos pais e encarregados de educação, em especial a alunos imigrantes através da oferta de informações úteis e indicações relevantes sobre a escola e o País. Para o Diretor, a equipa de psicólogos tem um papel muito importante, pois quando se observa que um aluno está a passar por dificuldades, seja por falta de nutrição adequada ou condições em casa para estudar, cabe à escola arranjar maneiras de suprir estas necessidades. Neste contexto, os psicólogos abordam a família para perceber a situação e planear as melhores medidas de intervenção.

- Participação consultiva: As iniciativas desenvolvidas no âmbito da participação consultiva estão previstas nos documentos do Agrupamento como, o Regulamento Interno. Estas iniciativas de participação fornecem direitos aos pais e encarregados de educação em participar no processo de avaliação do aluno, em expressar sua satisfação quanto à estrutura organizacional do Agrupamento, ser representados no Conselho Geral e no Conselho de Turma do Agrupamento, participando, assim em vários níveis da vida da escola e da vida escolar dos seus filhos e educandos.

- Participação decisiva: A participação decisiva também está amparada pelo Regulamento Interno do Agrupamento, onde cada pai e encarregado de educação têm o direito de decidir, autorizar ou não, as ações de intervenção efetuadas pelo Serviço de Psicologia e Orientação (SPO). Também, têm o direito de decidir sobre a participação do aluno nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) e noutros projetos da escola, como: Clube Europeu; eTwinning.

- Participação avaliativa: A participação avaliativa é assegurada pelo Regulamento Interno do Agrupamento em duas situações: os pais e encarregados de educação podem

ser convidados a participar da assembleia de turma onde há a apreciação das matérias e atividades desenvolvidas; a associação de pais e encarregados de Educação podem ter acesso ao refeitório das escolas de educação pré-escolar e 1.º ciclo para avaliar a qualidade das refeições.

- Participação educativa: O Agrupamento desenvolve muitos projetos e iniciativas que proporcionam a participação educativa da família e da comunidade na escola, entre as diversas atividades, destacamos aqui as que aproximam mais as famílias e a comunidade da escola. Neste sentido, o Diretor destaca uma figura importante na escola:

Eu digo que os projetos que mais aproximam a família e a comunidade da escola, são projetos que são dinamizados dentro da escola por uma figura muito importante que a escola tem, que é a Animadora Cultural. A Animadora Cultural é o elo de ligação entre os professores e a família porque nós sabemos que os currículos são muito densos, os professores têm pouca disponibilidade para desenvolver projetos extra sala de aula. E nós, tendo uma animadora cultural, ela vai potenciar projetos que de outra forma não tinha grande expressão, eram sempre muito mais pequenos. E nós percebemos que a nossa dinâmica, em termos de cultura e de acesso as famílias, é extraordinariamente beneficiada com esse elemento. (Diretor AE).

O documento Plano Plurianual de melhoria (2018-2022) apresenta o Projeto C.A.C.E. Faz (Cultura, Animação, Cidadania e Educação) desenvolvido pela Animadora Cultural e tem como objetivo criar relações de proximidade entre escola, família, comunidade e promover a qualidade e sucesso educativo através de um conjunto de atividades multiculturais.

Outro projeto importante é o Includ-ed. Este projeto é referenciado no documento Projeto Educativo (2018-2022) do Agrupamento no âmbito das ações de melhorias. Assentes em bases científicas que enfatizam a interação e o envolvimento da comunidade através de uma abordagem dialógica de aprendizagem, as ações educativas de sucesso desenvolvidas neste projeto tem como objetivo a transformação do contexto social, a relação escola, família, comunidade e o sucesso educativo do aluno. Na apreciação do Diretor, relata:

Nós temos muitas iniciativas do Includ-ed: reuniões de pais, sessões em que os pais vêm participar nas nossas aulas, as sessões dialógicas e etc. É um conjunto de iniciativas muito bem estruturadas que trazem os pais à escola, fazem os pais participarem da vida da escola, da vida da sala de aula, trazem os pais pra dentro da sala de aula que é um passo gigante. Eu podia

elencar aqui muitas ações educativas de êxito mas vou focar numa, a valorização da população sênior. Nós temos do outro lado da estrada a AMITEI. A AMITEI é um espaço de acolhimento, um lar de idosos, e a família também são os nossos idosos. E lá está, é potenciando parcerias sempre e saindo da escola e trazendo os idosos à escola. Por exemplo, o ano passado estivemos a ensaiar as marchas populares, os nossos miúdos não dançam, mas os nossos idosos, foram na sua juventude ativos no ranjo folclórico, sabem dança, sabem os cantares e etc. Todos os dias a tarde vem uma carrinha ou duas com os idosos e pára aqui dentro e eles depois, em uma sala, ensaiam as músicas, fazem isso com um grupo de crianças, de jovens, de alunos voluntários que querem participar neste projeto. O trabalho final depois, é uma coisa extraordinária que envolvem os pais que ficam muito orgulhosos em ver o filho a fazer aquele trabalho, é devolvida uma certa juventude aos nossos idosos porque estão com os mais novos e estão a fazer uma coisa diferente e sentem-se completamente úteis e a transferir um saber. E portanto, a escola que facilita ser o espaço facilitador para isto acontecer está a cumprir, do meu ponto de vista, completamente a sua função. (Diretor AE)

A adesão do Projeto Includ-ed no Agrupamento aconteceu a partir do convite do Ministério de Educação. Pela particularidade de ser um Agrupamento TEIP e por ter uma série de iniciativas e projetos que envolvem as famílias e a comunidade.

- Sub-categoria – Participação colaborativa na gestão da oferta educativa: O âmbito desta categoria compreende ao envolvimento e participação da associação de pais e encarregados de educação (APEM) com ações colaborativas que vêm ao encontro das necessidades das escolas do Agrupamento e também auxiliar na comunicação entre a gestão do Agrupamento e a comunidade educativa. Para o Diretor:

As associações de pais aqui, e são muitas como já lhe disse, são muito importantes porque são de uma influência positiva. Quando queremos implementar uma determinada medida, um determinado projeto se envolvermos as associações de pais temos uma primeira validação e as associações de pais são representadas no conselho geral que é o órgão máximo do Agrupamento. (Diretor AE)

3.3.PROJETO DE AÇÃO SOCIAL – UMA PARCERIA IMPORTANTE PARA O AGRUPAMENTO

É através da metodologia de investigação-ação participativa que a Associação coordenadora do projeto de ação social concentra os seus esforços no âmbito da família, educação e empregabilidade, e dessa forma, atua na capacitação e inclusão social dos

beneficiários. O trabalho é desenvolvido de forma colaborativa e baseado na observação, reflexão, planeamento e avaliação. A Associação possui muitos projetos de cariz social, entre os quais, está o Projeto que tem como principal parceiro, o Agrupamento.

Para o Diretor do Agrupamento este projeto é um parceiro estratégico e muito importante, pois está localizado num bairro que apresenta muitos desafios sociais, culturais e económicos, constituído por uma população significativa de imigrantes, como uma grande comunidade marroquina e ucraniana, algumas famílias provenientes de países lusófonos e uma comunidade brasileira também bastante significativa. Para o Diretor surge aqui uma situação bastante delicada e desafiadora que é “A dificuldade em chegar àquelas famílias” (Diretor AE) e por isso, este projeto de ação social surge a partir desta necessidade.

Para Henderson e Mapp (2002) o desenvolvimento das crianças é da responsabilidade dos pais, dos professores e funcionários e membros da comunidade que trabalham juntos de forma colaborativa. Assim, no âmbito da participação consultiva e decisiva, desde o início o projeto foi pensado e formado por vários intervenientes (pessoas, programas e instituições) e sobretudo, o contributo da comunidade. Foi através do contato com a comunidade local que foi possível identificar as necessidades e aspectos que precisavam de intervenção. A Coordenadora faz o relato desta ação:

Nós quando começamos, quando escrevemos pela primeira vez o Projeto em 2015, depois isto arrancou em 2016, fizemos um diagnóstico aqui na comunidade, andamos a entrevistar crianças, jovens e famílias para perceber qual era a sua apreciação em relação às problemáticas, às mais-valias, às forças e aos constrangimentos do território. (Coordenadora do projeto)

O trabalho desenvolvido deve fazer sentido para a comunidade utente, deve vir ao encontro das suas necessidades. Neste contexto, a própria divulgação do projeto junto à comunidade local foi e é desenvolvida mediante o “passa palavra”. O Agrupamento é a instituição que mais encaminha e indica participantes, professoras das escolas limítrofes da sede do projeto procuram contatar a organização e indicar alunos que poderiam beneficiar das atividades desenvolvidas no projeto. Há também, muitas famílias que procuram a instituição por iniciativa própria e, portanto, o projeto estabelece um processo de inscrição e análise de cada situação apresentada, isto porque, é dirigido a um conjunto específico de população e as crianças não pagam nenhum valor para frequentar a instituição.

Com o objetivo de desenvolver uma parceria equilibrada entre Agrupamento e projeto, a escola contribui com todas as ferramentas possíveis para que o Projeto desenvolva o seu trabalho na comunidade em foco, por exemplo a disponibilização de professores do Agrupamento para ir até a sede do projeto e desenvolver um trabalho de apoio pedagógico com os alunos que o frequentam.

Os colaboradores do projeto também se disponibilizam em realizar atividades artísticas nas escolas e contribuir nas iniciativas do Agrupamento, dando sentido a projetos da escola e envolvendo outros alunos e outras famílias e dessa maneira, estabelece-se entre Agrupamento e projeto o que Lima (2007) descreve como parceria de redes. Para Lima (2007), já é reconhecido pela literatura e pelo Estado, a necessidade de interação e parceria entre as organizações educativas e entidades locais, objetivando o sucesso escolar. Neste sentido, o projeto conta com diversos parceiros sobretudo, as parcerias fundamentais que constituem os membros do consórcio - a instituição de ensino superior da região, autarquia e junta de freguesia, agrupamento de escolas, uma unidade de cuidados à comunidade, a Rede Europeia de Pobreza, o Centro de Respostas Integradas ou CRI da região e por fim, o consórcio que faz parte da própria rede da associação que sustenta o projeto. Estes membros estão presentes desde a génese do projeto, conforme a Coordenadora.

O projeto ainda conta com parcerias estratégicas no terreno como, empresas da área da gastronomia, o Instituto do Emprego e Formação Profissional, o Speak (projeto de competências linguísticas e promove cursos de língua portuguesa para as famílias e comunidade local) e a parceria com as próprias escolas, entre outras organizações. O projeto já contou com uma rede de parcerias composta por 42 organizações e instituições além das pessoas voluntárias que disponibilizam de seu tempo para desenvolver oficinas artísticas e lúdico-pedagógicas.

O projeto desenvolve várias iniciativas no âmbito da participação e envolvimento parental, nota-se que a adesão às atividades depende muito do interesse da família e das suas necessidades. Iniciativas como formação em competências parentais e formações pós-laborais têm, contudo, pouca assiduidade, segundo informação da Coordenadora do projeto. Entretanto, contudo, indica que as famílias estão sempre presentes nas festas e apresentações artísticas que os alunos produzem junto ao projeto. Atividades que envolvem a interculturalidade também promovem grande participação por parte das famílias, para a Coordenadora:

Temos tido alguma adesão em algumas tertúlias sobre a questão do cyberbullying, sobre as questões das redes sociais que é uma questão muito atual para as famílias e nos quais, notamos que há algum receio. (Coordenadora do projeto)

Uma iniciativa específica para as famílias e que surge com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento e autonomia dos encarregados de educação e promover a sua inserção na cultura portuguesa, é o curso de promoção da língua portuguesa para mulheres marroquinas. O projeto conta com uma turma exclusivamente feminina, e formada por mães dos alunos do agrupamento, que ali frequentam este curso. A Coordenadora relata que:

“nós verificamos que eram pessoas que viviam aqui há imensos anos e não sabiam pedir uma alface no supermercado, ou não sabiam e não tinham qualquer competência de comunicação na língua portuguesa e nós achamos que tínhamos que captar essas pessoas, capacitá-las e empoderá-las para que sua vida possa ser mais facilitada”. (Coordenadora do projeto)

Para o Agrupamento, as iniciativas realizadas pelo projeto são uma mais-valia pois, contribui para que as famílias se aproximem da escola, tal como referido pelo Diretor:

A própria associação promove cursos de português para estrangeiros. Se uma mãe que fala árabe, e pouco português, pode frequentar na associação aulas de português, quando essa mãe falar melhor português ela vai facilmente ou mais facilmente comunicar-se com a escola. (Diretor AE)

Ou seja, o projeto proporciona a aquisição de competências linguísticas para que a mãe acompanhe e dê maior suporte ao seu filho que está na escola também, a comunicação com os professores será melhor compreendida para ambos os lados. Isto vem ao encontro do que Silva (2009) apresenta como benefícios da relação escola e família, ou seja, quando há esta inter-relação de participação, envolvimento e entajuda, as famílias sentem-se valorizadas socialmente sobretudo, as famílias de contextos sócioeconómicos vulneráveis.

Em síntese, o projeto acaba por desenvolver um trabalho de acompanhamento e suporte à comunidade educativa envolvente. Para a Coordenadora:

Apoiamo-nos, por um lado na implementação das atividades, por outro lado na sinalização de possíveis participantes e beneficiários e por outro lado, é um trabalho de complementaridade no sentido de correlatar as necessidades da comunidade. (Coordenadora do projeto)

Esta ação colaborativa traz benefícios para todos os intervenientes (aluno, família, comunidade e escola) e o projeto acaba por se tornar a ponte de observação, comunicação e intervenção entre o Agrupamento e as famílias.

3.3.1. RESULTADOS DO TRABALHO DESENVOLVIDO PELO PROJETO

As atividades desenvolvidas no projeto têm uma série de objetivos que quando alcançados, produzem resultados não só na vida académica como também, na vida social do aluno. Objetivos como a promoção do sucesso escolar, o desenvolvimento de competências nas áreas de tecnologias, diálogo intercultural e a participação cívica e comunitária compõem o enquadramento deste projeto. No âmbito das atividades desenvolvidas, a Coordenadora relata:

Nós temos atividades de educação emocional, atividades de promoção da cidadania, atividades lúdico-pedagógicas, temos o centro de inclusão digital que é a nossa sala de informática, portanto temos uma série de valências (Coordenadora do projeto).

Com base nesses objetivos e após o desenvolvimento das atividades, é possível verificar mudanças e resultados nos alunos que frequentam o projeto. Para a Coordenadora do projeto, as metas estabelecidas têm sido alcançadas gradativamente. A cada seis meses é realizada uma avaliação quantitativa sobre o desenvolvimento do projeto, observa-se e avaliam-se os objetivos definidos e os resultados apresentados e constata-se que o projeto tem sempre atingido as metas propostas:

Tínhamos várias metas, nomeadamente, a promoção do sucesso escolar. Ano passado tínhamos 56 participantes diretos, que são o que, são as crianças e jovens que participam com regularidade pelo menos três vezes por semana aqui e que tem algum nível de risco psicossocial identificado. Nós, o ano passado destes 56 houve a retenção de 3 alunos. Depois, outro dos resultados é melhorar competências, é a promoção das competências das TIC's de informática. Depois tínhamos também, o desenvolvimento de competências promotoras da interculturalidade e do diálogo intercultural e também, conseguimos atingir as metas estabelecidas. Portanto, eu acho que se espremendo isto em termos de impacto eu acho que

temos tido por um lado, temos conseguido concretizar aquilo a que nos propomos e por outro lado, efetivamente, as pessoas continuam a nos procurar. (Coordenadora do projeto)

Para o Diretor do Agrupamento:

O trabalho realizado pelo projeto tem um impacto muito grande no resultado dos alunos. Justamente porque eles fazem um acompanhamento de proximidade muito grande. (Diretor do AE)

Assim, o trabalho desenvolvido pelo projeto acaba por proporcionar nos alunos o sentimento de pertença à comunidade educativa e de compromisso com a escola e com seus próprios estudos.

Podem-se também verificar conquistas e resultados no âmbito da família e da comunidade. Para a Coordenadora:

Cada família tem suas necessidades em específico e depois, cada família tem seu contexto cultural e social concreto. É muito difícil, quanto mais diferente é a cultura e quanto mais enraizados, as pessoas têm determinados hábitos. É um trabalho a longo prazo. (Coordenadora do projeto)

Portanto, a mínima mudança de conceito e atitude em situações básicas do cotidiano já são consideradas como conquistas e resultados do trabalho desenvolvido. Para a coordenadora, situações como: a sensibilização no cumprimento de regras e horários, a preparação de um lanche saudável, o cuidado e higiene, são pequenas mudanças positivas.

Trabalhamos em conjunto com as famílias no sentido de criar condições para que as pessoas possam fazer essa mudança. Não é exigir a mudança por si, é, portanto tentar aqui, dialogar. E, quando nós começamos a observar estas primeiras mudanças, estas conquistas, este reconhecimento, é de facto impactante. (Coordenadora do projeto)

Para Azevedo (2015), a educação dada pela família é a base principal e insubstituível, antecede qualquer outro tipo de intervenção educacional seja ela feita por pessoas ou instituições. Portanto, a mudança de paradigma e de atitude deve começar no núcleo familiar e por isso, quando ocorrem pequenas mudanças, são consideradas conquistas de um árduo trabalho.

3.3.2. *CONSTRANGIMENTOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO*

É evidente que o trabalho desenvolvido pelo projeto é uma mais-valia não só para o aluno e sua família como, também, para o Agrupamento. Contudo, ainda se identificam dificuldades e constrangimentos referentes ao desenvolvimento integral dos alunos e à relação das famílias, comunidade e projeto. A dificuldade e desafio pontual sinalizado pela Coordenadora é o envolver as famílias.

Muitas vezes, tudo o que implica envolver os meninos corre tudo bem, o que implica o envolvimento dos encarregados da educação, das famílias, as vezes não corre como nós esperávamos. Tudo o que implica esta vinda ao projeto após, que não seja só buscar a criança, temos tido alguma dificuldade. (Coordenadora do projeto)

Como já referido anteriormente, as famílias procuram o projeto com pedidos de ajuda, e através da instituição podem ter acesso a consultas de psicologia, terapia da fala e outras. Agora, o participar e envolver-se assiduamente nas iniciativas do projeto, é assumido pela coordenadora como um desafio.

Outra problemática identificada é referente aos alunos. Grande parte dos encarregados de educação possuem empregos com horários alargados o que torna difícil o ato de suporte e acompanhamento parental. Seja nos trabalhos de casa ou na rotina de refeições e cuidados de higiene. Assim, os alunos são acolhidos por pessoas amigas da família, pela própria escola e pelo projeto, porém, nota-se que as crianças precisam gerir seu tempo, material e estudo de forma independente, sem o apoio da família.

Em sequência, identificam-se constrangimentos na aprendizagem dos alunos e que são notados ao desenvolver as atividades pedagógicas. A Coordenadora relata constrangimentos como:

Verificamos que miúdos do 1.º e 2.º ciclo não sabem cortar, não sabem pintar bem, essas coisas da preensão fina que se adquirem no pré-escolar. Notamos que não existem hábitos de leitura, as crianças não sabem organizar os seus cadernos diários, o seu estudo. Notamos que o tempo de atenção deles é muito diminuto e é progressivamente mais menor. (Coordenadora do projeto)

Outros desafios como, a língua portuguesa não ser a língua materna, a falta de horário de estudo em casa, bem como, a falta de condições apropriadas para realizar esse estudo, são constrangimentos muito comuns no contexto familiar dos alunos que frequentam o projeto.

Por isso, o projeto procura desenvolver atividades que visem o seu desenvolvimento global e que venha de encontro as necessidades dos alunos, que se sintam acolhidos, seguros, ouvidos e assistidos. Para a Coordenadora o projeto é uma segunda casa:

Casa no sentido de um sítio seguro, um sítio onde eles sabem que estão acompanhados em que podem falar, podem se divertir, podem aprender, podem descobrir, podem investigar e é isso que se pretende, é mostrar o mundo e mostrar coisas positivas e saudáveis do nosso mundo porque coisas más, a maioria deles já tem em casa. (Coordenadora do projeto)

3.4. AS INTER-RELAÇÕES ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE DURANTE A PANDEMIA

O ano de 2020 apresentou ao mundo o desafio de adaptar-se a novas formas de trabalho e ensino. A escola precisou reorganizar o planeamento e a metodologia a ser aplicada para que a aprendizagem continuasse a avançar. Com recursos da tecnologia foi possível continuar a desenvolver as aulas, os conteúdos e as atividades de forma adaptada. Com a proximidade social comprometida, por razões de saúde pública, muitas das iniciativas e projetos desenvolvidos no âmbito do envolvimento parental tiveram que ser suspensos ou adaptados ao digital. O Agrupamento recorreu às plataformas digitais para desenvolver iniciativas de envolvimento como o encontro virtual de celebração ao Dia de São Martinho, com atividades de música e teatro entre a comunidade de utentes da AMITEI e os alunos da EB2. Para o Diretor:

A proximidade que conseguimos com as formas mediatizadas, o zoom, as plataformas não é a mesma proximidade. (Diretor AE)

Assim, mesmo que estejamos a viver a melhor época tecnológica de todos os tempos que nos possibilita falar com pessoas do outro lado do mundo e a aprender sobre uma infinidade de temas, a escola deparou-se com muitos constrangimentos e desafios a serem superados e que vão além do medo da proximidade física.

Pelo facto da comunidade educativa ser proveniente de um contexto cultural e económico limitado, o Agrupamento desenvolveu estratégias para que a comunicação entre escola e família continuasse a existir. Para o Diretor, o segredo para que as coisas continuassem a funcionar foi “Nunca perder o contacto.” “Existe sempre telefone”. Também, a monitorização da presença dos alunos nas sessões síncronas tendo o mesmo regulamento e as mesmas medidas da aula presencial, ou seja, se o aluno não está a comparecer, mecanismos são acionados junto da assistente social e psicóloga para perceber o porquê do aluno não estar a comparecer nas aulas e se não existirem motivos justificáveis, os pais são responsabilizados.

O Agrupamento disponibilizou no site e nas redes sociais, conteúdos e informações sobre o atual quadro pandémico, através de documentos, recursos de ligações externas e vídeos. Dessa forma, o Agrupamento procurou estar contactado com os alunos, as famílias e a comunidade a fim de dar suporte não só no âmbito pedagógico, mas também psicológico e social.

Para além das estratégias de comunicação, o Agrupamento criou uma rede de suporte para as famílias, para que todos tivessem acesso ao ensino a distância. Para o Diretor, a pandemia apresentou situações para as quais ninguém estava preparado, como a situação do equipamento.

O problema de muitas famílias é que não tinham dinheiro para ter o equipamento, isto gera uma situação de desigualdade e a escola tem que ser igualitária. Portanto, nossa primeira preocupação foi as famílias mais carenciadas terem este equipamento. Todos os equipamentos que vieram foram atribuídos prioritariamente aos alunos que tem escalão, ou seja, àquelas famílias que tem mais dificuldades económicas. (Diretor do AE)

Neste aspecto, a rede de parceria entre escola e comunidade é essencial. O Município e muitas empresas compraram computadores e ofereceram à escola e estes equipamentos foram emprestados aos alunos carenciados. Para Lima (2007), a rede de parceria nada mais é que um conjunto de atores e a relação que é estabelecida entre eles. Esta relação é muito importante pois um fornece suporte ao outro. Neste contexto, outro suporte e apoio a família, foi através dos parceiros já existentes no terreno.

Nós temos um parceiro que é a Rede Food, a quem nós damos toda a comida sobrando da escola para ela distribuir. E portanto, numa situação dessas, nós identificamos as famílias para elas poderem ir buscar a alimentação. (Diretor do AE)

Outro parceiro muito importante foi o projeto de ação social, já aqui referenciado, que articulou e fez chegar às famílias refeições, fichas de atividades, computadores e documentos orientadores para o ensino a distância. A Coordenadora do projeto relata que:

Durante o confinamento nós nunca estivemos fechados, tivemos sempre com atividade presencial porque a população com a qual trabalhamos não tinham meios para por exemplo, aceder as escolas. Nós garantimos, por um lado o acesso à escola, é a nossa função garantir o acesso à escola à todos particularmente, à população com a qual trabalhamos. E por outro lado, garantimos também a entrega das refeições escolares. O que nós verificamos é que nossas famílias aqui da quinta da alçada não estavam a usufruir das refeições porque não tinham como ir à escola, então nós asseguramos o transporte e a distribuição porta a porta. (Coordenadora do projeto)

Para o Diretor do Agrupamento, o projeto de ação social foi um parceiro estratégico no terreno que ajudou e otimizou as ações de assistência ao aluno e às famílias.

Nesta situação pandémica que vivemos, temos alunos que estão em casa mas que por menor compreensão da língua, maiores dificuldades económicas, por dificuldade de transporte, etc. Não conseguem vir a escola por exemplo, buscar a refeição, não conseguem em casa configurar o computador. Então, ter um parceiro no terreno que o trabalho que faz, e faz de forma excelente, é um trabalho de proximidade com as famílias, se este parceiro articular com a escola ele só comunica a associação "olha tenho aqui uns computadores para entregar a estes alunos, a gente vai aí buscar" eles vêm aqui e levam os computadores. As crianças, é preciso almoços porque agora as famílias têm problemas económicos e é difícil chegar lá, os almoços são feitos aqui a associação vem aqui buscar os almoços e entrega ou lá na própria sede da associação ou vai levar de porta a porta. E portanto, isto é extraordinário o tipo de apoio. (Diretor AE)

Portanto, o ensino durante a pandemia só aconteceu porque o Agrupamento mobilizou-se com rapidez para que todos os alunos e famílias obtivessem suporte na continuidade de seu estudo e, este suporte foi possível através da rede de parcerias entre o Agrupamento e a comunidade local e municipal. Assim, o Agrupamento continuou com iniciativas de inter-relação escola, família e comunidade adaptadas ao contexto vivido e de acordo com as necessidades mais importantes para os alunos e famílias.

3.5. ANÁLISE E RESULTADOS DAS INICIATIVAS DE INTER-RELACIONAMENTO ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ALUNOS – A PERSPECTIVA DO DIRETOR DO AGRUPAMENTO

Quando se elabora um planeamento, temos em vista os resultados que queremos alcançar. No contexto do Agrupamento não é diferente e após as várias iniciativas de envolvimento e participação da família e da comunidade na escola, espera-se verificar alguns resultados sobretudo, no desenvolvimento integral do aluno.

A análise dos resultados é uma parte fundamental para o bom funcionamento do Agrupamento, pois é neste momento que se detetam as áreas que necessitam de maior intervenção, os problemas que precisam ser resolvidos com brevidade e as estratégias que devem ser reavaliadas e reajustadas. Esta análise é feita no final de cada período letivo e baseia-se em parâmetros pré-estabelecidos e que vão além do sucesso escolar e bons resultados académicos, parâmetros como: comportamento, aproveitamento de qualidade, trabalho cooperativo e colaborativo, espírito de interajuda, e outros aspectos do desenvolvimento integral enquanto cidadão. O Agrupamento também desenvolve iniciativas para que os alunos se sintam motivados em melhorar as suas atitudes e seu comprometimento com os estudos.

O acompanhamento e suporte da família é fundamental para o alcance desses resultados. Nesta perspectiva, para o Diretor, o desenvolvimento integral do aluno é grandemente beneficiado com a inter-relação escola, família e comunidade.

Pensamos nas iniciativas, primeiro que elas têm que ser complementares ao currículo e tem que servir para enriquecer a formação. E portanto, sair da escola, levar os alunos pra fora da escola é muito, muito importante e esta ida pra fora da escola tem que ter o apoio dos pais, tem que envolver a família porque é, pra já, uma responsabilidade acrescida. (Diretor AE)

Para Silva (2009) quanto maior a relação entre escola e família, maior será o sucesso educativo do aluno. Assim, a participação e envolvimento parental em iniciativas como apresentação artística, dia aberto e datas festivas já contribui para o desenvolvimento do aluno, mas a participação e o envolvimento de forma regular e em iniciativas que proporcionem o acesso a sala de aula, aumenta os benefícios para o desenvolvimento integral do aluno, para sua autoestima e confiança. Neste contexto, para o Diretor:

Uma coisa é promover atividades em que os pais estão aqui, vem ajudar numa intervenção artística, vem participar num dia aberto à comunidade, etc. Agora, fazê-lo de forma regular, isso aumenta os níveis de confiança de uma forma extraordinária nos alunos. E os pais virem à sala de aula, participarem com aquilo que sabem é importante, também sabem fazer coisas extraordinárias. Aqui, o grande objetivo não é trazer os pais cultos à escola, aqueles que já são formados e bem informados, é colorizar os outros, o saber dos outros e isto traz ganhos muito grandes do ponto de vista da disciplina, as crianças e os próprios pais quando estão na escola conseguem perceber os desafios que os professores têm em manter a sala de aula, torna também os pais e as famílias mais compreensíveis. (Diretor AE)

Ainda na perspectiva do Diretor, são muito importantes as inter-relações entre escola, família e comunidade.

A escola tem que ser vista sempre nesta perspectiva, de não ser uma ilha, deve estar ligada a tudo que a envolve: as instituições locais, Junta de Freguesia, a Filarmónica por causa da música, etc. A escola existe para servir a comunidade e tem que ser vista nesta perspectiva. (Diretor do AE)

Para Rocha (2005) a participação e envolvimento das famílias no contexto escolar, apanhou tanto as famílias quanto as escolas, desprevenidas. Para o Diretor:

Se houver uma maior abertura da escola à comunidade e à família, se a família vier até dentro da sala de aula, isto tem que se ter muito cuidado porque os professores as vezes pensam (porque eu sou professor não quero ninguém a dar aulas por mim) os pais não vêm dar as aulas, os pais vêm só fazer um trabalho de apoio e vêm fazer um trabalho de articulação que se quer preparado mas que também se quer muito de espontâneo. E isto, é um trabalho de valorização e se os pais se sentirem valorizados pela escola, há uma frase que eu gosto muito que é de uma amiga minha e que diz: "Nenhuma criança gosta da escola se os pais não gostarem da escola" (Diretor AE)

Assim, na perspectiva do Diretor, o grande desafio da escola atual é envolver os pais de maneira a gostarem e confiarem na escola. Quando a família gosta e confia na escola, nos professores e vê a escola como um parceiro na educação e desenvolvimento de seu filho, que tem a abertura para apontar e criticar construtivamente, é uma família que sempre irá valorizar a escola e os professores, e sempre participará e envolver-se-á nas iniciativas que estão a ser desenvolvidas dentro da escola.

4. CONCLUSÕES

4.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inter-relações escola, família e comunidade são uma problemática que tem sido bastante estudada nas últimas décadas por investigadores conceituados, também na área das políticas educativas e em estudos no âmbito de dissertações de mestrado e de doutoramento. A maioria das investigações apresentam a perspectiva de que esta inter-relação escola, família e comunidade é indispensável para o desenvolvimento integral da criança, trazendo benefícios tanto aos alunos, como as famílias, a escola e a comunidade. Embora a importância destas inter-relações seja reconhecida, apresentam-se muitos desafios à sua efetiva construção. Por isso, muitas escolas e Agrupamentos de escolas buscam desenvolver iniciativas e projetos de participação e envolvimento parental e comunitário na escola, iniciativas estas, que procuram ir ao encontro das necessidades do aluno, da família e da comunidade.

Com base na pergunta de partida deste projeto de investigação e tendo os objetivos como norteadores, a resposta que encontramos foi a seguinte:

O Agrupamento de escolas escolhido para este estudo desenvolve muitas iniciativas de participação e envolvimento parental. Entre os vários projetos, destacam-se como principais iniciativas de aproximação e envolvimento, os projetos dinamizados pela animadora cultural do Agrupamento. Assim, a proximidade entre escola, família e comunidade pode ser efetivada através de atividades multiculturais e extracurriculares. Destaca-se entre as iniciativas desenvolvidas pelo Agrupamento, o projeto Includ-ed, que através das ações educativas de êxito proporciona a participação e envolvimento da família na escola e na vida escolar do aluno e, também, cria a oportunidade dos familiares e da comunidade terem acesso à informação, aprendizagens e a ferramentas que vêm ao encontro das suas necessidades.

Para além das iniciativas desenvolvidas o Agrupamento conta, para a consecução destes seus objetivos, com uma rede de parceiros, entre os quais destacamos o Projeto de Ação

Social que também foi alvo de estudo nesta investigação. A parceria estabelecida entre o Agrupamento e o Projeto é estratégica e fundamental. É através desta parceria que muitos alunos do Agrupamento são beneficiados enquanto estudantes e também cidadãos. O suporte e acompanhamento que o Projeto proporciona diretamente no terreno facilita a comunicação do Agrupamento com as famílias locais, ou seja, o Projeto é a ponte que conecta a família e a escola. Também, o Projeto desenvolve muitas iniciativas de apoio à aprendizagem dos alunos e também que vem ao encontro das necessidades dos pais e encarregados de educação, auxiliando significativamente as famílias imigrantes e carenciadas.

Para o Diretor do Agrupamento e a Coordenadora do Projeto, as inter-relações escola, família e comunidade ainda apresentam muitos desafios. Porém, com base nas iniciativas que já estão a ser desenvolvidas e nas parcerias estabelecidas, notam-se resultados positivos no desenvolvimento integral do aluno. Quando os pais e encarregados de educação estão envolvidos e participativos nas iniciativas da escola, os alunos apresentam um maior comprometimento nos estudos, autoconfiança e melhor conduta. Também, é importante destacar que se notam resultados positivos também nas famílias como o acompanhamento mais frequente nos trabalhos de casa, o interesse nas iniciativas de formação e partilha desenvolvidas no Agrupamento e no Projeto, o cumprimento da rotina de horários, a responsabilidade com a higiene e lanche saudável. Pelo facto do Agrupamento estar inserido num território de intervenção prioritária, estas pequenas mudanças são muito positivas tanto no âmbito da aprendizagem e desenvolvimento integral do aluno como também, no contexto sociocultural das famílias e da comunidade.

4.2. LIMITAÇÕES DE ESTUDO

Ao longo da realização deste trabalho, talvez uma das limitações mais marcantes tenha sido ter a perspectiva de apenas dois agentes do contexto educativo escolhido para o estudo. Também, por questões de saúde pública, a impossibilidade de estar presente e observar algumas das iniciativas desenvolvidas tanto no Agrupamento quanto no

Projeto, foi outra das limitações sentida no que se relaciona com a recolha de dados mais aprofundados.

Uma outra limitação tem a ver com o facto de a investigadora provir de um sistema educativo de outro país que apresenta características e organização bastante diferentes do sistema de ensino português, o que requereu um esforço adicional para compreensão e interpretação de informação disponível.

4.3. PERSPETIVAS FUTURAS

As inter-relações escola, família e comunidade é um tema sobre o qual tem sido desenvolvida muita investigação, mas ainda assim há muito que compreender sobre as questões de envolvimento e participação parental e comunitário na escola. Para que o desenvolvimento integral do aluno seja um sucesso é preciso ter educação de qualidade, e esta educação não é efetivada apenas pela escola, mas sim, fundamentalmente, pela família e por todos os outros agentes educativos com quem o aluno contacta. O papel da escola, da família e da comunidade complementam-se neste processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Assim, de futuro, gostaríamos de conhecer a perspectiva das famílias (pais e encarregados de educação) sobre a questão das inter-relações escola, família e comunidade. Também, a perspectiva de professores sobre as mais-valias e constrangimentos desta inter-relação.

Assim, ainda que tenham emergido pistas com este trabalho, este tema poderá ser melhor compreendido e aprofundado de maneira a criar novas estratégias para desenvolver as iniciativas de participação e envolvimento parental e comunitário nas escolas.

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, J. (2015). É preciso dar respiração pública ao nosso maior tesouro. In Fundação Manuel António da Mota Cerimónia de Entrega de: Portugal Família 2014 - Família, Capacidades e Responsabilidades num Mundo em transformação., (p. 8). Porto.
- Brandão, C. (1988). Escola/Família: Que cooperação? *Revista Aprender*; 6, 29-35.
- Canário, R. (2005). *O que é a Escola? Um "olhar" sociológico*. Porto: Porto Ed. Fonte: Infopédia Porto Editoras: www.infopedia.pt
- Canário, R. (2006). *A escola tem futuro? das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed.
- Canavarro, J., Pereira, A., & Pascoal, P. (2001). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Candau, V. M. (2013). Currículo, didática e formação de professores: uma teia de ideias-força e perspectivas de futuro. Em M. R. Oliveira, & J. A. Pacheco, *Currículo, didática e formação de professores* (pp. 7-19). Campinas, SP: Papyrus, Ed.
- Carvalho, L., Reis, A. M., Fernandes, E., Morais, I., Campos, J., & Cruz, L. (2000). *A parceria entre a escola, a família e a comunidade: Estratégias de envolvimento parental*. Lisboa: Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Dias, M. N. (2003). *Políticas educativas e positivos de territorialização: Da escola aberta à comunidade à escola em parceria*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor - Projectos e Edições.

- Henderson, A., & Mapp, K. (2002). *A New Wave of Evidence – The Impact of School, Family, and Community Connections on Student Achievement*. Texas: Annual Synthesis, Southwest Educational Development Laboratory.
- Includ-ed. (s.d.). *Participação educativa da comunidade*. Fonte: Direção-Geral da Educação: <https://www.dge.mec.pt/>
- J, A., & A, S. (8ª edição revista e actualizada 1999). *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Lima, J. (1998). *A escola como organização e a participação na organização escolar 2ªed*. Braga: Universidade do Minho.
- Lima, J. Á. (2007). Redes na educação: questões políticas e conceptuais. *Revista Portuguesa de Educação*, 151-181.
- Lopes, A. M. (2003). *Parceria(s) da escola rural com parceiros locais: uma proposta para (re)pensar uma escola ruralpotenciadora de mudança(s)*. Porto: Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação Especialização em Educação,Desenvolvimento Local e Mudança Social. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação,.
- Marques, E. (2007). *Envolver para desenvolver...Um estudo de caso sobre as parcerias educativas*. . Monte da Caparica.: Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nóvoa, A. (1991). As ciências da educação e os processos de mudança. *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, 17-67.
- OCDE. (2007). *Improving School Leadership Activity Education and Training Policy Division*. Fonte: Directorate for education: <http://www.oecd.org/edu/schoolleadership>
- Pereira, M. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Universidade de Málaga.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais 4ª edição*. Lisboa: Gradiva.
- Rocha, C. (2005). Relação escola-família. Em S. Stoer, & P. Silva, *Escola-Família Uma relação em processo de reconfiguração* (pp. 138-142). Porto: Porto Ed.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma relação armadilhada*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, P. (2009). O contributo da escola para a actividade parental numa perspectiva de cidadania. *Escola/família/comunidade para uma sociedade educativa* (pp. 115-133). Lisboa: -.
- Sousa, M. M., & Sarmiento, T. ((2009-2010)). Escola-Família-Comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e Desenvolvimento*, p. 141-156.
- Zenhas, A. (2006). *O papel do director de turma na colaboração escola-família*. Porto: Porto Ed.

LEGISLAÇÃO

Constituição da República de 10 de Abril. Diário da República n.º 86/1976 - Série I.
Lisboa.

Decreto-Lei 172/91 de 10 de Maio. Diário da República n.º 107/1991- Série I-A.
Lisboa: Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 315/84 de 28 de Setembro. Diário da República n.º 226/1984 - Série I.
Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 43/89 de 3 de Fevereiro. Diário da República n.º 29/1989 - Série I.
Lisboa: Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de Abril. Diário da República n.º 79/2008 - Série I.
Lisboa: Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro. Diário da República n.º 249/1976 – 1º
Suplemento – Série I. Lisboa: Ministério da Educação e Investigação Científica –
Secretarias de Estado da Administração e do Equipamento Escolar e da Orientação
Pedagógica.

Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio. Diário da República n.º 102/1998, 1º
Suplemento - Série I-A. Lisboa: Ministério da Educação.

Despacho Conjunto 60/SERE/SEAM/90 de 14 de Setembro. Diário da República n.º
213 – Série 2.ª. Lisboa: Secretário de Estado Adjunto - Ministro da Educação;
Secretário de Estado da Reforma Educativa – Ministério da Educação.

Despacho Normativo 98-A/92, 20 de Junho. Diário da República n.º 140/1992, 1º
Suplemento - Série I-B. Lisboa: Ministério da Educação.

Despacho Normativo n.º 122/79 de 1 de Junho. Diário da República n.º 126/1979 - Série
I. Lisboa: Ministério da Educação e Investigação Científica - Gabinete do Ministro.

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. Diário da República n.º 237/1986 - Série I. Lisboa: Assembleia da República.

Lei n.º 7/77 de 1º de Fevereiro. Diário da República n.º 26/1977- Série I. Lisboa: Assembleia da República.

Lei n.º 30/2002 de 20 de Dezembro. Diário da República n.º 40/2002 - Série I-A. Lisboa: Ministério da Administração Interna.

Recomendação n.º 2/2015 de 25 de Março. Diário da República n.º 59/2015 - Série II. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência – Conselho Nacional de Educação.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ANÁLISE DOCUMENTAL

Iniciativas de relação escola-família-comunidade desenvolvidas num Agrupamento de escolas de Leiria – Análise documental categorial das iniciativas de participação e envolvimento parental e comunitário realizada aos documentos estruturantes do Agrupamento como, regulamento interno, plano plurianual e outras informações disponíveis no site do Agrupamento e redes sociais,

Tipos de participação dos familiares e da comunidade	Iniciativas	Relação escola-família	Relação escola-comunidade
Participação Informativa	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira reunião geral de início do ano letivo Ref.: Regulamento Interno - Art. 173.º alíneas (p, q, r), p. 73	Esta iniciativa tem como objetivo informar sobre o plano anual de distribuição de serviço docente, o currículo de cada disciplina, bem como, número de aulas previstas por disciplina em cada turma. Conhecer o estatuto do aluno e o regulamento interno do Agrupamento.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Pedagógico Ref.: Regulamento Interno – Art. 34.º p. 15	O conselho pedagógico reúne-se ordinariamente uma vez por mês, nas reuniões plenárias o presidente do conselho pedagógico pode convidar para participar, sem direito a voto, representantes do pessoal não docente, pais/EE, alunos e outros elementos da comunidade escolar.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos Pais e Encarregados de Educação no processo de avaliação Ref.: Regulamento Interno – Art. 163.º alíneas (a, b), p. 64-65	Reunião com o professor titular ou diretor de turma com o objetivo de informar os Pais/EE sobre os modos e instrumentos de avaliação aplicados no processo de ensino aprendizagem dos educandos durante o ano letivo.	

		Também, ao fim de cada período letivo recebem a informação sobre o aproveitamento e comportamento do aluno.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação Escola-Família Ref.: Regulamento Interno – Art. 223.º p. 93	A comunicação escola-família acontece de diversas formas, por exemplo: Informação via telefone fixo, telemóvel, SMS, e-mail; Informação escrita na caderneta escolar do aluno; Pautas e outras informações fixadas em vitrinas, expositores, janelas; Contacto pessoal com Diretor de Turma ou Professor Titular.	
Sub Categoria Participação Informativa no desenvolvimento das Famílias e Comunidade Educativa	Justificativa: Identificou-se a necessidade de criar esta Sub Categoria para destacar as outras formas de participação informativa. Estas iniciativas e ações de informação, apoio e orientação tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento do aluno, pais/EE e toda comunidade educativa.		
	<ul style="list-style-type: none"> • SPO (Serviço de apoio e orientação) Ref.: Site do Agrupamento	Material informativo de apoio aos alunos, famílias e comunidade através de sites, artigos, jogos e sala de áudio/videoconferência. Tem como objetivo prestar auxílio ao que refere: orientação vocacional, sucesso escolar, transições escolares e saúde mental.	
	<ul style="list-style-type: none"> • COVID-19 Ref.: Site do Agrupamento	Informações aos alunos, pais/EEs e toda comunidade educativa sobre o atual quadro pandémico, através de documentos, recursos de ligações externas e vídeos. Tem como objetivo auxiliar nas medidas de proteção contra a doença e medidas de prevenção a saúde mental e violência doméstica.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Gabinete de Apoio ao Aluno Ref.: Regulamento Interno – Art. 100.º alíneas (a, e) p. 37	Esta iniciativa tem como objetivo assegurar um espaço de acolhimento, aconselhamento e de informação aos alunos, Pais/EE através de reuniões confidenciais e ações de sensibilização.	

	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto – Os super saudáveis. Ref.: Site do Agrupamento 	Esta iniciativa tem como objetivo conscientizar os alunos, pais/EEs e toda a comunidade da Escola de 1.º Ciclo de Quinta da Alçada para uma alimentação mais saudável. Desenvolve-se através do trabalho informativo e explicativo às famílias. Na escola, de forma lúdica, os alunos são incentivados ao consumo de alimentos saudáveis. Esta ação é um trabalho de parceria entre professores, colaboradores não docentes, pais e encarregados de educação, as Equipas de Saúde Escolar e Autarquias Locais.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Kit de acolhimento Alunos Imigrantes. Ref.: Site do Agrupamento 	Esta iniciativa desenvolve-se através da oferta de informações úteis e indicações relevantes sobre a escola e o País. Tem como objetivo auxiliar as famílias imigrantes que chegam ao Agrupamento.	
	<ul style="list-style-type: none"> • GAAF (Gabinete de apoio ao aluno e à família). Ref.: Contrato de Autonomia 2012-2013, p. 15. 	Destina-se à resolução de problemas e dificuldades dos alunos. Tem como objetivo prestar apoio direto ao aluno e à família através de reuniões/ações articuladas pelas diferentes estruturas do Agrupamento e instituições externas, por exemplo, CPCJ (Comissão de proteção de crianças e jovens).	
	<ul style="list-style-type: none"> • Oferta formativa e educativos após 9º ano Ref.: Regulamento interno 	Iniciativa de sensibilização e esclarecimento, tendo como objetivo envolver os pais e encarregados de educação no processo de orientação/tomada de decisão escolar e vocacional dos alunos.	
Participação Consultiva	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos e deveres dos Pais e Encarregados da Educação Ref.: Regulamento Interno – Art. 173.º alíneas (o) p.73 	Os Pais e Encarregados de Educação tem o direito de participar, a título consultivo, no processo de avaliação do aluno.	

	<ul style="list-style-type: none"> • Questionários de satisfação Ref.: Relatório de Avaliação Externa das Escolas 	No âmbito da Avaliação Externa, os Pais e Encarregados da Educação respondem a questionários de satisfação sobre o Agrupamento, por exemplo, as instalações, o serviço prestado pelos diretores de turma, docentes e assistentes operacionais e os projetos, expressando desta forma, sua opinião sobre o trabalho desenvolvido.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Designação de representantes no Conselho Geral Ref.: Regulamento Interno – Art. 8.º alínea (3. a, b, c), p. 7 Regimento do Conselho Geral – Art. 3.º p. 3-4 	Em assembleia geral do Agrupamento deve ser eleito 7 representantes de Pais e Encarregados de educação para fazer parte do Conselho Geral que tem como objetivo aprovar os documentos que regem o Agrupamento.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Conselho de Turma nos 2º e 3º Ciclos do ensino básico Ref.: Regulamento Interno – Art.: 65.º e 66.º p. 26 	O Conselho de Turma tem em sua composição dois representantes dos Pais/EE, que junto aos demais agentes, tem como competência acompanhar de forma consultiva o desenvolvimento do projeto educativo e atividades realizadas.	
Participação Decisiva	<ul style="list-style-type: none"> • Intervenção e Atendimento Ref.: Regulamento Interno – Art. 87.º alínea (5), p. 33 	As ações de avaliação efetuadas pelo Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) devem ser autorizadas pelos Pais e Encarregados de Educação, exceto nas situações previstas em lei.	
	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de Enriquecimento Curricular e 	As AEC são ofertadas a todos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico. É de	

	<p>Clubes</p> <p>Ref.: Regulamento Interno – Art. 121.º p. 43</p> <p>Art. 131.º p. 46</p>	<p>frequência gratuita sendo a inscrição facultativa, entretanto, os Pais/EE que realizarem a inscrição nas atividades, comprometem-se a que seus filhos compareçam assiduamente até o fim do ano letivo.</p> <p>Os Clubes também são de frequência facultativa, face as motivações e disponibilidade dos alunos. Carecem de inscrição e/ou autorização prévia por parte dos Pais/EE, por exemplo: Clube Europeu; eTwinning;</p>	
Participação Avaliativa	<p>• Reunião de Turma</p> <p>Ref.: Regulamento Interno – Art. 143.º alíneas (2 e 3), p. 52</p>	<p>Esta iniciativa tem os alunos como principais agentes, onde reúnem-se, em assembleia de turma, para apreciação das matérias e atividades. Por iniciativa dos alunos ou por sua própria iniciativa, o diretor de turma pode solicitar a participação de representantes dos pais e encarregados de educação.</p>	
	<p>• APEM (Associação de Pais) e Encarregados de Educação</p> <p>Ref.: Regulamento Interno – Art. 120.º p. 42</p>	<p>Podem ter acesso ao espaço do refeitório dos estabelecimentos do pré-escolar e 1.º Ciclo para monitorar a qualidade das refeições que são servidas.</p>	
Participação Educativa	<p>• Ações educativas de êxito:</p> <p>Ações assentes em bases científicas que enfatizam a interação e o envolvimento da comunidade através de uma abordagem dialógica de</p>	<p>Tertúlias com Pais: Esta iniciativa tem como objetivo desenvolver competências parentais e sensibilizar os pais e encarregados da educação para uma parentalidade positiva. A atividade desenvolve-se através de reflexões, debates e partilha de</p>	<p>Grupos Interativos – Projeto Pulmão:</p> <p>Iniciativa desenvolvida com alunos do 1.º ano, 8.º ano e utentes da</p>

	<p>aprendizagem. Tem como objetivo a transformação do contexto social, a relação escola, família, comunidade e o sucesso educativo do aluno.</p> <p>Ref.: Projeto Educativo 2018-2022, p. 11.</p>	<p>ideias/opiniões.</p>	<p>AMITEI. Atividade de pesquisa tutorada que teve como objetivo o desenvolvimento das aprendizagens através da troca de experiência, a melhoria no comportamento e o fortalecimento de laços afetivos e cidadania entre a escola e comunidade.</p>
		<p>Tertúlia dialógica – Semana da leitura: Iniciativa organizada na biblioteca do Agrupamento e abrange alunos, professores, pais/EE’s e membros da comunidade. Tem como objetivo a leitura de obras da literatura, debates e troca de experiências. Dessa maneira, criando laços de proximidade entre escola-família-comunidade e contribuindo para a aprendizagem de todos os envolvidos.</p> <p>Projeto A Hora Mágica: Esta iniciativa tem como objetivo trabalhar o foco e a atenção dos alunos através das linguagens artísticas das artes visuais com atividades práticas que fomentem a relação com as famílias, comunidade envolvente da Escola e artistas do domínio das artes.</p>	
	<p>• C.A.C.E. Faz (Cultura, Animação, Cidadania e Educação):</p> <p>Projeto que tem como objetivo criar relações de proximidade entre escola, família, comunidade e promover a qualidade e sucesso educativo através de um conjunto de</p>	<p>Festa na escola – Dia Aberto: Iniciativa que envolve professores, alunos, famílias, comunidade e parcerias com instituições da região. Desenvolve atividades lúdicas e multiculturais que tem como objetivo a aproximação da escola e comunidade, a aceitação das diferenças e integração de todos os alunos e famílias.</p> <p>Sarau do Agrupamento: Evento que envolve professores, pais e colaboradores num momento de apresentação e partilha de</p>	

	<p>atividades multiculturais.</p> <p>Ref.: Plano Plurianual de melhoria 2018-2022, p. 22-25.</p> <p>Site:https://animacaomarrazes.wixsite.com/cacefaz/about-us</p>	<p>atividades culturais preparadas ao longo do ano letivo junto da comunidade escolar e agentes do agrupamento. Esta iniciativa tem como objetivo, envolver docentes e alunos em atividades não letivas do agrupamento, desenvolver a aproximação entre escola e comunidade, promover o convívio entre escola e família.</p>
	<p>• Projeto Erasmus+</p> <p>Este projeto consiste na troca de aprendizagens e experiências através de jogos. Uma das dimensões abrangentes pela iniciativa é a família e a comunidade, tendo o projeto como objetivo permitir que as crianças, pais/EEs e comunidade local criem vínculo especial através da experiência de brincar com os jogos.</p> <p>Ref.: Site do Agrupamento</p>	<p>Erasmus + Learning to Play and Playing to Learn: Iniciativa desenvolvida dentro do projeto Erasmus + que em parceria com os BoardGamers de Leiria teve como objetivo unir alunos, professores, colaboradores e pais em atividades com jogos lúdicos. Criando um ambiente de aprendizagem em família.</p>
	<p>• Projeto Eco escola</p> <p>Este projeto consiste em sete ações no âmbito da Educação Ambiental e Sustentabilidade. Tem como objetivo desenvolver a cultura de cuidado e preservação ambiental. Nas ações a serem desenvolvidas, encontra-se o domínio “envolvimento da comunidade” onde a escola deve realizar iniciativas de</p>	<p>Eco-Dia Escolas: Atividade que envolve pais/EEs, comunidade, alunos, professores no trabalho colaborativo de limpeza, coleta de lixo e plantação de árvores e flores no espaço escolar.</p>

	<p>participação da família e comunidade.</p> <p>Ref.: https://ecoescolas.abae.pt/sobre/quem-somos/</p>	
	<p>• Iniciativa integrada entre o Clube Europeu, E-twinning, Animação Cultural e Biblioteca do Agrupamento, com parceria da AMITEI.</p> <p>Ref.: Redes sociais do Agrupamento</p>	<p>Encontro virtual de celebração ao Dia de São Martinho, com atividades de música e teatro. Tendo como objetivo a aproximação entre a comunidade de utentes da AMITEI e os alunos da EB2, proporcionando a partilha de tradições e afetos intergeracionais.</p>
	<p>• Programa de educação e capacitação de familiares</p> <p>Ref. Site do Agrupamento</p>	<p>Esta iniciativa desenvolve-se em todo Agrupamento através de sessões de aconselhamento parental/familiar e grupos de pais. Tem como objetivo desenvolver competências parentais positivas nos pais e promover aos encarregados de educação atitudes e comportamentos ao nível da parentalidade.</p>
	<p>• Academia digital para Pais</p> <p>Ref.: Site do Agrupamento</p>	<p>Iniciativa de formação para pais/EEs das Escolas de 1.º Ciclo. Esta ação tem como parceiros escola, organizações da comunidade e autarquias. Tem como objetivo dotar as famílias com competências digitais básicas afim de auxiliar no acompanhamento escolar dos filhos. Também, combater as assimetrias socioeconômicas existentes.</p>
	<p>• Uma carta dos Direitos Humanos – Alunos ativistas</p> <p>Ref.: Site do Agrupamento</p>	<p>Esta iniciativa tem como objetivo envolver alunos, professores, famílias e comunidade através de atividades artísticas e de intervenção cívica, exposições, participação em debates e vídeos dinamizados semanalmente no espaço escolar. Dessa maneira, fomentar o exercício da cidadania, o respeito ao outro e a reflexão em torno dos direitos humanos.</p>
	<p>• Projeto de Ação social</p> <p>Ref.: Redes sociais do projeto</p>	<p>Eu sou porque tu és: Em parceria com o Agrupamento, este Projeto de ação social está a desenvolver sessões numa das turmas de 7ºano, partindo da filosofia: UBUNTU. Palavra, de origem sul-africana, condensa uma filosofia humanista e</p>

		<p>independente de qualquer país, cultura, religião ou afiliação política. Ubuntu significa “Eu sou, porque tu és”, ou seja, eu só posso ser pessoa através das outras pessoas.</p> <p>Parceria entre o Agrupamento e Projeto de ação social: Durante o mês de agosto, parte das nossas atividades decorreram na Escola EB1 limítrofe da sede do Projeto, o que nos permitiu garantir a segurança e a diversão dos nossos participantes ao ar livre.</p> <p>Novos Ventos- Festival de Teatro Comunitário: 10 artistas de teatro do Projeto fazem sua apresentação nas escolas do Agrupamento.</p> <p>Dia da Dignidade: Sessões sobre este tema em Escolas do Agrupamento. Partilha de saberes entre os membros do Projeto e os alunos do Agrupamento.</p>
<p>Sub Categoria</p> <p>-</p> <p>Participação colaborativa na gestão da oferta educativa</p>	<p>Justificativa: Identificou-se a necessidade de criar esta Sub Categoria para destacar o trabalho da APEM (Associação de Pais) que através da participação colaborativa responde a questões críticas e emergentes em relação a gestão da escola, viabilizando opções estratégicas de parceria.</p> <p>• APEM (Associação de Pais) Ref.: Redes sociais do Agrupamento</p>	<p>Equipa de pais/EEs que tem como objetivo manter a comunidade educativa informada sobre questões importantes do a Agrupamento. Também, envolver as famílias, comunidade e autarquias em um trabalho colaborativo a favor das necessidades do agrupamento e alunos, por exemplo, arrecadação de verbas. Dessa maneira, ofertando melhores condições de estruturas físicas das escolas e materiais didáticos.</p>

APÊNDICE 2 – GUIÕES DE ENTREVISTA

Guião de Entrevista ao Diretor do Agrupamento

Tema: Inter-relações escola, família e comunidade: um estudo num Agrupamento de escolas de Leiria

Pergunta de partida: De que forma as inter-relações escola, família e comunidade beneficia o desenvolvimento integral dos alunos de um Agrupamento de escolas de Leiria?

Destinatários: Esta entrevista destina-se ao Sr. Diretor do Agrupamento.

Tema	Objetivos	Questões	Tópicos
1. Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados.	Apresentar-se e informar sobre o assunto e objetivos da pesquisa;	Na qualidade de aluna do mestrado de Ciências da Educação e Gestão Escolar na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria, apresento a intenção de fazer um estudo com o objetivo de compreender a relação escola, família e comunidade estabelecida no Agrupamento e o seu contributo para o desenvolvimento integral do aluno. Através da leitura dos documentos disponibilizados no site do Agrupamento, observou-se que as escolas criam medidas diversificadas para o envolvimento das famílias no acompanhamento do percurso escolar dos educandos, realizam muitos projetos e iniciativas que favorecem esta relação. Dessa maneira, potencializam a aprendizagem, buscam superar a assimetria social e criam novas perspetivas. A partir deste entendimento e através desta entrevista, procuramos	

	<p>Solicitar a participação do entrevistado, mostrando a sua importância para este trabalho;</p> <p>Garantir a confidencialidade das opiniões do entrevistado;</p> <p>Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista;</p> <p>Garantir informação sobre o resultado do estudo.</p>	<p>mais esclarecimentos para compreensão da relação escola, família e comunidade.</p> <p>Gostaríamos de contar com sua participação e colaboração, uma vez que é um interveniente de ação significativa, pelo que nos poderá fornecer informações importantes para este trabalho.</p> <p>Informamos que é nossa pretensão respeitar a confidencialidade do conteúdo da entrevista.</p> <p>Gostaríamos de obter a autorização para procedermos ao registo áudio da entrevista.</p> <p>Comprometemo-nos a informar o Agrupamento sobre as conclusões desta investigação.</p>	
--	---	--	--

<p>2. Razões que justificam a implementação de projetos.</p>	<p>Conhecer as razões que justificam a realização de iniciativas de relação escola-família-comunidade;</p> <p>Identificar as principais iniciativas de relação entre escola, família e comunidade desenvolvidas no Agrupamento;</p> <p>Identificar aspectos positivos nos alunos a partir das iniciativas de envolvimento parental;</p> <p>Identificar parcerias externas de relação escola e comunidade que são importantes para o desenvolvimento do Agrupamento.</p>	<p>1. Quais os desafios encontrados no contexto educativo do Agrupamento que motivaram o desenvolvimento de iniciativas de proximidade parental e participação educativa?</p> <p>2. No âmbito da promoção da relação escola/família/comunidade, quais as atividades que aproximam mais as famílias e a comunidade da escola? Porque?</p> <p>3. Dos projetos e iniciativas que proporcionam o envolvimento parental, quais considera que têm mais impacto no desenvolvimento integral dos alunos? Porquê?</p> <p>4. No âmbito da relação escola-comunidade, quais as parcerias fundamentais para escola? Porquê?</p>	<p>Contextos desafiantes/ Assimetria social/ Resolução de problemas/ Estrutura familiar.</p> <p>Atividades culturais/ Oportunidade de formação/</p> <p>Acompanhamento e intervenção/ Competências educativas e sociais.</p> <p>Câmara do município/ Junta de Freguesia/ Associações.</p>
--	---	---	--

<p>3. Parceria com o Projeto de ação social</p>	<p>Compreender a parceria entre o Agrupamento e o Projeto de ação social;</p> <p>Identificar, por parte do Agrupamento, os agentes envolvidos no Projeto;</p> <p>Identificar os benefícios da parceria entre o Agrupamento e o Projeto referente ao envolvimento das famílias na escola;</p> <p>Identificar os resultados do Projeto no desenvolvimento académico e integral dos alunos.</p>	<p>5. Como surgiu a parceria entre o Agrupamento e o Projeto de ação social? O que motivou esta colaboração?</p> <p>6. Em que consiste a parceria? Quem são os envolvidos, pela parte do Agrupamento?</p> <p>7. No âmbito da relação escola-família, em que medida, o Projeto contribui para o envolvimento das famílias na escola?</p> <p>8. Relativamente aos resultados académicos e o desenvolvimento integral dos alunos, qual a contribuição do trabalho realizado pelo Projeto?</p>	<p>Necessidades/ Outras parcerias/ Assitência aos alunos e comunidade local.</p> <p>Professores/ não docentes/ alunos.</p> <p>Participação/ Comunicação/ Envolvimento parental.</p> <p>Organização/ Disciplina/ Autonomia/ Competências académicas.</p>
<p>4. Educação durante a pandemia.</p>	<p>Compreender o desenvolvimento dos projetos e iniciativas no contexto de ensino a distância;</p> <p>Compreender o processo de comunicação entre escola e família;</p>	<p>9. No quadro pandémico atual em que a escola precisou reinventar-se e adaptar-se, de que forma o Agrupamento está a desenvolver os projetos e iniciativas de promoção do relacionamento escola-família-comunidade?</p> <p>10. Quais estratégias estão a ser desenvolvidas para que exista comunicação ativa entre escola e família?</p>	<p>Método/ Participação/ Planificação/ Resultados</p> <p>Informação/ Acompanhamento/ Interação/</p>

	Identificar iniciativas de apoio as famílias.	11. Para o ensino a distância, foram criadas redes de suporte às famílias? Se sim, quais? Como desenvolveram-se?	Apoio aos mais desfavorecidos/ auxílio no trabalho autônomo.
5. Resultados da relação escola, famílias e comunidade.	<p>Identificar os resultados das iniciativas de relação escola-família-comunidade;</p> <p>Compreender os efeitos que as iniciativas de relação escola-família-comunidade produzem no desenvolvimento integral do aluno;</p> <p>Conhecer as razões que justificam a relação escola-família-comunidade;</p> <p>Perceber a apreciação do entrevistado sobre a relação escola-família-comunidade do ambiente educativo que faz parte;</p>	<p>12. Com base nos desafios encontrados no contexto educativo e após a realização das iniciativas planejadas, quais as conquistas e resultados identificados?</p> <p>13. Em que medida, na experiência que já têm, a relação escola-família-comunidade beneficia o desenvolvimento integral do aluno?</p> <p>14. Em sua perspectiva, porque é importante a escola ter relação com a família e comunidade?</p> <p>15. Neste momento, como o Diretor avalia a relação escola-família-comunidade do Agrupamento? Quais os constrangimentos?</p>	<p>Participação/ Aprendizagem/ Disciplina/ Comunicação/ Competências parentais.</p> <p>Aprendizagem de qualidade/ Competências educativas e sociais/ Disciplina/ Cidadania.</p> <p>Parceria/ Comunicação/ Educação de qualidade.</p> <p>Consistência/ Respostas aos desafios/ Limitações/ Expectativas.</p>

<p>6. Outros esclarecimentos.</p>	<p>Identificar a participação consultiva e avaliativa por parte da família e comunidade;</p> <p>Conhecer outras estratégias de comunicação e aproximação entre escola e família;</p> <p>Dar oportunidade ao entrevistado a apresentação de tópicos importantes que não foram referidos.</p>	<p>16. O Regulamento Interno apresenta iniciativas para que a família e a comunidade participem de forma consultiva e avaliativa na organização do Agrupamento. Estas iniciativas concretizam-se? Se sim, existe adesão por parte da família e comunidade? Vão ao encontro das expectativas e necessidades da escola?</p> <p>17. Além das iniciativas informativas já desenvolvidas, que outras estratégias de comunicação o Agrupamento realiza para manter as famílias próximas da escola e envolvidas no percurso escolar do educando?</p> <p>18. Destacas algum outro aspecto que não foi falado referente a política da relação escola, família e comunidade? Se sim, qual?</p>	<p>Reuniões e debates/ Iniciativa de participação por parte das famílias/ Aplicabilidade.</p> <p>Escuta ativa/ Diálogo recíproco/ Escola aberta.</p>
<p>7. Conclusão e agradecimento.</p>	<p>Agradecer a participação e colaboração neste estudo.</p>	<p>Agradecemos o tempo que dispensou para participar desta entrevista e colaborar com seus conhecimentos e experiências que são muito importantes para compreendermos a relação escola, família e comunidade neste Agrupamento. Damos por concluída esta interação.</p>	

Guião de Entrevista – Projeto de ação social

Objetivos da entrevista: Com esta entrevista pretende-se compreender de que forma o Projeto de ação social contribui para o desenvolvimento integral do aluno e a relação da família e comunidade no Agrupamento.

Destinatários: Esta entrevista destina-se a Coordenadora do Projeto.

Tema	Objetivos	Questões	Tópicos
8. Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados.	Apresentar-se e informar sobre o assunto e objetivos da pesquisa;	Na qualidade de aluna do mestrado de Ciências da Educação e Gestão Escolar na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria, apresento a intenção de fazer um estudo com o objetivo de compreender a relação escola, família e comunidade estabelecida no Agrupamento e o seu contributo para o desenvolvimento integral do aluno. Através da leitura de documentos disponibilizados, observou-se que o Agrupamento conta com o auxílio de projetos e iniciativas desenvolvidos através de associações e parcerias. Nesta perspetiva, fez-se conhecer este Projeto de ação social, que enquadra medidas diversificadas para o envolvimento das famílias no acompanhamento do percurso escolar dos educandos e medidas de informação e assistência à comunidade local. Dessa maneira, potencializam a aprendizagem, buscam superar a assimetria social e criam novas perspetivas. A partir deste entendimento e através desta entrevista, procuramos mais esclarecimentos para	

	<p>Solicitar a participação do entrevistado, mostrando a sua importância para este trabalho;</p> <p>Garantir a confidencialidade das opiniões do entrevistado;</p> <p>Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista;</p> <p>Garantir informação sobre o resultado do estudo.</p>	<p>compreensão da relação escola, família e comunidade.</p> <p>Gostaríamos de contar com sua participação e colaboração, uma vez que é um interveniente de ação significativa, pelo que nos poderá fornecer informações importantes para este trabalho.</p> <p>Informamos que é nossa pretensão respeitar a confidencialidade do conteúdo da entrevista.</p> <p>Gostaríamos de obter a autorização para procedermos ao registo áudio da entrevista.</p> <p>Comprometemo-nos a informar a Associação Impulsar sobre as conclusões desta investigação.</p>	
<p>9. Razões que justificam a implementação do Projeto.</p>	<p>Conhecer as razões que justificam a realização do Projeto;</p> <p>Identificar a forma como o Projeto é divulgado junto da comunidade local e o processo de participação por parte</p>	<p>1. Como surgiu o Projeto. Foram contactados pelo Agrupamento ou a iniciativa foi da V. Associação? Com que motivações?</p> <p>2. De que forma o Projeto é divulgado junto da comunidade local? Qual o processo realizado, por parte das famílias, para participar das iniciativas do projeto?</p>	<p>Contextos desafiantes/ Assimetria social/ Resolução de problemas/ Estrutura familiar/ Etnias.</p> <p>Divulgação a comunidade/ Matrícula/ Dias e horários/ Atividades específicas.</p>

	<p>das famílias.</p> <p>Identificar as principais iniciativas de relação com a família desenvolvidas através do Projeto;</p> <p>Identificar as parcerias que são importantes para o desenvolvimento do Projeto.</p>	<p>3. No âmbito da promoção da relação com a família, que atividades são desenvolvidas e quais as que mais motivam as famílias a participar do Projeto? Porquê?</p> <p>4. No âmbito da relação com a comunidade, que atividades são desenvolvidas e quais as parcerias fundamentais para o desenvolvimento do trabalho no Projeto? Porquê?</p>	<p>Atividades culturais/ Oportunidade de formação.</p> <p>Câmara Municipal/ Junta de Freguesia/ Voluntários</p>
<p>10. Resultados do trabalho desenvolvido pelo Projeto.</p>	<p>Identificar mais valias para os alunos a partir das iniciativas do Projeto;</p> <p>Identificar as principais dificuldades ao desenvolver o Projeto.</p> <p>Identificar os resultados nas famílias e na comunidade local após a intervenção do Projeto;</p>	<p>5. A partir das atividades do Projeto, qual o impacto e resultados (mais-valias) identificados no desenvolvimento integral dos alunos?</p> <p>6. Quais as principais dificuldades e constrangimentos apercebidos no desenvolvimento do Projeto?</p> <p>7. Com base nos desafios encontrados no contexto social da comunidade local e após a realização das iniciativas do Projeto, quais as conquistas e resultados identificados nas famílias e na comunidade?</p>	<p>Aprendizagem de qualidade/ Competências educativas e sociais/ Disciplina/ Cidadania.</p> <p>Profissionais/ Estrutura/ Material.</p> <p>Aprendizagem/ Competências linguísticas de comunicação/ Cidadania.</p>

	Identificar as dificuldades encontradas referente a aprendizagem integral dos alunos e a relação da família e comunidade desenvolvida no Projeto.	8. Neste momento, quais as dificuldades e constrangimentos identificados referente ao desenvolvimento integral dos alunos e à relação das famílias, comunidade e Projeto?	Consistência/ Respostas aos desafios/ Limitações/ Envolvimento parental.
11. Conclusão e agradecimento.	Agradecer a participação e colaboração neste estudo.	Agradecemos o tempo que dispensou para participar desta entrevista e colaborar com seus conhecimentos e experiências que são muito importantes para compreendermos a relação escola, família e comunidade no Agrupamento de Escolas de Marrazes. Damos por concluída esta interação.	

APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista ao Diretor do Agrupamento

Entrevistador: O primeiro tópico aqui é perceber realmente as razões que justificam a implementação de alguns projetos, porque através da análise documental que fiz dos documentos disponíveis no site do Agrupamento, percebi que o Agrupamento como um todo, trabalha com muitos projetos que envolve em alguns momentos a família, a comunidade, autarquias. Então, a primeira pergunta: Quais os desafios encontrados no contexto educativo do Agrupamento que motivaram o desenvolvimento de iniciativas de proximidade parental e participação educativa?

Entrevistado: Muito bem. É... o nosso Agrupamento tem características muito próprias porque é um Agrupamento que está num território educativo de intervenção prioritária por isso somos um TEIP e temos que partir deste princípio. Estamos inseridos num meio sociocultural e económico muito frágil e então, a escola acaba por ser a ponte para aceder a família e a escola tem que manter sempre esta ponte aberta com a família. E daí, muitos dos projetos que temos são projetos que envolvem diretamente as famílias porque temos dificuldade em trazer as famílias para escola e se o Agrupamento tem projetos que envolvem as famílias, nós chegamos muito melhor, de uma forma muito mais eficaz aos pais, por exemplo: Nós temos agora uma iniciativa que se chama "Escola Digital para Pais" há a necessidade de promover a literacia informática junto dos pais porque nós mandamos e-mails, nós temos as notas publicadas na internet, mas os nossos pais não sabem muitas vezes aceder a esses sites. Então, nós temos uma iniciativa que envolve outros parceiros, envolve a Fundação da EDP, envolve o Ministério da Educação, e que tem este grande objetivo trazer os pais à escola para lhes ensinar informática, mas mais do que isso, para desmistificar a escola e para quebrar barreiras. Quando um pai ou uma mãe vêm a escola para ter uma formação, vai conhecer professores, vai ficar muito mais confiante quando precisar de vir à escola para falar de seu filho. E é também, facilitar a vinda à escola por motivos positivos. Normalmente, os pais quando são chamados a escola "Ai! O que meu filho fez? Eu tenho que ir lá" e vem sempre em uma posição de defesa. Se vens a escola de uma forma descontraída, para aprender, para conhecer, fica muito mais fácil o diálogo. Por

exemplo, outra iniciativa que envolveu de uma forma muito aprofundada as famílias: Português para estrangeiros. Nós temos uma comunidade de imigrante muito grande, temos muitas nacionalidades, crianças de muitas nacionalidades e então quando desenvolvemos esta iniciativa, o que é que temos? Temos mães que não falam o português ou que falam muito pouco português que vêm a escola aprender português com os professores. Vão ficar mais desinibidas, mais confiantes e vai ser muito mais fácil depois o professor através daquela formanda, daquela mãe que veio a esta ação de formação, passar outras informações importantes sobre higiene, sobre segurança, sobre métodos de estudo e portanto, conseguimos aí melhorar a comunicação com as famílias. Portanto, dei dois exemplos, dois projetos mas o objetivo é esse, é quebrar barreiras.

Entrevistador: Justamente ao falar dos projetos. No âmbito da promoção da relação escola, família e comunidade, quais as atividades que aproximam mais as famílias e a comunidade da escola? Além dessas que o senhor já citou.

Entrevistado: Os projetos que mais aproximam a família e a comunidade da escola, são projetos que são dinamizados dentro da escola por uma figura muito importante que a escola tem que é, a Animadora Cultural. Nós temos uma Animadora Cultural. E a Animadora Cultural é o elo de ligação entre os professores e a família, porque nós sabemos que os currículos são muito densos, os professores têm pouca disponibilidade para desenvolver projetos extra sala de aula. E nós, tendo uma animadora cultural, ela vai potenciar projetos que de outra forma não tinha grande expressão, eram sempre muito mais pequenos, por exemplo: Estamos a dar um conteúdo e seria importante uma visita ao museu, o professor a seguir vai ter outra turma e não pode levar aquela turma ao museu. Mas com o animador cultural, ele pode juntar vários professores que estão a dar o mesmo conteúdo, pegar neste conjunto de alunos (agora limitado pela pandemia, mas em um contexto normal) promove por exemplo, uma visita ao museu, faz esta ligação com equipamentos culturais que temos na cidade. Estamos a falar do Eco-escolas, o professor de ciências, professor de biologia fala da importância da natureza por exemplo, mas nós com a nossa animadora cultural podemos promover uma visita aqui a mata, que é um sítio extraordinário onde podes ter contacto com a natureza. Podes articular com a Junta de Freguesia e pensar, vamos fazer uma plantação de árvores e envolver as crianças, é uma forma de sensibilização. E depois, os pais associam-se muito facilmente a estas iniciativas porque são iniciativas que são um

pouco disruptivas com o normal funcionamento da escola e que valorizam muito a escola. E portanto, envolvendo vários parceiros, a escola tem que ser vista sempre nesta perspectiva de não ser uma ilha, deve estar ligada a tudo que a envolve: as instituições locais, Junta de Freguesia, a Filarmónica por causa da música, etc. E então o que acontece é que, quando a escola promove estas iniciativas os pais trazem por exemplo, vamos colaborar com a Junta a replantar a mata para ter mais árvores. Nós envolvemos, por exemplo 400 crianças, mas vem as respectivas famílias porque vêm trazer. Esse envolvimento acontece desde o Jardim de Infância até o 3º ciclo e as crianças mais pequenas tem menos autonomia e os pais ficam muito agradados e muito envolvidos e isso é muito importante e aqui, tem um papel fundamental, a Associação de Pais. O Agrupamento é muito grande, nós temos 12 Associações de Pais e dependendo das escolas que estão envolvidas é sempre importante ter uma boa relação e envolver os pais, porque os pais são parceiros fundamentais na passagem desta mensagem. E portanto, é assim que nós fazemos, pensamos nas iniciativas, primeiro que elas têm que ser complementares ao currículo e tem que servir para enriquecer a formação. Temos uma figura central que é facilitadora entre a escola e a comunidade que é o animador cultural e que está por exemplo, nesta escola há 12 anos que nós temos todos os anos um lugar com a animadora cultural, há muito pouca as escolas que tem isso. E nós percebemos que a nossa dinâmica, em termos de cultura e de acesso as famílias, é extraordinariamente beneficiada com esse elemento, não é o único mas esse é um exemplo.

Entrevistador: Dos projetos e iniciativas que proporcionam o envolvimento parental, quais considera que têm mais impacto no desenvolvimento integral dos alunos? Porquê?

Entrevistado: O impacto é sempre muito grande. Por exemplo: Em cidadania nós trabalhamos a questão da sustentabilidade e a questão da reciclagem e da reutilização de materiais. Se ficássemos só com a mensagem que é passada, e bem dentro da sala de aula, íamos ficar muito longe de concretizar o nosso objetivo. Mas se nós promovermos iniciativas por exemplo, da limpeza da mata, por causa do ambiente, as preocupações ambientais e da sustentabilidade e percebemos que há garrafas de plástico espalhadas ali as vezes na mata que é uma coisa que deve estar completamente cuidada mas que as vezes por descuido alguém deixa uma garrafa de plástico. E eles fizerem por exemplo,

com os professores uma sessão de sensibilização "vamos limpar a mata" mas se envolvermos os pais, e tem acontecido, fazemos um fim de semana em que vamos todos pra mata, a escola arranja luvas, sacos de plástico, todas as condições de segurança e vamos todos limpar a mata. Essa ação que envolveu os pais, envolveu os alunos, vai criar uma sensibilidade adicional muito grande para em termos comportamentais, porque eles depois não vão deixar que a mãe ou o pai porque no seu tempo não tiveram formação de maior sensibilidade para questões ambientais e se eles tiverem que deixar uma garrafa de plástico ou jogarem pela janela do carro, os filhos não vão deixar que isto aconteça. E portanto, este investimento neste caso concreto por exemplo, de projetos relacionados com o ambiente, com a sustentabilidade fecha depois com outros projetos que são desenvolvidos na escola por exemplo, o eco escolas. As crianças que fazem parte do eco escolas podem coordenar, temos algumas turmas com alguns grupos que são grupos do eco escolas, que desenham o logo, que promovem atividades, que vão a conferências, etc. Se essas crianças mobilizarem os colegas para irem fazer uma limpeza na mata, estas crianças estão a ter aqui um papel fundamental, primeiro porque há este contágio positivo entre pares, se eles vão apanhar lixo para limpar a mata pra ela ficar mais saudável e melhor para o ambiente, eu também vou. E portanto, esta parte é muito importante, é envolver os pais, envolver os alunos e fazer, promover atividades que façam sentido. As coisas têm que fazer sentido porque as nossas crianças, muitas vezes, não se interessam mais pela escola porque não conseguem perceber o porquê da aprendizagem "Estão a aprender isto pra que?" esta questão é muito importante para responder. E portanto, sair da escola, levar os alunos pra fora da escola é muito, muito importante e esta ida pra fora da escola tem que ter o apoio dos pais, tem que envolver a família porque é, pra já, uma responsabilidade acrescida e se eu for fazer essa atividade num sábado e se eu tiver os pais eu vou ter quem vigie as crianças, vou ter a escola associada a uma coisa positiva. Mas depois, eu vou ter que pensar assim "então eu vou apanhar com 200 crianças vou apanhar 50 sacos de lixo, então o que eu faço com os sacos de lixo?" Eu tenho que falar com a Junta que vai disponibilizar uma carrinha para carregar os sacos de lixo, mas depois "Pra onde é que ela leva o lixo?" Lixo reciclado, aquilo que foi apanhado, os plásticos, os papéis e etc. Eu vou ter que articular com a empresa que faz a reciclagem aqui em Leiria, e temos uma grande empresa que faz reciclagem, eu vou ter que me associar a essa empresa pra depois eles virem buscar esses materiais para o reutilizarem, o reciclarem e no fim, tem que os convidar para

virem a escola mostrar como é que foi feito o processo da reciclagem. Portanto, isto tem que fazer sentido como um todo e os projetos tem que ser pensados assim.

Entrevistador: E querendo ou não contextualiza aquilo que eles aprendem na sala de aula.

Entrevistado: Exatamente, contextualiza. É muito importante haver esta ligação porque nós vivemos atualmente, em termos de política educativa, uma filosofia que se chama a flexibilidade curricular. E portanto, esta flexibilidade curricular se nós desmontarmos o termo é mesmo isto, temos que ser flexíveis. E esta flexibilidade é no sentido de rompermos com aquilo que é o ensino tradicional, muito escolarizado, muito acadêmico, muito focado na parte teórica, nunca o descorando mas tem que ser complementado com atividades complementares e transversais. Porque depois posso ir apanhar, neste exemplo, posso ir apanhar com as crianças, limpar a mata e apanhar o lixo mas eu posso perceber quantos quilos de lixo apanhei e trabalhar na matemática considerando a área da mata fazer aqui, extrapolar uma estatística de quanto lixo deve haver na mata se eu fiz uma limpeza de 1Km² eu consigo perceber que ela tendo 15Km² ou 20Km² eu consigo perceber quanto de lixo que deve ainda existir por apanhar, eu consigo trabalhar uma série de outros conceitos, e aí a matemática começa a fazer sentido. Consigo trabalhar áreas, consigo trabalhar estatísticas, consigo produzir gráficos, consigo depois perceber qual é o material que apanhamos em maior quantidade, que eles depois fazem a separação aqui. E portanto, a propósito de coisas muito edificantes e muito importante para o futuro de nossos alunos, nós temos que lhe dar estes conteúdos porque depois são as ferramentas que eles vão trabalhar no futuro. E sobretudo, faze-los olhar para um problema de vários ângulos, no ângulo da matemática, no ângulo da biologia, no ângulo das ciências, no ângulo do português que depois podem fazer um artigo de jornal, podem fazer qualquer coisa interna para divulgar a iniciativa. E portanto, quando os professores conseguirem trabalhar nesta articulação, estamos a trabalhar numa verdadeira flexibilidade curricular em que os currículos das diferentes disciplinas se inter cruzem e fazem sentido. Não podemos continuar nesta visão estante das coisas, que matemática é matemática, saiu de matemática tem um intervalo de 5 minutos, entra em ciências e ciências não tem nada haver com matemática, isto não existe porque a vida está toda ligada e é esta nova

filosofia que temos de trabalhar na escola de maneira que a escola faça sentido para nossos alunos.

Entrevistador: No âmbito da relação escola e comunidade, quais as parcerias fundamentais para escola? Porquê?

Entrevistado: Muito bem. A escola, eu defendo, todas as parcerias são importantes mas há algumas que são estrategicamente fundamentais por exemplo, o Município. O Município (isto que vou dizer faz mais sentido agora que estamos a passar por um processo de municipalização da educação, há uma transferência de competências da esfera do Ministério de Educação para os Municípios) o Município é um parceiro estratégico fundamental porque há um Projeto Educativo Municipal. E o Projeto Educativo Municipal, vamos considerar o chapéu para os Projetos Educativos das diferentes escolas. Se uma escola tiver uma excelente relação estratégica (e no caso do nosso Agrupamento e todos os Agrupamentos que temos, isto existe) com o Município e o Município superintende em uma série de equipamentos culturais da cidade, os museus, na facilitação que temos depois para uma visita de estudo, iniciativas que podem ser dinamizadas por mais do que um Agrupamento, isto tudo dá pra já, em termos de Conselho uma visão muito mais una da questão da educação e portanto, o Município funciona aqui como um elemento facilitador do acesso a uma série de projetos. E portanto ele próprio, e no nosso caso, nós temos uma vereadora da educação e uma equipa da educação que é muito dinâmica e que promove muitos projetos e portanto, é um parceiro estratégico porque tem poder de decisão, porque tem muitas vezes poder económico para ajudar a escola porque nós sabemos que há uma série de projetos que se não tivermos parceiros estratégicos e que tenham poder económico nós não conseguimos realizar. Vamos supor que eu estou a fazer um projeto de reciclagem, acho que a escola está muito suja e precisa de caixotes de lixo, eu posso ter a ideia, mas se eu sensibilizar as crianças mas elas não tiverem um sítio onde pôr o lixo, o projeto não vai funcionar. Portanto, vou ter que mobilizar os pais para construir alguns caixotes de lixo, vou ter que pedir ao Município que tem a recolha do lixo da cidade e gera todo esse processo que me arranje alguns caixotes de lixo. E portanto, isto é um exemplo prático (que eu gosto sempre de contextualizar com exemplos práticos) como há determinados parceiros que são mais estratégicos do que outros. O Município é um parceiro estratégico muito, muito grande.

Entrevistador: Como surgiu a parceria entre o Agrupamento e o Projeto de ação social? O que motivou esta colaboração?

Entrevistado: Muito bem. Esta é uma excelente pergunta. É... todos os parceiros, como disse e repito, são estratégicos e no caso deste Projeto de ação social (respondendo à pergunta "como é que surgiu?) Surgiu de uma necessidade, porque o este projeto está localizado, sediado num bairro que tem características muito próprias, tem uma população de imigrante muito expressiva, sobretudo, uma população imigrante de origem árabe. Então, surge logo aqui uma situação que é: A dificuldade em chegar àquelas famílias. Por exemplo, nesta situação pandémica que vivemos, temos alunos que estão em casa mas que por menor compreensão da língua, maiores dificuldades económicas, por dificuldade de transporte, etc. Não conseguem vir a escola por exemplo, buscar a refeição, não conseguem em casa configurar o computador. Então, ter um parceiro no terreno que o trabalho que faz, e faz de forma excelente, é um trabalho de proximidade com as famílias, se este parceiro articular com a escola ele só comunica a associação "olha tenho aqui uns computadores para entregar a estes alunos, a gente vai aí buscar" eles vêm aqui e levam os computadores. As crianças, é preciso almoços porque agora as famílias têm problemas económicos e é difícil chegar lá, os almoços são feitos aqui e a associação vem aqui buscar os almoços e entrega ou lá na própria sede da associação ou vai levar de porta a porta. E portanto, isto é extraordinário o tipo de apoio. Por exemplo nos trabalhos, houve situações durante o confinamento em que foi necessário imprimir aqui os trabalhos, as fichas, os documentos orientadores para o estudo mas depois era preciso fazer chegar aos alunos porque os alunos não tinham computador. Agora nesta fase estamos a tentar, lá está com uma parceria do Município e do Ministério da Educação, arranjar equipamentos para emprestar a todas as crianças porque nestas situações em que é preciso passar para o regime não presencial é importante que elas tenham computadores. Neste momento estamos a configurar cerca de 400 computadores, então é uma coisa muito, muito grande. Então, mas esses computadores por si não farão a diferença, o que vai fazer a diferença é que alguém vai lá, vai ensinar a utilizar, vai configurar a internet, vai acompanhar e se tiver se eles tiverem um problema eles muito facilmente vão ao bairro e dizem "olha, eu não sou capaz de aceder a internet, passa-se um problema com o meu computador" e portanto, lá ou resolvem ou depois trazem aqui acima. E portanto, há aqui uma relação

muito equilibrada porque a associação precisa da escola e ela existe para apoiar as famílias e a escola dá-lhe todas as ferramentas e dá-lhe todos os pretextos para ela desenvolver o seu trabalho. Por outro lado, a escola precisa imenso da associação porque a escola só chega as famílias e aos alunos através deles e isso é um sinônimo de uma parceria extraordinária. Tanto mais que, até a própria candidatura da associação, pra que tenha subsídios, pra que seja financiada, também depende desta excelente relação que ela conseguiu com a escola porque ter a escola como parceiro também é muito importante pra subsistência da própria organização de apoio às famílias. Porque quando fazem uma candidatura, e normalmente estes projetos sobrevivem com dinheiros de candidaturas, dá um peso completamente diferente eu assinar um documento a dizer " sim senhora, esta associação é muito válida pra escola, trabalha em articulação com a escola e tem uma avaliação excelente" se perguntar a qualquer professor aqui sobre o trabalho que faz esta associação, toda gente vai dizer que é um trabalho fundamental e insubstituível. E portanto, as coisas fazem sentido quando realmente são assumidas muito a sério e, no caso do Projeto de ação social, tem uma equipa extraordinária de animadores, de pessoas que coordenam o projeto que trabalham realmente com muita sensibilidade e com muita responsabilidade e isto faz toda a diferença.

Entrevistador: Em que consiste a parceria? Quem são os envolvidos, pela parte do Agrupamento?

Entrevistado: O principal foco é aquele bairro onde o Projeto está sediado. No entanto, os colaboradores do projeto, sempre que há uma situação que o Agrupamento precisa, eles são completamente disponíveis. Por exemplo: há um conjunto de artistas, artistas plásticos, gente ligado ao mundo das artes que trabalha com esta associação. A escola tem um projeto cultural, há um plano cultural do Agrupamento, mais uma vez como disse no princípio, estamos num meio sociocultural frágil, pobre, em que o acesso à cultura é muito difícil, as famílias normalmente não vão a teatro, pouco vão ao cinema, pouco visitam os equipamentos culturais. Então, o que acontece, os artistas que estão nessa associação vêm trabalhar pra escola aos fins de semana, desenvolvem projetos da arte com os alunos. É uma forma de envolvimento dos alunos em projetos artísticos e é também uma forma de a associação, por exemplo no caso, contribuir com os seus elementos e que estão associados pra dar sentido a projetos da escola que envolvem a

comunidade, eles também são a comunidade. E aqui há outra coisa interessante, que é abrir a escola à comunidade. A escola existe para servir a comunidade e tem que ser vista nesta perspectiva, por exemplo, aquele ginásio que está a ver ali ao fundo, ao fim do dia funciona como aulas de judô dadas por um judoca que é até campeão nacional mas que dá as aulas para as crianças desta comunidade. E portanto, não tinha nenhum espaço tão bom, os pais se calhar tinham que se deslocar para ir para um sítio qualquer longe e já disse que realmente são pessoas com dificuldade e portanto, a escola tem que facilitar este equipamento. Por exemplo, os blocos de aulas aos sábados estão preenchidos com aulas de música porque a filarmónica tem a sede do outro lado da estrada, eu dou uma chave a filarmónica e eles enchem os blocos com aulas de música ao sábado. E a escola não leva nada por isso, mas está a prestar um serviço que não tem preço, que é este acesso à cultura, este acesso a música e está a dar oportunidade à filarmónica de crescer porque eles têm umas instalações centenárias, muito pequenas, que não tem possibilidade de ter 50 alunos em simultâneo porque as aulas de música, são muitas vezes dadas quase que individualmente. Então aos sábados, as salas têm todas as condições, tem computadores, algumas tem pianos, tem tudo e então há aqui esta relação de confiança muito, muito importante que depois quando é preciso eles estão todos lá, sempre disponíveis, mas nesta relação tem que ser uma relação de dar e receber.

Entrevistador: No âmbito da relação escola e família, em que medida, o Projeto contribui para o envolvimento das famílias na escola?

Entrevistado: O processo de envolvimento dos pais através deste projeto em concreto é, vamos chamar de um envolvimento indireto, por exemplo: A própria associação promove cursos de português para estrangeiros. Se uma mãe que fala árabe, pouco português, pode frequentar na associação aulas de português, quando essa mãe falar melhor português ela vai facilmente ou mais facilmente comunicar-se com a escola. Mas qual foi o papel da associação aqui, deu-lhe a possibilidade de melhorar a sua competência linguística e ela vai depois poder acompanhar de uma forma muito mais fácil o seu filho ou a sua filha. E portanto, quando me pergunta qual é o papel da associação neste envolvimento dos pais, este é um papel direto porque faz um trabalho com os pais mas com benefícios indiretos para escola. Tudo o que se faz, tudo o que a associação faz por exemplo, no sentido de se preocupar por exemplo com a assiduidade

do aluno, temos por exemplo uma família que vem de um sistema de ensino muito diferente do nosso e não está habituada a rigidez da assiduidade e temos uma criança que falta muito, por exemplo. Se eles vão lá, e a gente comunica "olha vê se consegue falar com essa família porque o menino não tem vindo as aulas, tem faltado muito, vê o que se passa", se eles vão falar com essa família, se depois me telefonam ou telefonam ao diretor de turma a dizer o que se passou ou se está a passar, as vezes há dificuldades que nós não conhecemos ou outras vezes há uma instabilidade muito grande, económica ou até mesmo do ponto de vista relacional dentro da própria família. Quando eles vão ao terreno, eles estão muito próximos, eles estão no terreno, quando eles vão e depois me reportam isso nós conseguimos agir pra já de uma forma muito mais precoce e isto é muito importante. Nós temos também, uma outra figura muito importante na escola, que é uma técnica de serviço social. Portanto, esta assistente social tem um papel fundamental na ponte entre a escola e a família. Sobretudo, porque é um elemento facilitador, e como disse, temos muita população imigrante. Quando temos, por exemplo, alguém que chegou recentemente de um país africano, por exemplo, não conhece nada da nossa cultura, precisa de apoio social, quando é que isto se nota logo, é nas crianças que chegam a escola que não tem muitas vezes o que comer e portanto, ela tem que desenvolver todo o processo para não faltar nada à esta criança, ou seja ela tem que ter o escalo. O que é o escalão? tem o escalão (A) que lhe dá alimentação, que lhe dá os manuais escolares e todo o material escolar e o apoio não pode ficar aí só porque muitas vezes as famílias não têm documentos, não conhecem quais são os seus direitos, nem como é que são tratadas as questões burocráticas. Então aqui, a nossa técnica de assistência social, inscreve as pessoas na segurança social, trata dos processos para obterem os subsídios, tudo isso feito através das crianças. As crianças são esta ponte com a família e portanto, quando as crianças sobretudo agora no regime não presencial, não vem a escola nós ficamos com muitas dificuldades em perceber o que está a acontecer em cada família. Por isso, a importância delas regressarem a escola, conseguimos saber se elas estão melhor nutridas, se vem bem vestidas, se estão em termos de higiene se está tudo correto e quando assim não está nós agilizamos logo esta ponte através da assistente social. Portanto, é outro elemento chave, falei agora apouco da animadora cultural e agora estou a te falar da técnica de serviço social e tudo isto só faz sentido se elas trabalharem em conjunto uma com a outra, as duas técnicas por exemplo, entre outros, depois temos equipa de psicólogos e por aí afora que também fazem um ponto muito interessante com a família e podemos falar nisso, mas a técnica

de serviço social, animadora cultural, os diretores de turma no caso 2º e 3º ciclo ou os professores titulares ou os educadores titulares, ou seja, aqueles que estão responsáveis pelo grupo, trabalham de forma articulada de maneira que quando alguém tem um problema identificam e percebem que "técnica é que vou falar? vou falar com o psicólogo? vou falar com a assistente social?" e então fazem uma sinalização direta e estes técnicos têm completa disponibilidade para fazer isto, este é o trabalho deles.

Esta é uma estrutura muito complexa, que mexe com muita gente, que está muito bem articulada, já está muito bem articulada. E sobretudo, não havia até há uns anos (eu já sou professor nesta escola há 24 anos) não havia até há uns anos esta sensibilidade por parte do Ministério. Tem sido uma luta nossa, eu acredito muito nesta pluridisciplinidade, um professor titular, um diretor de turma não pode ser ao mesmo tempo animador cultural, assistente social, não pode, não deve. E portanto, se tivermos um equipa multidisciplinar e se formos capazes primeiro de tudo (e a Prof. Antónia gosta disso e ela é muito correta quando diz) que nós temos que identificar as situações de uma forma precoce. E a escola se conseguir apanhar, identificar uma criança que está a passar dificuldades, porque depois tem por custar o seu aproveitamento, se ela não come ela não consegue estar com a atenção na sala de aula, se ela não condições em casa para estudar nós temos que arranjar maneira dela ter condições aqui. E quem faz isso? Faz isso a animadora cultural, técnica de assistência social e os psicólogos, temos uma equipa neste momento com 3 psicólogos, também estamos a falar de um universo de 2.000 alunos, mas fazem depois esta abordagem com a família na orientação profissional, por exemplo, saber daquela jovem que está por mudar de ciclo, testes vocacionais, porque todo o investimento que for feito neste jovens é uma forma de nós sermos mais bem sucedidos no ponto de vista da educação e fazermos um melhor investimento. Não há nada pior do que um jovem andar perdido na escola, porque ele está a custar dinheiro todos os nossos alunos custam muito dinheiro ao final do ano ao Ministério, e se nós conseguirmos orientar profissionalmente, fazer com que não haja absentismo, abandono escolar no nosso caso é praticamente zero, isto porque, porque se o aluno não vem a gente vai buscá-lo a casa, tem que ser assim, porque ele as vezes não vem ou porque a família não valoriza a escola ou porque a família está a atravessar momentos de extraordinária dificuldade e portanto, as crianças acabam por serem indiretamente penalizadas porque se o carro avariou e a pessoa vive a 5Km, a criança deixa de vir. Eles não vêm porquê? o psicólogo vai à casa, a técnica de assistência social vai à casa. E arranjam uma alternativa, as vezes não é fácil, mas o que não podemos é

deixar de agir porque se deixarmos de agir a criança perde-se, chega ao final do ano não veio, então mas não veio porquê? Portanto não pode acontecer, isto não pode passar de 1 semana, ao fim de 1 semana se há uma situação de incumprimento tem que ser sinalizado e depois todos os mecanismos têm que ser agilizados automaticamente.

Entrevistador: Relativamente aos resultados académicos e o desenvolvimento integral dos alunos, qual a contribuição do trabalho realizado pelo Projeto de ação social?

Entrevistado: O trabalho realizado pelo projeto tem um impacto muito grande no resultado dos alunos. Justamente porque eles fazem um acompanhamento de proximidade muito grande. A escola sempre que pode (eu digo sempre que pode porque nem sempre consegue) faz com que alguns professores que pertencem a escola passem do seu horário umas horas a dar apoio ao projeto. Porque os professores em Portugal, no nosso sistema de ensino, podem a partir de determinada idade, a partir dos 55 anos tirar 1 ano que é chamado Art. 79.º do Estatuto da Carreira Docente, que é um ano em que eles deixam de ter componente lectiva com alunos em turma, ou seja, porque a vida de professor e profissão de professor e sobretudo nos níveis etários mais baixos é muito desgastantes e portanto, o professor pode fazer aquele ano pede e a lei lhe protege, lhe dá este direito, pedir um ano pra ficar sem turma, sem alunos. E neste caso, o professor tem que apresentar um projeto, o professor não fica sem trabalhar, não é uma licença, é um ano em que o professor deixa de ter alunos e faz um trabalho para o Agrupamento, para a escola, diferente sem ter a responsabilidade de ter uma turma de 21 alunos para cuidar. Então o que este professor faz, normalmente, neste ano? Desenvolve projetos que sejam afins do Agrupamento por exemplo, podemos falar de projetos de ecologia, projetos de reciclagem, projetos de ciência. Temos uma professora que está a fazer "Ciência na Escola" nesse ano fez um projeto, fez kits de ciências e vai de escola em escola fazer experiências. Isto é muito enriquecedor porque aquele professor especializa-se naquelas 20 experiências que fez e depois vai transmitir as experiências à todas as escolas do Agrupamento, é muito rico porque tem alguém que vem de fora e os alunos tem sempre tendência a ter mais atenção. Depois é alguém que já fez todos os materiais pra experiência e que o professor no seu cotidiano tem muita dificuldade eu reunir todos aqueles materiais e assim eles têm aqueles baús e vão fazer as experiências. Por outro lado, no caso de professores que tem projetos que ainda sobra tempo e eu posso gerir aqui estes professores de maneira a eles irem ao Redes, eles tem

umas instalações onde dão apoio aos alunos, e nalgumas horas do dia contam com professores do Agrupamento, com pessoas muito competentes profissionalmente e com disponibilidade que estão lá para ajudar a dar sentido ao projeto porque depois eles também não tem recursos pra contratar professores nem explicadores portanto, é assim que a parceria funciona.

Entrevistador: No quadro pandémico atual em que a escola precisou reinventar-se e adaptar-se, de que forma o Agrupamento está a desenvolver os projetos e iniciativas de promoção do relacionamento escola, família e comunidade?

Entrevistado: A situação de pandemia lançou-nos a todos desafios acrescidos para os quais não estávamos preparados, ninguém estava. Mas o envolvimento das famílias, a compreensão das famílias porque passar para um ensino não presencial, feito a distância tem um impacto enorme na família. Começamos logo pela situação do equipamento, o problema de muitas famílias é que não tinham dinheiro para ter o equipamento, isto gera uma situação de desigualdade e a escola tem que ser igualitária, portanto nossa primeira preocupação foi as famílias mais carenciadas terem este equipamento. Todos os equipamentos que vieram foram atribuídos prioritariamente aos alunos que tem escalão, ou seja, àquelas famílias que tem mais dificuldades económicas. E aí entra a parceria com o Município, com as empresas, temos algumas empresas a quem eu pedi ajuda e foram extraordinárias compraram computadores e ofereceram à escola. E nós emprestamos estes computadores, não demos, emprestamos porque são propriedade da escola e em qualquer situação podem ser reutilizados e portanto, o trabalho da escola tem que ser um trabalho de compreensão e um trabalho facilitador da família, por exemplo: Neste momento, nós estamos a configurar cerca de 400 computadores. Eu disse "configurar" eu não tinha que o configurar, eu podia pegar nestes computadores como vieram do Ministério, do Município e dar às famílias. Mas eu sei que os meus pais não têm essas competências de literacia informática para configurar corretamente os equipamentos. E um equipamento em casa que não está configurado para aceder a internet, que não está corretamente configurado, a gente sabe que quando compra um computador ele tem que fazer uma série de atualizações, tem que fazer uma série de registos para ficar completamente operacional. Então, nós definimos que não entregávamos os computadores sem que todos os computadores estejam configurados, perfeitos, de maneira que o pai leve e quando abrir o computador em casa o filho possa

aceder a internet e começar a trabalhar. Isso é um trabalho para as famílias, é um trabalho facilitador na vida das famílias e também na vida da escola porque não interessa ter este investimento muito grande do ponto de vista de investimento público, não interessa ter este investimento se ele não estiver operacional. Não me interessa aqui que uma criança tenha um computador em casa que não consiga utilizar, isto não serve de nada, isto é igual a zero. É aqui que a escola tem que ter esta preocupação com a família, porque sabe as famílias que tem. Se este Agrupamento fosse no meio urbano, mais urbano em que as competências informáticas das famílias fossem grandes, eu não estava com este trabalho adicionado, pegava nos computadores já os tinha entregue todos. A escola nunca se pode aliar disso mas com isto também tem ganhos significativos porque tenho a certeza absoluta que este investimento que estamos a fazer agora eu vou recuperá-lo assim que houver uma situação em que é preciso utilizar os equipamentos eu tenho a certeza que aqueles equipamentos estão operacionais na casa dos meus alunos, nas famílias.

Entrevistador: Quais estratégias estão a ser desenvolvidas para que exista comunicação ativa entre escola e família?

Entrevistado: Nunca perder o contacto. Esse é talvez o segredo de mantermos as coisas a funcionar. Existe sempre telefone e portanto, se e o aluno não aparece nas sessões online, nas sessões síncronas porque depois o horário do ensino a distância tem as sessões síncronas em que ele está com o professor e tem as sessões assíncronas onde eles desenvolvem trabalho autónomo. As sessões síncronas são regulamentadas com o mesmo princípio das sessões presenciais, se o aluno não veio temos que saber porque não veio: porque não veio? tem desculpa para não vir? tem internet? computador? Pronto. Se tem internet, tem computador e não veio temos que responsabilizar os pais. E houve casos em que tivemos que responsabilizar os pais. E depois é preciso averiguar, depois vai pra equipa de técnicos os psicólogos e a assistente social, sobretudo estes, recebem a sinalização a dizer que o aluno está ausente, não está a frequentar as sessões e telefonam à família. Percebem qual é o problema " ah! o computador avariou" então marcam e trazem o computador à escola, nós temos um técnico na escola que repara o computador e o levam o computador. Justamente para não haver desculpas, agora levou o computador arranjado e não vem, não aparece nas sessões, agilizamos outros mecanismos, aí já informamos a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens a dizer que

aquele jovem está em risco de abandono, tem as condições para frequentar a aula mas não está a frequentar. E portanto, as famílias também têm que perceber que tem as suas responsabilidades, e se temos famílias muito responsáveis e felizmente são a maioria, temos famílias completamente irresponsáveis e que se a escola não estiver atenta pode comprometer o seu resultado, podemos ter abandono escolar, o que não queremos, e podemos ter os resultados académicos comprometidos porque as crianças não vêm nas aulas.

Entrevistador: Para o ensino a distância, foram criadas redes de suporte às famílias? Como desenvolveram-se?

Entrevistado: A situação da pandemia teve um impacto grande sobretudo nas famílias mais carentes, acentuou as desigualdades, isto foi a nível nacional. Aqui como é que a escola atuou, mantendo o contacto, como disse muito importante, e sobretudo pondo no terreno os diferentes parceiros. Por exemplo, nós tínhamos situações de famílias que estavam a atravessar uma carência económica grande e que portanto estavam com problemas de alimentação, nós temos um parceiro que é a Rede Food a quem nós damos toda a comida sobrando da escola para ela distribuir e portanto, numa situação dessas nós identificamos as famílias para elas poderem ir buscar a alimentação. E quando nós temos esta preocupação genuína com as famílias, as famílias quase sempre retribuem depois com o carinho que tem pela escola. E se houver esta relação de confiança, que é uma relação desinteressada, é muito importante não se está a dar isto para se ter aquilo, ou seja, estamos a resolver problemas para que nossos alunos estejam melhores, estejam mais confortáveis e portanto, as famílias têm que saber sempre que a porta da escola, o meu telefone está disponível. E isto é uma filosofia, que me traz no trabalho um crescimento grande, porque muitas vezes tenho muitas chamadas telefónicas, tenho muitos problemas para resolver mas também, me torna muito conhecedor do terreno que tenho porque se criassem mais dificuldades no acesso a direção da escola, por exemplo, a organização em si tinha uma gestão mais tranquila mas menos conhecedora do terreno e portanto, este é o reverso da medalha. Também me permite mobilizar as ajudas como é o caso da comida que é fundamental mas no que diz respeito ao ensino a distância a grande dificuldade foi realmente ultrapassar os medos, medos dos professores, dos técnicos porque este vírus tem tanto de desconhecido que o trabalho de proximidade fica comprometido. Há uma série de iniciativas de proximidade, nós estamos num

projeto que é extraordinário que se chama Includ-ed. O projeto includ-ed é um projeto coordenado pela Universidade de Barcelona e nós temos muitas iniciativas do Includ-ed: reuniões de pais, sessões em que os pais vêm participar nas nossas aulas, as sessões dialógicas e etc. que tivemos que suspender por questões de saúde pública e isso, sem dúvida, compromete. Eu disse, manter o contacto é importante e defendo que não há uma boa relação entre a escola e a família se não houver uma relação de proximidade e a escola tem que ter as portas abertas e tem que cultivar essa proximidade, tem que promover iniciativas que tragam os pais a escola e o includ-ed por exemplo, é um conjunto de iniciativas muito bem estruturadas que trazem os pais a escola, fazem os pais participarem da vida da escola, da vida da sala de aula, trazem os pais pra dentro da sala de aula que é um passo gigante. Uma coisa é promover atividades em que os pais estão aqui, vem ajudar numa intervenção artística, vem participar num dia aberto à comunidade, etc. Agora, fazê-lo de forma regular, isso aumenta os níveis de confiança de uma forma extraordinária nos alunos, se eu tiver o meu pai por exemplo: Meu pai era carpinteiro, se o meu pai pudesse ter vindo a alguma das minhas aulas explicar coisas que ele fazia magnificamente, eu tenho a certeza absoluta que tinha sido muito importante pra mim, para o crescimento, para minha confiança e é importante dizer, à esses pais, que os pais deles também são muito importantes, também sabem fazer coisas extraordinárias. E o vir à sala de aula, o participar com aquilo que sabem pra já ajuda também os professores a melhorarem a sua sensibilidade e a conhecerem melhor as pessoas que tem no terreno. Um professor conhecedor daquilo que é a situação da família é um melhor professor. Um professor que souber que naquele T2 vivem 13 pessoas, por exemplo, vai compreender que um trabalho vem amarrotado, vai compreender que o aluno se tenha esquecido ou os livros não venham nas melhores condições porque ele se calhar não tem onde pousar a mala e portanto, é fundamental consciencializar os professores. Os professores que dão aulas aqui, felizmente, o corpo docente é muito estável e uma significativa maioria são professores de continuidade aqui no Agrupamento, vêm poucos professores novos. Mas quando vêm professores novos, vêm de outros pontos do país que não sabem como que é o Agrupamento, não sabem como é que são as famílias deste Agrupamento, não sabem qual é que é o nosso contexto sociocultural. E portanto, há que transmitir-lhes de uma forma sensível qual é que é a nossa realidade porque se conhecermos, compreendemos melhor.

Entrevistador: O que suscitou o interesse do Agrupamento em desenvolver o Projeto Includ-ed?

Entrevistado: Nós fomos convidados pelo Ministério da Educação pela particularidade de sermos um TEIP e por termos uma série de projetos que envolvem a comunidade, que envolvem as famílias. E eu então recebi um telefonema da coordenadora nacional do projeto includ-ed, a dizer que seria muito interessante eu ir ouvir numa conferência sobre o que era o Includ-ed, em que país já estava implementado, qual era a metodologia e depois se quisesse fazia uma candidatura voluntária ao projeto sendo que, o projeto é coordenado pela Maria Vieites da Universidade de Barcelona, uma pessoa muito experiente que já testou e validou todos os instrumentos do projeto, todas as ferramentas de como trabalhar o projeto e portanto, eu no fim de assistir esta conferência fiquei maravilhado e entendi que aquele projeto encaixava perfeitamente nesta escola. Depois fiquei com um desafio a seguir que era arranjar alguém que fosse o coordenador deste projeto e daí uma professora que tem a sensibilidade ajustada para este projeto, porque não pode ser qualquer um que seja coordenador deste projeto, tens que acreditar, tens que ver a família sempre porque há um conceito muitas vezes enraizado na escola em que a família é vista um pouco como adversário, muitas vezes os pais também cultivam esse espírito defensivo e quando vêm a escola é mais pra atacar e portanto, vêm só dizer o que a escola não cumpre, o que eles gostavam que a escola fosse, nunca pensam no que eles não cumprem muitas vezes, gostam que a escola seja mais segura mas depois os filhos não tem comportamentos de segurança, saem sem autorização, saltam o gradeamento, etc. A escola não é uma prisão portanto, não é uma prisão de auto segurança, a escola tem o seu controlo mas ele é limitado é até pelos recursos humanos que temos. E portanto, eu despercei-me agora um pouco mas era para dizer que, o objetivo depois foi encontrar alguém que tivesse essa sensibilidade e a partir daí essa contaminação positiva de começar a ver resultados, porque quando o professor diz assim na sala dos professores: "Olha hoje eu tive a mãe do Francisco na minha aula a ler um poema." "Hoje tive o pai da Maria que é mecânico aqui numa aula de matemática a explicar aqui um problema." As pessoas começam a olhar e "Como, a fazer como? Como é que fizeste isto?" "Hoje tive os pais a discutir com os alunos questões de literatura". E aqui o grande objetivo não é trazer os pais cultos à escola, aqueles que já são formados e bem informados, é colorizar os outros, o saber dos outros e isto traz ganhos muito grandes do ponto de vista da disciplina, as crianças e os

próprios pais quando estão na escola conseguem perceber os desafios que os professores têm em manter a sala de aula, torna também os pais e as famílias mais compreensíveis. Se houver uma maior abertura da escola à comunidade e à família, se a família vier até dentro da sala de aula, isto tem que se ter muito cuidado porque os professores as vezes pensam (porque eu sou professor não quero ninguém a dar aulas por mim) os pais não vêm dar as aulas, os pais vêm só fazer um trabalho de apoio e vêm fazer um trabalho de articulação que se quer preparado mas que também se quer muito de espontâneo. E isto, é um trabalho de valorização e se os pais se sentirem valorizados pela escola, há uma frase que eu gosto muito que é de uma amiga minha e que diz: "Nenhuma criança gosta da escola se os pais não gostarem da escola" portanto, quando me pergunta sobre a importância das famílias, o grande desafio da escola atual é colocar os pais a gostarem da escola e confiarem na escola. Uma família que goste da escola, que tenha na escola um parceiro e que veja a escola criticamente apontando o que está bem e o que não está tão bem e que tenha esta abertura é uma família que confia na escola e que gosta da escola e que vai sempre valorizar o papel dos professores e aquilo que está a acontecer dentro de portas. O problema está quando a escola faz o seu trabalho e depois a família não valoriza devidamente. Não diz a criança "segue a opinião do teu professor" "se o teu professor diz tu tens que respeitar, tens que ter uma atitude educada" isto não quer dizer uma atitude submissa, quer dizer respeitar a escola e isso se esse trabalho for feito de forma articulada, com esse respeito e com esse reconhecimento a escola funciona muito bem.

Entrevistador: Quais as ações educativas de êxito que já foram implementadas? Que impacto produziram?

Entrevistado: Eu podia elencar aqui muitas ações educativas de êxito mas vou focar numa. A valorização da população sênior, nós temos do outro lado da estrada ali a AMITEI. A AMITEI é um espaço de acolhimento, um lar de idosos e a família também são os nossos idosos. E portanto, quando as nossas crianças vão desenvolver, lá está com a animadora cultural, atividades que envolvem os idosos, a população sênior que também tem um animador cultural, quando nós juntamos estas duas populações, quando nós trazemos os idosos à escola para eles contarem histórias ou quando nós levamos as nossas crianças ao lar para eles desenvolverem atividades com a população sênior, nós estamos a fazer um trabalho extraordinário com a família. E sobretudo, um trabalho de

valorização dos mais velhos, de transferência de saberes e sobretudo, estamos a desenvolver nos jovens uma sensibilidade que é importante desenvolver que é este respeito pelos mais velhos, este aprender com os mais velhos que hoje em dia parece que tudo se aprende no youtube, na internet e portanto, a escola tem que fazer este trabalho. E lá está, é potenciando parcerias sempre e saindo da escola e trazendo os idosos a escola. Por exemplo, o ano passado estivemos a ensaiar as marchas populares, os nossos miúdos não dançam mas os nossos idosos foram na sua juventude ativos no ranjo folclórico, sabem dança, sabem os cantares e etc. Todos os dias a tarde vem uma carrinha ou duas com os idosos e para aqui dentro e eles depois em uma sala ensaiam as músicas, fazem isso com um grupo de crianças, de jovens, de alunos voluntários que querem participar neste projeto. O trabalho final depois é uma coisa extraordinária que envolvem os pais que ficam muito orgulhosos em ver o filho a fazer aquele trabalho, é devolvida uma certa juventude aos nossos idosos porque estão com os mais novos e estão a fazer uma coisa diferente e sentem-se completamente úteis e a transferir um saber e portanto, a escola que facilita, ser o espaço facilitador para isto acontecer está a cumprir, do meu ponto de vista, completamente a sua função.

Nós aqui temos o Ministério da Educação e também estes recursos todos custam dinheiro e a gente também só consegue isto por causa dos fundos comunitários, ou seja, só este ano por exemplo que nossa animadora cultural é paga pelo Ministério da Educação nos 10 anos anteriores nós candidatávamos todos os anos a nível europeu uma candidatura para ter animadora cultural e só porque ela fez 10 anos de contratos é que o Ministério disse "temos que por a animadora no quadro da escola" mas foi porque nós também insistimos muito neste formato. Mas é verdade que a escola pública, nestes últimos anos, fruto destes recursos que vem da Europa tem sabido aproveitar e tem sabido melhorar. Nós, por exemplo, temos uma escola muito velha tem 50 anos, é fria, não é muito acolhedora (temos feito este esforço) mas a grande diferença é realmente as pessoas. Temos pessoas muito experientes, um quadro docente muito estável. Implementar em uma escola que, por exemplo, 50% dos professores roda todos os anos é impossível. Eu aqui mais de 95% dos professores são sempre os mesmo, por um lado é mau porque vem pouca gente nova, com ideias novas, etc e a gente também precisa desse abanão porque há novas metodologias, novas dinâmicas mas eu acho que o facto de termos gente muito diferente com sensibilidade de psicólogos, animadora, assistente social traz uma vitalidade diferente e no fundo provoca os professores a fazerem coisas diferentes.

Entrevistador: Com base nos desafios encontrados no contexto educativo e após a realização das iniciativas planeadas, quais as conquistas e resultados identificados?

Entrevistado: Nós aqui todos os períodos, no final de cada período lectivo fazemos um balanço dos resultados. E a análise dos resultados é um momento fundamental da vida do Agrupamento porque só, eu a pouco dizia, quando nós identificamos de forma precoce um problema é que nós podemos resolver. Nós não podemos chegar no final do ano lectivo e dizer "Ah este aluno tem 7 negativas, olha não vai passar" isto não é um bom trabalho. Um bom trabalho é no fim do primeiro período, quando há o primeiro grande momento de avaliação perceber que temos um aluno que tem 7 negativas e esse aluno tem que ser trabalhado com tudo o que a escola tiver. Temos que alocar recursos humanos e aqui a gestão dos recursos humanos que é o grande desafio que é alocar professores para darem apoio àquele aluno, identificar exatamente se aquele aluno tem uma dificuldade de cognição, se aquele aluno tem uma dificuldade comportamental, quais são os problemas que estão a originar este insucesso porque não é normal uma criança, por exemplo, ter 7 negativas ou 8 negativas, o que se passa? As vezes é uma questão familiar, as vezes as crianças andam emocionalmente muito perturbadas e portanto, temos que aí perceber quem é que vai ajudar esta criança e como é que vai a ajudar. E quanto mais cedo nós identificamos o problema, isto tenho certeza, mais cedo o resolvemos. Outra coisa importante, falando de resultados, é a qualidade do sucesso. Quando medimos a qualidade do sucesso a gente tem a preocupação de perceber quais são os alunos que se destacaram por ter um aproveitamento acima da média ou bastante acima da média. E isto é valorizado através dos quadros de mérito, que são uma coisa muito importante para as famílias e são um incentivo extra para melhorar o rendimento dos alunos. Um pai que vai numa cerimónia pública onde eu vou entregar um prémio pelo mérito académico do educando, traz à família, é um reconhecimento à família também, quer dizer que estamos a fazer um bom trabalho com o nosso filho ou com a nossa filha. E portanto, isto vêm dos resultados e a gente só consegue medir isto quando tem uma (a palavra certa aqui é monitorização) temos que monitorizar. É como quando alguém está numa cama de hospital e tem aquele aparelhinho lá ligado que vai medindo a pulsação, ritmo cardíaco, vai medindo tudo a oxigenação e portanto, há uma série de

parâmetros que a gente tem que ver: comportamento, aproveitamento, e depois a qualidade do aproveitamento é muito importante. E nós temos, dentro deste âmbito, um projeto muito importante que chama-se "top turmas" em que é um concurso associado a um prémio e que é participado por toda a gente: pelos alunos através dos seus resultados, no final eu sei quais são as turmas que tem os resultados médios melhores, mas a gente não quer só uma escola com bons resultados académicos, depois temos que ver quais são as turmas que tem o melhor comportamento na perspectiva dos professores e dos funcionários e depois temos ainda uma série de parâmetros que valorizamos, por exemplo, qual é a turma que tem o maior índice de trabalho cooperativo e colaborativo que é capaz de ter mais espírito de interajuda, etc. Os professores e os funcionários conhecem as turmas e portanto, fazem num inquérito online fazem essa valorização, isto há um primeiro momento que é no final do primeiro período depois lá no segundo período, um segundo momento e as turmas que conseguirem melhores resultados da soma dos dois momentos são as turmas vencedoras do Top turmas, recebem um diploma de vencedores e normalmente passam a tarde no kart a andar de kart que é sempre momentos muito, muito giros, lá está temos um kartódromo aqui perto, associamos a eles e portanto isto é um prémio anual e isto é estimulante para os miúdos, para ganharem este prémio eles modelam comportamentos, melhoram atitudes e os próprios diretores de turma ficam muito vaidosos quando as suas turmas ganham.

Entrevistador: Neste momento, como o Diretor avalia a relação escola-família-comunidade do Agrupamento? Quais os constrangimentos?

Entrevistado: Neste momento eu avalio como estando num excelente patamar a relação da escola com a família e com a comunidade. Com a comunidade, por aquilo que lhe disse, o número de parcerias que temos que é extraordinário. Com as famílias, o grande obstáculo é sem dúvida a pandemia e a dificuldade de um relacionamento de proximidade presencial, a proximidade que conseguimos com as formas mediatizadas, o zoom, as plataformas não é a mesma proximidade. Mas as associações de pais aqui, e são muitas como já lhe disse, são muito importantes porque são de uma influência positiva. Quando queremos implementar uma determinada medida, um determinado

projeto se envolvermos as associações de pais temos uma primeira validação e as associações de pais são representadas no conselho geral que é o órgão máximo do Agrupamento. Na nossa organização nós temos um conselho geral e temos a direção, a direção responde ao conselho geral e portanto, se a direção apresenta um projeto ao conselho geral e se tem no conselho geral as associações de pais que por sua vez depois levam para o terreno porque acreditam, porque confiam e porque validam esses projetos, depois a associação de pais é fácil, muito fácil. Tenho escolas a 20Km daqui e que por exemplo, preciso implementar determinado projeto nem que seja um projeto de gestão administrativa, ou seja, tenho aqui uma turma mas tenho uma escola próxima vou ter que deslocar esta turma para este lado, se eu fizer isto a partir daqui por um despacho, vai correr mal. Se eu chamar a associação de pais e explicar porque é melhor a gente manter as escolas abertas, se calhar é melhor nós manter o primeiro ano a funcionar nesta escola e nesta escola vamos passar pra lá o segundo ano, mesmo obrigando algumas crianças a sair daqui para irem para esta escola porque assim eu fico com alunos suficientes para manter as duas escolas a funcionar, os pais vão para o terreno e explicam aos outros pais "olha, o diretor disse que se calhar é melhor tirar daqui (...) assim para o ano a escola não fecha" e os pais vendo os prós e os contras, quando eu despacho aqui que vai funcionar assim, é aceito. Agora se eu fizer isso sem fazer esse trabalho, não é aceito porque eu tenho que me explicar primeiro e muitas vezes vou lá, marco uma reunião no clube, normalmente dessas aldeias onde estão as escolas junto toda gente e tem que ser muito aberto, muito franco, muito honesto, "isto é assim ou pode ser assim, se vocês concordarem a gente faz assim, os resultados podem ser melhores porque há esta possibilidade" pronto com as limitações que tem porque há situações em que a direção está limitada na decisão mas envolver os pais na decisão é fundamental para correr bem porque senão temos aqui uma luta desgastante que não leva a lado nenhum e que muitas vezes depois sobretudo em meios mais pequenos gera competições, ninguém quer que uma escola feche mas muitas vezes quando uma escola vai fechar e é da terra ao lado "Ah não é minha terra não quero saber" mas se a gente pensar estrategicamente e pesar assim "mas então, e se alguns alunos desta escola forem frequentar aquela escola" portanto, isto é um exemplo de como a família é muito importante porque isso mexe no equilíbrio familiar, "se o eu filho frequentar a escola que é aqui ao pé de casa e a avó vai levar, é uma coisa mas se ele tiver que andar 2Km é outra" mas seu eu pensar que aquela escola por causa da minha alteração na minha vida familiar e do meu contributo vai poder ficar aberta, respondendo melhor esta

comunidade e enriquecendo, porque a gente sabe que as escolas são polos de vida nas comunidades, e a gente tem aqui uma filosofia que é "sempre que possível a gente mantém as escolas abertas" mas muitas a natalidade está baixar drasticamente e não há crianças e não se inventam, mas as vezes a proximidade é tão grande que pode ter 50 alunos numa escola e 10 na outra, então se houver 10 alunos que podem vir para aqui e já faz aqui uma turma e a escola fica aberta. Às vezes é uma questão de pensar e fazer este desafio, e lá está, envolver a família sempre, envolver a comunidade, a Junta de Freguesia porque as vezes a Junta de Freguesia está interessada em que a escola fique aberta e diz na reunião "eu garanto o transporte" pronto está resolvido.

Entrevistador: Agradeço imenso pelo seu tempo.

Transcrição da entrevista a Coordenadora do Projeto de ação social

Entrevistador:

Como surgiu o Projeto de ação social? Foi uma iniciativa por vossa parte, da vossa associação ou o Agrupamento é que procurou?

Entrevistado: Foi uma iniciativa da Impulsar que é nossa associação "Impulsar: Associação para o desenvolvimento comunitário". Mas foi uma iniciativa pensada com um conjunto de stakeholders ou de parceiros, entre os quais, o Agrupamento. Portanto, desde a sua génese que o Projeto foi sempre pensado entre várias cabeças e instituições e também, inevitavelmente, com o contributo da comunidade. Quando escrevemos pela primeira vez o Projeto em 2015, depois isto arrancou em 2016, fizemos um diagnóstico aqui na comunidade. Andamos a entrevistar crianças, jovens, famílias para perceber qual era a sua apreciação em relação as problemáticas, as mais-valias, as forças e aos constrangimentos do território.

Entrevistador: O Projeto trabalha especificamente com o Agrupamento?

Entrevistado: O Agrupamento faz parte do consórcio de gestão do projeto, o que isto quer dizer: Nosso modelo de gestão é um modelo de gestão por consórcio, do qual, fazem parte um conjunto de 9 instituições em que a Impulsar é a instituição promotora e gestora, é responsável pela parte financeira e responsável pela implementação de todas as atividades e de toda a parte técnica do projeto e é a instituição que responde pelo projeto. Isto é um financiamento público do Alto Comissariado para as Migrações, mas todas as decisões têm que ser tomadas em conjunto e tem que se dar conhecimento aos membros do consórcio. O Projeto, atualmente está na 8ª geração do Programa Escolhas, nós começamos na 6ª. A 6ª geração teve 3 anos, portanto, já fomos Projeto E6G depois, fomos Projeto E7G esta geração a 7ª durou 2 anos e agora, somos Projeto E8G é uma geração que vai iniciar agora em abril e também terá a duração de 2 anos. O Agrupamento está presente em todas as gerações, tem sido sempre um parceiro muito envolvido, muito presente e sempre parte do consórcio. Eu reúno com os membros do consórcio de dois em dois meses, depois os membros do consórcio têm que aprovar o plano. Quando era na 6ª geração, era um plano mensal de atividades. Agora, é um plano trimestral, de três em três meses eu tenho que dar a conhecer o plano de atividades

previstas e os membros do consórcio tem que aprovar, tem que fazer a aprovação dos relatórios técnicos, que é um relatório semestral e um relatório anual, tenho que fazer comprovativo dos seus contributos de cofinanciamento que pode ser um cofinanciamento em gênero, não é um contributo financeiro. Portanto e obviamente apoiamo-nos, por um lado na implementação das atividades, por outro lado na sinalização de possíveis participantes e beneficiários e por outro lado, é um trabalho de complementariedade no sentido de correlatar as necessidades da comunidade.

Entrevistador: De que forma o Projeto é divulgado junto à comunidade local? Qual o processo que é realizado por parte das famílias para participar das iniciativas do projeto? Tem alguma matrícula? Como que funciona?

Entrevistado: Bem, isto funciona muito atualmente, no passa palavra. A entidade que nos encaminha, digamos assim mais participantes, é de facto o Agrupamento. São professoras específicas de algumas escolas aqui limítrofes, que sugerem que determinada criança poderia beneficiar-se se estivesse aqui enquadrada nestas atividades. Por outro lado também temos outros parceiros que encaminham participantes, nomeadamente CPCJ, as vezes o próprio hospital a nível das consultas de desenvolvimento e de psicologia infantil. Ao nível da comunidade, portanto, é muito passa a palavra e é muito conhecer através de meninos que aqui andam, temos de facto muita procura. Nós na realidade, não temos capacidade de resposta porque o espaço é muito pequeno. Portanto, nós não conseguimos acolher tantos meninos como gostaríamos e sobretudo na atualidade (covid-19) e portanto, essas condicionantes muitas vezes levam-nos a não aceitar todas as candidaturas, digamos assim. Há, naturalmente, um processo de inscrição. Portanto, as famílias quando vêm, há muita gente que vem aqui por iniciativa própria que não vem encaminhado por nenhum tipo de serviço, e nesse sentido nós procuramos perceber se há algum enquadramento pra criança ou jovem participarem nas nossas atividades. Porque nós, de facto, dirigimos com um conjunto específico de população, as pessoas, as crianças e jovens não pagam qualquer valor e portanto, o grande objetivo é no fundo fazer com que estas atividades estejam acessíveis a todos e promover aqui a educação, a melhoria dos resultados escolares, a promoção do sucesso escolar em parceria com questões relacionadas com a cidadania, com a questão do diálogo intercultural.

Entrevistador: Há muitas etnias aqui?

Entrevistado: Sim, sim. Nós temos muitos meninos da comunidade marroquina, temos uma grande comunidade ucraniana, temos também alguns meninos de países lusófonos e uma comunidade brasileira também, muito grande.

Entrevistador: No âmbito da promoção da relação com a família. Quais as atividades que são desenvolvidas aqui no projeto que mais motivam as famílias a participarem?

Entrevistado: Ok. Eu acho que esta, de facto, é a grande dificuldade de quem trabalha com crianças e jovens. Na minha experiência tem sido esse o grande desafio, envolver as famílias, porque de facto atualmente, andamos todos muito ocupados, muito na correria. Tudo o que implica envolver os meninos corre tudo bem, o que implica o envolvimento dos encarregados da educação, das famílias, as vezes não corre como nós esperávamos. Nós não desistimos e temos sempre esse objetivo, queremos sempre atingir essa meta, mas tem sido muito complicado. Temos feito coisas diferentes como: já fizemos um programa de promoção de competências parentais, que não resulta, ninguém vem para ter formações pós-laborais, de facto há muita baixa adesão e pouca assiduidade. Grande adesão temos, por exemplo, quando existem determinados festejos de final de verão ou de natal em que nós convidamos as famílias, em que os miúdos apresentam qualquer coisa e as famílias pra isso vêm e envolvem-se. Quando há exploração de uma determinada oficina, vão mais de encontro aqueles que são de seus interesses, por exemplo: houve um workshop de maquiagem com coisas caseiras e aí, tivemos uma enchente de mães. Mas se fizermos uma coisa de comunicação não violenta, não chegamos lá. Uma atividade que também tem grande procura, nós tínhamos uma atividade de partilha de pratos típicos de cada região. Havia aqui, uma troca de saberes e de sabores, aí conseguimos envolver e mobiliar também algumas pessoas. Temos uma atividade específica para as famílias, tendo em conta o nosso dissídio social o qual nos inserimos, temos uma abordagem específica de promoção da língua portuguesa para as mulheres marroquinas. Temos uma turma exclusivamente feminina e formada por mães de crianças que aqui andam, em que nós verificamos que eram pessoas que viviam aqui há imensos anos e não sabiam pedir uma alface no supermercado ou não sabiam e não tinham qualquer competência de comunicação na língua portuguesa e nós achamos que tínhamos que captar essas pessoas, capacitá-las e

empoderá-las para que sua vida possa ser mais facilitada. Também, temos tido alguma adesão em algumas tertúlias sobre a questão do cyberbullying, sobre as questões das redes sociais que é uma questão muito atual para as famílias e nos quais, notamos que há algum receio. Mas tudo que implica esta vinda ao projeto após, que não seja só buscar a criança, temos tido alguma dificuldade. As famílias procuram-nos muito para pedir consultas de psicologia, para pedir terapias da fala que nós também promovemos aqui, fazemos o rastreio. O rastreio é feito às crianças e depois, havendo enquadramento por parte da segurança social, as crianças passam a ter esse tipo de atendimento especializado, mas o único envolvimento da família é fazer esse pedido. Não conseguimos, por exemplo, implementar uma terapia familiar ou qualquer coisa ou uma terapia mais sistémica.

Entrevistador: No âmbito da relação com a comunidade, que atividades são desenvolvidas e quais as parcerias fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho?

Entrevistado: Então, as parcerias fundamentais e basilares do projeto são os membros do consórcio. Os membros do consórcio na atual geração, nesta 8ª geração, são: o Instituto Politécnico de Leiria, são a CPCJ de Leiria, a Câmara Municipal de Leiria, a União de Freguesia, o Agrupamento, a Unidade de cuidados à comunidade Dr. Arnaldo Sampaio que é ali no centro de saúde, Rede Europeia de Pobreza ou APM Portugal núcleo de Leiria e o Centro de Respostas Integradas ou CRI de Leiria. Nós temos duas parcerias com a ARS Centro, uma a unidade de cuidados à comunidade e a outra, este centro de respostas integradas e por fim, o consórcio faz parte da própria rede Inpulsar. Depois, parcerias estratégicas no terreno desde sempre com o Speak que é um projeto de competências linguísticas que implementa de facto estes cursos de promoção do português. Temos também, uma parceria estratégica com o IFP para o encaminhamento de cidadãos estrangeiros que se pretendam fazer a certificação formal do português e temos criado bastante turmas com muitos imigrantes, pois isto é uma zona com uma grande taxa de famílias imigrantes e portanto, tem vindo a criação de cursos de nível A1, A2, B1 e B2 de português. Parceria estratégica com as próprias escolas em concreto. Depois temos pontualmente, quando fazemos algumas atividades de âmbito mais comunitário temos parcerias aqui mais locais, por exemplo: Club Desportivo e por aí afora. No final de 2020 contávamos com 42 parceiros e que já de alguma forma contribuíram ou desenvolveram alguma atividade em parceria conosco.

Entrevistador: Neste número já entra também os voluntários?

Entrevistado: Não. Aqui são instituições. Depois, pessoas voluntárias já é em outro âmbito. Os voluntários normalmente apoiam nas atividades, aqui os voluntários do Redes tem sido muitos voluntários para o apoio ao estudo e também, as vezes, para atividades específicas como por exemplo: A quinta-feira é dia de jogos de tabuleiro e as vezes, temos voluntários que vêm dinamizar estas sessões. As vezes, temos voluntários que vêm dinamizar por exemplo, nós temos uma atividade que é a promoção e a inserção, um primeiro contacto com o mundo profissional em que vêm imensos voluntários falar da sua profissão aos miúdos e fazem um bocadinho da orientação vocacional, fazem perguntas.

Entrevistador: A partir das atividades do Projeto, qual o impacto e resultados, no caso, as mais-valias que foram identificados no desenvolvimento integral dos alunos?

Entrevistado: É assim, sobre isso em relação ao impacto, isto é todo um âmbito que nós não temos tido capacidade de medir. O que eu posso falar, é das metas que nós temos conseguido atingir. O ano passado tínhamos várias metas, nomeadamente, a promoção do sucesso escolar. Ano passado tínhamos 56 participantes diretos, que são o que, são as crianças e jovens que participam com regularidade pelo menos três vezes por semana aqui e que tem algum nível de risco psicossocial identificado. Nós, o ano passado destes 56 houve a retenção de 3 alunos. Depois, outro dos resultados é melhorar competências, é a promoção das competências das TIC's de informática. Temos sempre a atingir as metas a que nos propomos, as metas quantitativas porque fazemos essa avaliação de seis em seis meses e também, foi superada. Depois tínhamos também, o desenvolvimento de competências promotoras da interculturalidade e do diálogo intercultural e também, conseguimos atingir as metas estabelecidas. Portanto, eu acho que se espremendo isto em termos de impacto eu acho que temos tido por um lado, temos conseguido concretizar aquilo a que nos propomos e por outro lado, efetivamente, as pessoas continuam a nos procurar e mesmo agora durante o confinamento nós nunca estivemos fechados, tivemos sempre com atividade presencial porque a população com a qual trabalhamos não tinham meios para por exemplo, aceder as escolas. Nós garantimos, por um lado o acesso à escola, é a nossa função garantir o acesso à escola à todos

particularmente, à população com a qual trabalhamos. E por outro lado, garantimos também a entrega das refeições escolares. O que nós verificamos é que nossas famílias aqui da quinta da alçada não estavam a usufruir das refeições porque não tinham como ir à escola, então nós asseguramos o transporte e a distribuição porta a porta. Agora, quando começou o desconfinamento aos meninos do 1º ciclo, isto tem sido um bocadinho aqui desafiante, porque temos tido meninos de 1º ciclo aqui e em contemporaneamente com meninos do 2º ciclo aqui a assistir as aulas porque não tem computadores em casa, não tem internet. Tem sido aqui uma gestão de espaço assim, algo complicado. Mas de facto, é pra isso que cá estamos. Há meninos que nós acompanhamos aqui desde o 2º ano de escolaridade e que atualmente estão no 8º. Sim, isso é muito engraçado, há meninos que nós conhecemos mesmo já há muitos anos e que continuam a vir aqui e isto é bocadinho casa. Casa no sentido de um sítio seguro, um sítio onde eles sabem que estão acompanhados em que podem falar, podem se divertir, podem aprender, podem descobrir, podem investigar e é isso que se pretende, é mostrar o mundo e mostrar coisas positivas e saudáveis do nosso mundo porque coisas más, a maioria deles já tem em casa.

Entrevistador: Quais as principais dificuldades e constrangimentos que o projeto aqui enfrenta, além do espaço físico?

Entrevistado: Essa é uma das grandes dificuldades, o espaço físico é muito pequeno. Equipa muito pequena face as metas que nos propomos e que somos muitas vezes obrigados a negociar com o financiador que quer sempre que a gente faça mais com menos. Os principais constrangimentos é um financiamento altamente burocrático e portanto, na verdade quando eu deveria estar dedicada a estar com as famílias, a promover atividades, eu passo a maior parte do meu tempo em burocracias. Portanto, e é isto (pausa para pensar) sinto sempre que não, nunca consigo fazer. Hoje eu dizia aos meninos, eu todos os dias não consegui acabar as coisas que tenho para fazer porque de facto estes projetos com estes financiamentos públicos são altamente, já para se conseguir um pagamento as vezes é difícil e depois, são altamente burocráticos. Também está precariedade da própria estrutura, do próprio projeto. Porque nós na verdade no final de cada geração, supostamente, o projeto termina. Nós temos conseguido garantir no final de cada geração, portanto, no caso foi a primeira geração terminou em 2018 e nós conseguimos três meses, até o segundo projeto ser aprovado,

conseguimos o financiamento da Câmara. E agora, este janeiro, fevereiro e março também estamos a ser financiados pela Câmara de Leiria. E agora felizmente, veio a aprovação da nova geração, mas podia não ter vindo. E portanto, se não tivesse vindo teríamos por um lado a população, a comunidade ia ficar sem essa resposta e a equipa também ia ficar sem emprego. Portanto, esta precariedade. Isto na verdade não deveria ser, na minha opinião, não deveria ser um projeto, deveria ser uma resposta social, deveria ser uma coisa muita mais abrangente, com outro tipo de apoios e com outro tipo até de valências.

Entrevistador: Com base nos desafios encontrados no contexto social da comunidade local e após a realização das iniciativas aqui do Projeto, quais as conquistas e os resultados identificados nas famílias e na comunidade?

Entrevistado: Pronto. Aqui, se calhar teria que fazer, tem que ter uma resposta um bocadinho mais setorial. Pra já, cada família tem suas necessidades em específico e depois, cada família tem seu contexto cultural e social concreto que as vezes é diferente do nosso no qual nos inserimos, por exemplo: sensibilizar as famílias da comunidade marroquina que não é vir aqui deixar as crianças literalmente a porta. Aqui há um bocadinho o entendimento que isto é, e é verdade, isto é uma porta aberta mas há aqui algumas regras. Então, passar este funcionamento, não é fácil. E depois, há aquelas conquistas básicas, de que as crianças têm que trazer lanche, o lanche tem que ser saudável, eu falo estas coisas para nós são essenciais e essa sensibilização das famílias para estas questões é muito difícil. É muito difícil, quanto mais diferente é a cultura e quanto mais enraizados as pessoas tem determinados hábitos, pronto, porque as pessoas muitas vezes não fazem as coisas por mal, fazem as coisas porque é assim que aprenderam e é assim que se faz e as vezes, esta disponibilidade das famílias para mudança, para por exemplo: nós temos muitos meninos que durante a semana inteira estão sempre com a mesma roupa porque há um entendimento que, por exemplo, nós temos algumas famílias do Brasil em que há o uniforme e vão sempre com aquilo e depois ao fim de semana é que nos vestimos como queremos e aqui, há muitas vezes a repercussão deste modelo. E nós identificamos estas coisas e trabalhamos em conjunto com as famílias no sentido de promover por um lado, um estilo de vida saudável, por outro lado, a higiene e por outro lado, criar condições para que as pessoas possam fazer essa mudança. Não é exigir a mudança por si, é portanto tentar aqui, dialogar. É um

trabalho a longo prazo e por isso, como eu disse, nós temos muitas famílias que já nos acompanham há anos e portanto, eu acho que estas conquistas que se vão fazendo, quando começa a ver os meninos que vêm já com outros cuidados de higiene, que a mochila já é a família que supervisiona. Eu acho que as grandes problemáticas aqui dos meninos do Projeto, é pra já, a quantidade de tempo que passam em auto-gestão, é assustador. Porque os pais têm empregos precários, horários que não se compadecem com os de uma criança e com os da escola e portanto as crianças passam, estão entregues a si próprios. E portanto, a partir do 2º ano já te sabes a vestir sozinho, então já te sabes organizar, a organizar a mochila, fazer o lanche. Nós temos crianças agora nas férias, de manhã que literalmente vêm de pijama para aqui, que por exemplo, eu percebo e ainda bocado falava com um menino, eu percebo que o lanche não foi arranjado, o lanche que estava a comer hoje foi o que sobrou de ontem. Isto tem a ver com a vida moderna, isto tem a ver com os nossos empregos, isto tem a ver com a organização da sociedade e efetivamente, as crianças não estão em primeiro plano para nada. Em termos de políticas sociais, em termos de políticas laborais o que nós concluímos, por exemplo: Já no primeiro confinamento, a última fração de população a ser desconfinada foram as crianças e ainda continuavam confinadas até ao limite. Primeiro dizia-se as pessoas, "vão para os centros comerciais, vão isso, vão aquilo", mas as crianças continuavam em casa. E agora, já houve este desconfinamento para as do 1º mas as do 2º e 3º ciclos continuam confinadas, as do secundário confinadas ficarão. E portanto, há um bocadinho muitas vezes esta subversão das políticas. E depois, os pais trabalham, não estão em casa, não acompanham, não há suporte familiar e como nós trabalhamos com muitas famílias imigrantes o que acontece: não há rede. E portanto, o pai está a trabalhar, a mãe está a trabalhar e não tem ninguém, não tem o avô, a avó, tia, tio e muitas vezes entrega a um amigo "ah! Minha vizinha da frente que fica com mais três ou quatro crianças", mas as vezes pode não ser uma resposta de confiança e portanto, temos aqui muito destas situações. E, quando nós começamos a observar estas primeiras mudanças, estas conquistas, este reconhecimento, é de facto impactante. Por exemplo, nós já trabalhamos aqui há algum tempo e este ano os filhos do Imame, como se fosse o padre da mesquita, pôs aqui os seus filhos e portanto, é um bocadinho o reconhecimento de que de facto há aqui alguma confiança por parte da comunidade na qual nos inserimos. Porque nós estamos aqui todos os dias, nós nunca fechamos nas férias, todo ano, nós só fechamos aos feriados de resto, nunca fechamos e portanto, acho que reconhecem isso e sabem isso.

Entrevistador: Neste momento, quais as dificuldades e constrangimentos identificados referente ao desenvolvimento integral dos alunos e à relação das famílias, comunidade e Projeto?

Entrevistado: Sim. E também dizer aqui alguns constrangimentos que nós agora no terreno vamos observando. Vamos observando que eles ao nível de pré-escolar são cada vez menos, parecem-nos menos estimulados por exemplo, pra questões como saber cortar, saber manusear o lápis. Porque nós verificamos que miúdos do 1º e 2º ciclo não sabem cortar, não sabem pintar bem, essas coisas da preensão fina que se adquirem no pré-escolar. Notamos que não existem hábitos de leitura, as crianças não sabem organizar os seus cadernos diários, o seu estudo. Notamos que o tempo de atenção deles é muito diminuto. Notamos que eles têm muito mais conhecimento, muito mais do que nós tínhamos naquela idade e do que gerações passadas, mas eles não sabem o que fazer com ele, com esse conhecimento. Ou seja, eles têm informação, a informação chega mas as vezes não sei até quando as cabecinhas estão preparadas para, pronto. Notamos um grande atrasado ao nível, nós promovemos muito aqui no Redes saltar a corda, nos intervalos são: saltar a corda, jogar o elástico, pronto. Nós temos muitos meninos que não sabem saltar a corda, imensos, imensos, não sabem saltar de pés juntos pra cima. Depois, temos também, a questão da língua portuguesa não ser a língua materna, não haver horário de estudos em casa, muitas vezes não há condições pra as crianças e jovens realizarem os seus estudos em casa ou porque não há luz em casa ou porque são três dentro de uma sala e um é bebé e tá a berrar. Isto agora no ensino online foi um caos. Muitos não têm internet, muitos não têm computador, muitos têm um telemovel top de gama mas não sabem usar, é uma falácia achar que as pessoas porque tem telemovel sabem mandar um e-mail, não sabem! As pessoas com quem nós trabalhamos, as famílias, não sabem mandar e-mail, não sabem receber e-mail. Claro que há exceções é claro que sim, mas a grande maioria tem uma utilização de redes sociais, ponto final. E portanto, as pessoas de facto tem que serem capacitadas a esse nível e achar que as pessoas por acederem, por utilizarem aplicações informáticas sabem fazer, é mentira, não sabem. Depois, muitas outras dificuldades, também temos questões de integração, também eu acho que ao nível das políticas de acolhimento e imigração de imigrantes ainda há muito a fazer aqui, a muita falta de informação

mesmo ao nível das instituições públicas, as pessoas muitas vezes não são disponíveis e portanto, nós trabalhamos com essas famílias que as vezes já passaram por longos processos e as vezes até traumáticos de procura de ajuda, procura de serviços e as pessoas as vezes ficam um bocadinho assim encalhadas, ficam um bocadinho desfocadas e tristes e portanto, temos que trabalhar isso neste sentido, o acolhimento e a integração.

Entrevistador: Qual é a resposta que a escola dá em relação ao projeto?

Entrevistado: O Agrupamento de Escolas, eu acho que é um Agrupamento notável, com um corpo de docentes muito sensível a comunidade e ao dissídio social ao qual se insere, tem um diretor genial e sensível a todas as questões e portanto, trabalhamos em parceria e só não fazemos mais porque não podemos, porque de facto, as vezes detectamos determinada necessidade no terreno ou o Agrupamento detecta e trabalhamos em conjunto no sentido de, pronto. Por exemplo, em relação aos computadores foi assim, nós no confinamento passado o Projeto fez uma campanha, nós recolhemos dezenas e dezenas de computadores, formatamos, conseguimos recuperar 13 computadores e distribuímos a meninos que não tinham. Agora, tínhamos aqui muitos computadores, fomos conseguindo outros tantos e colocávamos os computadores a disposição das crianças aqui e portanto, sempre tudo em comunicação com o agrupamento.

Entrevistador: Então, o Projeto não é apenas uma resposta a aprendizagem dos alunos mas também, a aprendizagem da cidadania, ao desenvolvimento familiar, é uma extensão da casa, para ensinar competências e habilidades não apenas do saltar, do recortar mas também do saber comunicar-se com os outros e conviver.

Entrevistado: Sim, nós temos atividades de educação emocional, atividades de promoção da cidadania, atividades lúdico-pedagógicas, temos o centro de inclusão digital que é a nossa sala de informática, portanto temos uma série de valências.

Entrevistado: Agradeço imenso o tempo que dispensou aqui pra eu perceber um pouquinho mais qual a relação e as mais-valias que traz para o Agrupamento e agradeço imenso a colaboração.

